



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**Faculdade de Formação de Professores**  
**Programa de Pós-graduação em História Social – Mestrado e Doutorado**

**CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO**  
**Área de Concentração em História Social do Território**  
**Linha de Pesquisa: Território, Relações de Poder e Movimentos sociais**

**“EN LAS ENTRAÑAS DEL MONSTRUO”:** Anti-imperialismo e Nacionalismo no processo de independência de Cuba sob a ótica da obra martiana (1868-1898).

Gilberto dos Santos Silva

Orientador: Profa. Dra.Christiane Laidler Vieira

**São Gonçalo**  
**2018**

Gilberto dos Santos Silva

**“EN LAS ENTRAÑAS DEL MONSTRUO”:** Anti-imperialismo e Nacionalismo no processo de independência de Cuba sob a ótica da obra martiana (1868-1898).

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientador: Profa. Dra.Christiane Laidler Vieira

**São Gonçalo**

**2018**

Gilberto dos Santos Silva

**“EN LAS ENTRAÑAS DEL MONSTRUO”: Anti-imperialismo e Nacionalismo no processo de independência de Cuba sob a ótica da obra martiana (1868-1898).**

Dissertação apresentada como requisito parcial obtenção de título de Mestre, ao Programa de PósGraduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadora: Prof. Dra. Dra.Christiane Laidler Vieira FFP – UERJ

---

Banca Examinadora: Prof. Dr. Gabriel Passetti  
Universidade Federal Fluminense - UFF

---

Prof. Dr. Eduardo Scheidt Universidade do Estado do Rio de Janeiro -  
UERJ

---

**São Gonçalo  
2018**

## **DEDICATÓRIA.**

Dedico este trabalho às duas pessoas que fazem com que minhas vivências e experiências convirjam a um ponto nodal, compartilhar nossas existências. À minha filha, Cíntia Dorneles Silva e à minha esposa, Sybelle Ramos Dorneles com amor e Carinho.

## **AGRADECIMENTOS.**

Este difícil e desafiador trabalho não teria sido possível sem a inexorável colaboração de diversas pessoas que de alguma maneira fazem parte de meu tortuoso cotidiano. Seria impossível aqui elencar cada uma destas preciosas contribuições pois ultrapassaria, e muito, o escopo deste pequeno espaço. Contudo faz-se necessário destacar algumas imprescindíveis pessoas para que pudesse realizar este ousado intento. Agradeço em primeiro lugar à minha Orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.Christiane Laidler Vieira por sua solicitude, dedicação e incansável paciência com meu, por vezes lento processo de criação. Aos professores que pude compartilhar de um conhecimento que muito contribuiu para minhas elucubrações, em particular o Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Gelson Rozentino que entusiasmado com minha dedicação a tão precioso tema, me brindou com sugestões significativas ao meu trabalho. Aos meus queridos colegas de turma que com seus ombros me amparou nos momentos mais difíceis desta trajetória e por poder compartilhar das ricas trocas de conhecimento e experiências em nossas aulas.

Ao meu pai e minha madastra pela incansável ajuda ao longo de minha formação, à minha esposa e filha pela paciência ante minha insuportável estupidez nos momentos onde a carga de trabalho e de estudo foram sufocantes e, por fim, aos meus alunos da rede pública e privada com os quais convivo a maior parte dos meus dias e que me dão, à sua maneira, razões de sobra para continuar na luta por um mundo melhor e mais justo.

## RESUMO

SILVA, Gilberto dos Santos. “EN LAS ENTRAÑAS DEL MONSTRUO”: Anti-imperialismo e Nacionalismo no processo de independência de Cuba sob a ótica da obra martiana (1868-1898). 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

A presente pesquisa tem como ponto de partida a análise da obra do intelectual cubano José Martí na construção do nacionalismo em Cuba no processo de independência da ilha do jugo colonial espanhol no final do século XIX e o fecundo anti-imperialismo como desdobramento deste constructo histórico. Para tal empreitada analisamos a trajetória de Martí como político e intelectual exilado neste processo de de construção de sua ideias. O objetivo é vincular toda esta monumental obra as bases ideológicas do nacionalismo cubano e na formação do conceito formulado por ele de “Nuestra América”, assim como o pioneirismo de um anti-imperialismo direcionado aos Estados Unidos que serviu como base para diversos movimentos neste sentido que surgiram no século XX. Para tanto nos debruçamos a volumosa obra reunida em diversos volumes que compõem as fontes aqui analisadas para problematizarmos as vicissitudes do fenômeno do nacionalismo no Novo Mundo.

Palavras-Chave: José Martí. Nacionalismo. Imperialismo. Anti-imperialismo.

## **ABSTRACT**

The present research has as its starting point the analysis of the work of the Cuban intellectual José Martí in the construction of nationalism in Cuba in the process of independence of the island of the Spanish colonial yoke in the late nineteenth century and the fruitful anti-imperialism as an unfolding of this historical construct. For this work we analyze the trajectory of Martí as politician and exiled intellectual, in this process of construction of his ideas. The objective is to link all this monumental work to the ideological bases of Cuban nationalism and to the formation of the concept formulated by him of "Nuestra America", as well as the pioneering of an anti-imperialism directed to the United States that served as a base for several movements in this sense that emerged in the twentieth century. In order to do so, we turn to the voluminous work assembled in several volumes that compose the sources analyzed here to problematize the vicissitudes of the phenomenon of nationalism in the New World.

Keywords: José Martí. Nationalism. Imperialism. Anti-imperialism.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: UM BREVE HISTÓRICO DE CUBA COLONIAL (1511-1898).....	14
1.1- A Conquista: do extermínio da população autóctone a escravidão africana.....	14
1.2- Ocupação e colonização: da feitoria à exploração do tabaco e do açúcar.....	24
1.3- Exploração e resistência: da resistência indígena e africana aos primeiros movimentos rebeldes na ilha.....	34
1.4- O conturbado século XIX: da formação das diversas correntes políticas às guerras de independência.....	39
1.5- Notas de uma perspectiva dialética sobre o processo independentista de Cuba.....	46
CAPÍTULO 2: JOSÉ MARTÍ: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E MILITANTE DE UM CONSTANTE EXILADO.....	51
2.1- Os Intelectuais na História e a História dos Intelectuais: Uma breve análise.....	51
2.1.1- O desenvolvimento da História enquanto disciplina no conturbado século XX.....	52
2.2- Infância rebelde: o precoce envolvimento de Martí na Guerra dos Dez Anos.....	56
2.3- Um longo exílio: A formação intelectual e militante do “Apóstolo” da Independência e sua vivência como exilado na Espanha, no México, na Guatemala, na Venezuela e nos EUA.....	67
2.3.1-A Espanha: Amadurecimento intelectual e a institucionalização do saber, A formação universitária na efervescente Espanha da segunda metade do século XIX.....	68
2.3.2- México: o primeiro contato com o Liberalismo conservador em “Nuestra América”.....	75
2.3.3- Guatemala: Ditadura, indigenismo e questão social na pena do exilado.....	78
2.3.4- Venezuela: Entre o sonho de Bolívar e o pesadelo de Gúzman Blanco.....	87
2.3.5- EUA: A derradeira gesta independentista nas “nas entranhas do monstro”.....	89
2.3.6- O fatídico retorno à Cuba: de herói à mártir.....	92
CAPÍTULO 3: NACIONALISMO, IMPERIALISMO E ANTI-IMPERIALISMO NO PROCESSO INDEPENDENTISTA CUBANO SOB A ÓTICA DAS IDEIAS MARTIANAS.....	94
3.1- Nacionalismo: um debate teórico.....	94

<b>3.2- Imperialismo e anti-imperialismo: uma breve análise.....</b>	<b>106</b>
<b>3.3- A “Nuestra América”: As ideias de Martí na forja de uma necessária identidade cubana e latino-americana.....</b>	<b>116</b>
<b>3.4- “Um povo metalizado”: a “Outra América” e as advertências de Martí acerca do perigo do “Vizinho do Norte”.....</b>	<b>126</b>
<b>3.5- O impacto das ideias de Martí na formação do nacionalismo cubano e o desfecho do processo de independência de Cuba.....</b>	<b>136</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>142</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>144</b>
<b>BIBLIOGRAFIA GERAL.....</b>	<b>144</b>
<b>BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA.....</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO.

O tema que aqui se pretende refletir, remete-se ao processo de independência de Cuba na segunda metade do século XIX onde, a par de um nacionalismo peculiar em relação aos processos de mesmo tipo no continente europeu, nos remete a um importante componente neste processo, a saber o fecundo anti-imperialismo desenvolvido ao longo deste processo. É mister salientar que tal processo de construção deita raízes não somente no século XIX, no contexto das guerras independentistas, mas sobretudo na obra e no papel do apóstolo da independência, Jose Martí e do seu legado teórico acerca do nacionalismo anti colonial e, posteriormente ,anti-imperialista, que serviu como plataforma política das diversas tendências nacionalistas surgidas e inseridas na conturbada e efervescente vida política cubana após sua independência.

Mais do que uma necessária análise do particular nacionalismo forjado nestes idos e de caráter necessário no também particular processo de independência de Cuba, já que esta seria o último domínio do antigo sistema colonial espanhol, pretendemos analisar a partir da obra e da militância na trajetória de José Martí o germe de um antiimperialismo direcionado principalmente aos EUA, que ao longo deste período ensaia seu projeto de dominação imperialista na região, vista como seu quintal. Dentro desta perspectiva, tal processo apresenta mais uma particularidade histórica. A independência de Cuba e seu complexo processo se insere em dois momentos históricos importantes: a luta contra o antigo sistema colonial (no caso sua luta contra o anacrônico jugo espanhol) e ao mesmo tempo um ensaio da resistência ao neocolonialismo que se inicia no final do século XIX e se desdobra ao longo do século XX logo após sua independência, tutelada pelos Estados Unidos, e a implementação da Vil Emenda Platt que estabeleceu na ilha uma “República mediatizada” como tão bem destacou o professor Florestan Fernandes.<sup>1</sup> Tal pressuposto fez de Cuba o exemplo mais fidedigno do que se convencionou chamar de neocolonialismo nas Américas e lhe reservou um papel de protagonista nas conturbadas relações entre a potência do Norte e as demais nações latino-americanas no final do século XIX e ao longo da centúria seguinte.

---

<sup>1</sup> FERNANDES, Florestan. Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Resulta justamente deste conflituoso processo um dos mais paradigmáticos nacionalismos de “Nuestra América” junto a um pioneiro anti-imperialismo e que, à guisa de análises sistemáticas, carece de estudos que aprofundem o entendimento deste rico e complexo fenômeno político que inserido está, de forma nevrálgica, na própria História de Cuba a partir de seu processo de independência e na História da América Latina ou “Nuestra América”, como passou a chamar Martí, os povos ao sul do poderoso vizinho do Norte. Assim, o tema deste trabalho se remete a uma análise do processo de formação de um pioneiro e peculiar anti-imperialismo na obra do “Apóstolo” da Independência Cubana José Martí, paralelo à construção do também particular nacionalismo cubano, percorrendo a trajetória que se deu desde a primeira Guerra independentista, iniciada em 1868 até a inacabada e tutelada independência em 1898, enfatizando um pensamento forjado no calor de tão fecundos eventos em que se inscreve toda a obra de um intelectual e militante do porte de José Martí.

Último baluarte do jugo colonial espanhol no Novo Mundo, Cuba, a “pequena notável” ilha caribenha, a poucas milhas do que viria a ser a maior potência imperialista do mundo contemporâneo, se destaca como paradigma no que diz respeito ao estudo do “conceito de nacionalismo no Novo Mundo”, como bem salientou o professor Marco Pamplona em obra organizada em parceria com o professor Don H. Doyle e cuja relevância deu, aos esforços do estudo do conceito nas Américas, um sentido norteador.<sup>2</sup> Partindo do pressuposto de que, desde sua descoberta ainda no Século XV e sua conquista nos primeiros anos da centúria seguinte até sua inserção e alinhamento ao campo soviético em plena Guerra Fria, este pequeno pedaço do Caribe guarda, no interior de seu processo histórico, características que a tornaram ímpar no estudo sobre o continente. Sobretudo no campo da história política da época contemporânea.

Destarte é razoável supor que tal relevância seja no mínimo merecida. Desde seu mais remoto passado colonial, onde ocupou papel importante para a Metrópole espanhola no que diz respeito ao domínio de áreas de exploração e escoamento das riquezas das minas, até a história recente onde, na geopolítica mundial desperta as mais diversas paixões e interesses acadêmicos de diversas áreas das ciências sociais, Cuba representa uma rica fonte de objetos ainda não explorados e que, à espreita de possíveis pesquisas, esperam fazer parte do rol da historiografia da América em geral e da América Latina em particular.

---

<sup>2</sup> PAMPLONA, Marco A. & DOYLE, Don H. (org.). Nacionalismo no Novo Mundo: A formação de Estados Nação no Séc. XIX, Tradução: Waldéia Barcelos. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Antes de nos determos nos argumentos que venham a sustentar a indiscutível relevância deste tema, se faz necessário salientar a escassa produção traduzida para o português dos processos históricos contemporâneos da América Latina em geral e do Caribe em particular. Os poucos estudos sobre Cuba existentes no Brasil ou se limitam ao enfoque da segunda metade do século XX, alijando da análise o final dos oitocentos e a primeira metade dos novecentos, ou tem recortes de natureza cronológica ambiciosa que comprometem um estudo mais aprofundado, quiçá eficiente. É escassa também, aqui no Rio de Janeiro, a produção de monografias, dissertações e teses sobre Cuba em geral e quase inexistente sobre Cuba no século XIX em particular. É fato também a negligência dos historiadores brasileiros acerca do tema. A América Central e Caribe não se encontram na pauta da academia e, quase sempre, são relegados ao esquecimento ou a um papel secundário no que diz respeito a produção historiográfica. As poucas obras disponíveis são na maioria de outras áreas das ciências sociais ou de jornalistas, escritores e demais profissionais interessados neste tão atraente e frutífero objeto. A consequência nefasta de tal situação é a carência de análise de cunho histórico dos processos em questão. A importância do estudo do caso cubano acerca do fenômeno do nacionalismo remete-se a natureza peculiar de sua construção, principalmente no que diz respeito ao anti-imperialismo imputado ao fenômeno expressado, em linhas gerais, na percepção de Martí sobre o perigo do imperialismo, particularmente dos Estados Unidos, sobre o destino da futura república de Cuba.<sup>3</sup>

É razoável supor que um estudo aprofundado e detalhado sobre o tema traga à tona a necessidade de discutir sobre as relações entre Cuba e EUA nos idos contemporâneos e com isso refletir sobre tal relação, não só no que diz respeito à Cuba como com toda a América Latina. A partir da pseudo-independência em 1898 e a chancela da tutela imposta pelo EUA caracterizada pela Emenda Platt e que estabeleceu o domínio dos yankees na ilha, a vida política desta pequena parte do Caribe se torna um verdadeiro caldeirão efervescente de ideologias, projetos e aspirações de uma sociedade que não havia concluído seu processo de autonomia haja vista sua imbricada situação neocolonial. O nacionalismo engendrado por Martí, assim como seu pioneiro anti-imperialismo, e que serviu de motor ideológico na luta dos Mambises pela libertação ante o império hispânico, é (re)inventado e (re)construído através das diversas correntes políticas

---

<sup>3</sup> Para um excelente trabalho biográfico sobre o mártir da independência e que faz uma análise bem estruturada do legado teórico de Jose Martí, problematizando historicamente seu pensamento sobre “Nuestra América ver: RODRIGUES, Pedro Pablo. Martí e as duas Américas. 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

surgidas ao longo da primeira metade do séc. XX que reivindicam o nacionalismo do apóstolo da independência.<sup>4</sup>

Uma recente obra de um historiador da USP, José Rodrigues Mao Júnior, se debruça sobre a questão nacional e seu vínculo com a Revolução Cubana. Há, em sua análise, uma preocupação em destacar a importância do mal estudado fenômeno do nacionalismo como condicionante do intrincado processo histórico que vai de 1868, data da primeira guerra de independência de Cuba, até o movimento encabeçado por Fidel (1953-1959), que culminou com a tomada do poder pelas forças rebeldes<sup>5</sup>. A importância deste livro se remete a ênfase ao polêmico debate acerca da relação entre Marxismo e a Questão Nacional e a determinação do autor da necessidade de reavaliar a posição marxista acerca do nacionalismo, este visto como um mero erro teórico, sem importância e até mesmo nocivo ao projeto político do Marxismo. Esta proposta de pesquisa está calcada no entendimento de que o processo histórico que vai das primeiras gestas independentistas até a fatídica Emenda Platt representa solo propício para o estudo do fenômeno do nacionalismo na América Latina, se enquadrando como paradigma do conceito em questão e de um antiimperialismo que será apropriado em outras searas a partir de então. A identidade nacional forjada no processo de lutas políticas no seio do processo independentista, assim como sua invenção e reinvenção na sociedade cubana ao longo do século XX e suas variadas apropriações, se mostram como relevantes expressões de um conceito negligenciado na historiografia latino-americana.

É razoável supor a partir daí que o estudo sistematizado do conceito possibilite um entendimento mais satisfatório do processo revolucionário cubano que inserido está nos movimentos revolucionários da América Latina Contemporânea e ocupe um papel de destaque nos estudos historiográficos buscando esclarecer de forma satisfatória os estudos acerca do fenômeno e o caráter do processo. É justamente neste sentido que esta pesquisa pretende se debruçar no intuito de alcançar tal objetivo.

---

<sup>4</sup> GOTT, Richard. Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ED., 2006. Embora o livro de Gott tenha pretensões cronologicamente ambiciosas e que utilize uma linha de corrente interpretativa que não valoriza categorias econômicas imprescindíveis ao estudo do processo histórico de Cuba, não deixa de ser um respeitado trabalho de síntese e instrumento caro aos estudiosos deste tema.

<sup>5</sup> MAO JÚNIOR, José Rodrigues. A Revolução Cubana e a questão Nacional (-1868-1963). 1ª edição, São Paulo. Núcleo de Estudos d'O Capital. 2007.

## CAPÍTULO 1: UM BREVE HISTÓRICO DE CUBA COLONIAL (1511-1898).

*"O tempo, como uma substância líquida, vai cobrindo, como uma máscara, o rosto dos ancestrais mais afastados, ou pelo contrário, esse mesmo tempo se arrasta, quase se deixa absorver pelos jogos terrenos, e amplia a figura até lhe dar a textura de um Desmoulin, de um Marat com os punhos fechados, golpeando as variantes, os ecos, ou o tédio de uma assembléia termidoriana."*

José Lezama Lima..

### 1.1- A Conquista: do extermínio da população autóctone à escravidão africana.

As profundas marcas do eurocentrismo na historiografia de regiões da periferia do mundo capitalista fazem com que análises de processos anteriores a presença europeia na região se restrinjam basicamente a reflexões de contribuições da arqueologia, da etnologia e da antropologia. Contudo, ao longo da segunda metade da centúria passada e início deste século o interesse e, conseqüentemente, os estudos sobre o que convencionou-se chamar período paleoíndio vem se desenvolvendo de forma sistemática e promissora.

Os estudos sobre a América, de maneira geral, e de Cuba em particular divergem acerca dos primórdios da presença humana em Cuba do exato período deste processo.<sup>6</sup> Sabemos contudo

---

<sup>6</sup> Manuel Moreno Fraginals em seu importante livro "Cuba –Espanha-Cuba aponta as dificuldades acerca da determinação do início da ocupação do território cubano, deduz que é razoável supor que um lento povoamento tenha se iniciado há não menos que 6000 anos. MORENO FRAGINALS, Manuel. Cuba-Espanha: uma história comum; tradução Ilka Stern Cohen- Bauru, SP: Edusc, 2005. P.21. Eduardo Torres-Cueva, em obra didática, mas não por isso menos apurada, aponta a presença do homem em Cuba a partir das primeiras migrações há cerca de aproximadamente dez mil anos. TORRES-CUEVA, Eduardo. VEGA, Oscar Loyola. Historia de Cuba (1492-1898): Formación e Liberación de la Nación. Editorial pueblo y educación. Playa, ciudad de la Habana- 2001. P.01. Sabemos da divergência acerca destas datas e não nos aprofundaremos sobre este debate pois não é o objetivo aqui. Uma apresentação razoável sobre este tema já nos atende com os objetivos cruciais deste trabalho. Outrossim o

que esta ocupação provavelmente se deu através de diversas rotas formadas tanto ao norte como ao sul das antilhas, ou seja da parte norte (Flórida) e central (Yucatán) da América e do norte da América do sul da ampla zona florestal Amazonas-Orenoco formando um imenso e complexo processo de ocupação que, provavelmente abrangeu inúmeras gerações nômades ou seminômades. Três grandes grupos se destacam nesta formação: Guanahatabey, Siboney e Taína. Estas formações ao longo da ocupação territorial caracterizaram o processo de desenvolvimento de diversos grupos humanos, que por vezes são apresentados de uma forma evolutiva e teleológica que, embora oriente a análise, também a sobrecarrega de pressupostos arbitrários e valorativos. Nesta exposição os Guanahatabey e os Siboneys são vistos como formações mais arcaicas, e com isto menos desenvolvidas, e os Taínos como os mais evoluídos grupos humanos que ocuparam a Ilha dando os contornos de um complexo sócio-político às vésperas da conquista européia.<sup>7</sup>

Assim nossa preocupação nesta primeira apresentação é estabelecer com necessária clareza os contornos de um território ocupado de forma lenta e gradual ao qual gerações inteiras impuseram as marcas de uma variedade de complexos etnico-culturais corroborando os recentes estudos que defendem a imensa diversidade cultural do continente americano. É mister também salientar que, embora existam respeitáveis estudos sobre o tema como o do linguista búlgaro TzvetanTodorov<sup>8</sup>, que lança luz sobre aspectos psicológicos e culturais da conquista, carecemos ainda de análises aprofundadas sobre os impactos deste processo no alvorecer do colonialismo europeu e na formação da sociedade colonial que irá se desenvolver apartir de então e no sentido de entendermos tanto as marcas violentas e destrutivas deste processo, quanto as verdadeiras

---

cuidado em destacar a particularidade desta ocupação em Cuba ao longo do tempo se faz necessário para atender as demandas de nossa exposição, principalmente apartir da conquista e ocupação deste particular território espanhol nas Américas.

<sup>7</sup> Para uma razoável síntese deste processo, sugerimos os capítulos introdutórios dos livros de Manuel Moreno Fraginals e de Eduardo Torres-Cuevas. Estas sínteses, embora em alguns pontos divergentes, esboçam uma cuidadosa análise das diversas ondas migratórias para a região e suas contribuições na formação sócio-econômica e política do período paleoíndio de Cuba, ou seja, antes da chegada dos espanhóis. Ultrapassa o escopo deste trabalho uma exposição mais detalhada deste período e por isso optamos por uma síntese que não conseguirá escapar da superficialidade natural das generalizações. Esperamos porém, que a bibliografia aqui indicadas possa ao menos compensar as lacunas oriundas de uma síntese.

<sup>8</sup> TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América: a questão do outro. Tradução:Beatriz Perrone Moisés.- 4ª ed.- são Paulo; Editora WMF Martins fontes, 2010.- (Biblioteca do pensamento moderno)

causas da fatídica derrota das populações nativas, sua morte física e seu esvanecimento cultural como desdobramento do arcabouço colonial que se inicia na conquista, ocupação e exploração européias.

Sabemos que as causas e os desdobramentos das grandes navegações, também conhecida como Expansão Marítima e Comercial Europeia estão inseridos em um processo histórico marcado pela transição de duas formações sociais com modos de produção sucessivos, a saber, o Feudalismo e o Modo de Produção Capitalista que se estabelece de forma efetiva a partir das grandes Revoluções Burguesas. Assim visto, o colonialismo forjado nestes idos como resultado e desdobramento natural deste tipo de empreendimento torna-se um dos principais pilares do peculiar desenvolvimento econômico que marcará a agenda política e econômica de boa parte das chamadas potências europeias neste período.

O recém unificado reino espanhol torna-se pioneiro, junto a Portugal, neste processo e, a par do projeto de contorno da África pelos portugueses com o fito de inaugurar uma nova rota em direção ao “Éden” mercantil das Índias, cuja rota terrestre-mediterrânica, então dominada por Árabes e Italianos, diminuía em larga medida os auspiciosos lucros de mercadores europeus, lança-se em uma imprevisível aventura de um arriscado investimento ao apoiar o projeto do Jovem navegador genovês, Cristóvão Colombo, que buscava chegar às Índias navegando intermitentemente em direção ao Ocidente. Claro está que os resultados de tal empreendimento não atenderam aos imediatos interesses da coroa espanhola, contudo após a percepção de não haver encontrado as Índias e sim um novo continente, expedições foram direcionadas do insular Caribe já ocupado para áreas do continente, inaugurando sua efetiva conquista e posterior colonização.

Como supracitado, o papel de Colombo neste processo se encerra de forma não tão exitosa. Embora seus descendentes tenham gozado dos louros da “descoberta”, o navegador genovês morrera pobre e frustrado em um ostracismo que lhe foi imposto pela coroa espanhola. As primeiras ocupações nas ilhas do Caribe servirão de trampolim para a efetiva conquista territorial e a lucrativa empresa colonial no continente. Das primordiais ilhas como a de Guaiaani, como era chamada pelos índios a ilha de San Salvador, batizada assim pelos espanhóis, até a necessária ocupação da “Jóia da Coroa”, Cuba, o empreendimento enfrentou controversos e numerosos obstáculos para sua realização e a conquista e ocupação de Cuba foi imprescindível nesta empreitada.

No que tange aos desdobramentos imediatos e a longo prazo das grandes navegações é notório que o colonialismo estabelecido em modelos variados nos territórios conquistados configura um dos elementos mais destacados deste processo. Embora o colonialismo da época moderna em diante nos apresente as balizas na formulação do conceito, outros modelos de colonização ao longo da Antiguidade Ocidental e Oriental, assim como as grandes conquistas do período medievo também participaram com significativa relevância no processo de ocupação e instrumentalização do planeta pelo homem. Em importante obra sobre a história das colonizações escreve Marc Ferro:

*Antes da colonização européia, houve a colonização dos gregos e dos romanos, é claro, mas também a dos árabes e dos turcos, que conquistaram a margem do mediterrâneo, parte da África negra e da Ásia Ocidental, e até a Índia, a qual por sua vez, no início de nossa era colonizaram o Ceilão, parte da península indochinesa e o arquipélago de Sonda. Sem mencionar os chineses, que exploraram as costas orientais da África, no século XV, e colonizaram o Tibete; e até os japoneses, que conquistaram e colonizaram Yeso pouco antes que os Russos chegassem a Sacalina e os Franceses ao Canadá.<sup>9</sup>*

Deste modo, a herança de conquistas passadas deixou profundas marcas no modelo de expansão territorial que caracteriza o colonialismo moderno, aqui estabelecido e vinculado às chamadas grandes navegações. Queremos com esta breve exposição destacar que o colonialismo como desdobramento da Expansão Marítima Européia não é, de forma alguma, exclusividade da Era Moderna, deitando raízes em processos mais remotos e enfatizando a continuidade dos processos históricos em detrimento de rupturas estruturais que norteiam alguns trabalhos acerca desta tema.

No caso de Cuba, sua efetiva ocupação, já que registros nos mostram que o próprio Colombo orientou expedições que ensaiaram ainda no século XV, a ocupação da maior das antilhas, se deu a partir de 1511 com o desembarque na ilha daquele que seria o responsável por

---

<sup>9</sup> História das Colonizações: Das conquistas Às independências, séculos XIII a XX. Tradução Rosa Freire d' Aguiar-São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Nesta obra o autor analisa as grandes colonizações, sob a ótica de um diálogo entre o colonizador e o colonizado lançando as bases para uma visão daqueles que por séculos foram explorados pelas potências européias.

estabelecer no insular território as bases para a conquista no continente. Diego Velásquez vem, investido pela coroa espanhola de plenos poderes para a empreitada e provavelmente teria alargado sua atuação na conquista espanhola na América se não esbarrasse nas desmedidas ambições de um outro grande conquistador, Hernán Cortés, que facilitado por suas estreitas relações com Velásquez, se tornou no lugar daquele o grande conquistador do México.<sup>10</sup> Em que pese suas desafortunadas relações com alguns de seus subordinados, Diego Velásquez foi, sem sombra de dúvida uma peça fundamental na conquista e ocupação de Cuba, o que lhe conferiu um lugar de destaque na História colonial de Cuba, como afirma Gott em seu livro publicado no Brasil em 2004:

Primeiro de uma longa lista de figuras carismáticas que deixaram a sua marca na história cubana ao longo dos séculos, Velásquez nasceu perto da cidade espanhola de Valladolid, em 1465. Ele é descrito como “um homem muito hábil, de uma beleza singular, maneiras agradáveis, grande popularidade e uma força de caráter orientada para a liderança e o comando eficiente de homens”. Visto por seus contemporâneos como um administrador competente, era tido como o homem mais rico das Américas no seu tempo. O prédio que afirmava ser sua residência e escritório ainda está de pé na esquina da praça principal de Santiago de Cuba, uma bela e proporcionada construção mourisca com janelas de treliça, e frescos pátios internos, com traços da arquitetura árabe de Damasco a Sevilha, e um lembrete de quão próximos foram a conquista das Américas e a Reconquista da Espanha Árabe.<sup>11</sup>

O desembarque de Diego Velásquez em Baracoa em 1511 foi marcada por uma expressiva resistência nativa que configura um dos primeiros obstáculos internos à conquista.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Em um clássico da respeitada historiografia cubana sobre o período colonial, Ramiro Guerra em seu Manual de Historia de Cuba, nos relata minuciosamente as intrincadas relações entre Velásquez e seu então subordinado Hernán Cortés e seus insidiosos desdobramentos que resultaram na autorização dada a Cortés pela Coroa Espanhola para comandar a conquista do México pelos Espanhóis, o que configurou manifesta traição sob os olhos de Diego Velásquez e seus correligionários. GUERRA, Ramiro. Manual de Historia de Cuba. EDITORIAL PUEBLO Y EDUCACIÓN. Calle 3ra. A nº.4605, entre 46 y 60. Playa, ciudad de La Habana. 1985.

<sup>11</sup> GOTT, Richard, Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006. P.28. Vista como uma obra enquadrada nos padrões da chamada Nova História e embora com limitações próprias a um manual, este livro, de leitura fácil e agradável nos coloca a par dos principais eventos desde a conquista até o alvorecer do século XXI. Em que pese as lacunas deixadas pelo autor e carecendo de um efetivo aprofundamento em questões estruturais do processo histórico cubano, nos possibilitou um balizamento cronológico e, por vezes temático, em nossa exposição neste capítulo de síntese histórica do período colonial em Cuba, sendo recorrentemente citado quando nossas generalizações por ventura pudesse comprometer nossa análise.

<sup>12</sup> Acreditamos que o resgate destes processos nos forneça insumos significativos para entender os diversos movimentos de resistência na ilha ao longo de todo o período colonial. O conflito de interesses, por vezes culturais e tantas vezes sociais demonstra que as contradições deste processo, a saber o período colonial em Cuba, estavam

Grupos nativos emigrados de Hispanola (Haiti) fugindo do extermínio naquele primeiro território ocupado efetivamente pelos espanhóis, se estabeleceram em Baracoa, região da costa oriental cubana mais próxima ao Haiti e organizaram os primeiros movimentos de resistência aos invasores espanhóis. Entre os mais significativos líderes da resistência se encontra o cacique Hatuey, que figura de forma lendária nos primórdios da história de Cuba e hoje é injustamente reduzido a uma marca de cerveja na Ilha. Embora em uma correlação de forças desproporcionais, Hatuey experimentado nas lutas de resistência no Haiti, impôs aos espanhóis uma dura labuta, pois não teriam tido lugar nos anais da história se diferente fosse. Ramiro Guerra nos dá uma significativa análise deste imbróglio quando afirma:

Los hombres con que contaba Hayuey, no obstante a atividade que parece haber desplegado, no ern quizás, dada la división del territorio em cacicazgos independientes, mucho más numerosos en las proximidades de Baracoa que los acaudilhados por Velásquez. Los taínos cubanos carecían de espíritu militar y de recursos para sostenerse, como gente no habituada a la guerra. Desprovistos de de toda classe de medios defensivos, entrabam en combate con sus “barrigas desnudas” según la gráfica expresión de Las Casas. À las ballestas y a los arcabuces de los españoles, las mejores armas ofensivas de principios del siglo XVI, solo podían oponer un tipo de flecha formado por una varilla de madera con la punta aguzada y tostada al fuego. Disparada a treinta ou cuarenta metros, poco o ningún daño podía hacer a los hombres de Velásquez. Contra la espada, el puñal, la pica y la lanza del español, en los combates cuerpo a cuerpo, el indio sólo disponía de un chuzo de madera, de la “macana” o garrote, y de la poco efectiva hacha de piedra, arma casi inútil contra soldados revestidos de cascos de metal y protegidos por petos y corazas. Los españoles contaban, aparte de lo dicho, con medios más seguros y abundantes de subsistencia, y con dos auxiliares de valor decisivo en la lucha que iban a emprender: el caballo y el perro, más temibles para el indio que el mismo guerrero cristiano. El perro bravo rastreador anulaba la ventaja del conocimiento del terreno. Utilizado pelos españoles, no había lugar suficiente oculto no refugio seguro para el indígena. Con la sola excepción del número, todas las ventajas se hallaban de parte de los conquistadores.<sup>13</sup>

Embora heróica, a resistência indígena redundou no massacre que se tornará regra da conquista e ocupação. Após ser preso e condenado à morte Hatuey foi queimado vivo, dando-nos mostra da crueldade, além da extrema violência, como instrumento eficaz da conquista espanhola. Outros focos de resistência indígena se reproduziram ainda com outro líder indígena

---

presentes desde os primeiros dias da conquista e que forjaram ao longo do tempo uma tradição rebelde que será percebida em diversos momentos da História de Cuba, tendo sua maior expressão nos movimentos do final do século XIX e aqueles que marcaram a segunda metade da centúria seguinte.

<sup>13</sup> GUERRA, Ramiro. Manual de Historia de Cuba. EDITORIAL PUEBLOY EDUCACIÓN. Calle 3ra. A n°.4605, entre 46 y 60. Playa, ciudad de La Habana. 1985. p.25.

de renome, Cagax, também refugiado de Hispaniola e aliado de Hatuey que continuou a luta embora tenha também sucumbido e pago com a vida pela ousadia de se levantar contra os espanhóis. Em algumas raras excessões a resistência indígena se traduziu em meteórica vitória, como os episódios em Bayamo em 1527 e nas cercanias de Santiago de Cuba em 1529, quando um número significativo de colonizadores foram mortos por índios rebeldes e o levante de índios montanheses chamados cimarrones atacou colonos em assentamentos isolados no início de 1520. Liderados por Guama, outro grande expoente da resistência indígena a luta durou mais de uma década quando em 1532, Guama foi morto pelas tropas espanholas e a resistência ficou a pontos isolados ao longo do século XVI. Decerto, o saldo da resistência foram milhares de nativos mortos e sua desesperada fuga para as montanhas e pequenas ilhas ao redor de Cuba, onde sua sobrevivência foi marcada por uma desesperada e fatídica espera pela extinção.

É razoável supor que a extrema violência perpetrada à população nativa ao longo da conquista caracterizará o processo de colonização de maneira geral na América e em Cuba em particular. Os objetivos dos conquistadores eram bem claros, ao passo que a percepção dos nativos acerca da chegada dos europeus em suas terras fora permeada por um misto de surpresa, receio e expectativa diante dos possíveis desdobramentos daquele encontro inusitado entre duas visões de mundo diferentes. A velocidade da conquista e a potencialização da violência como instrumento dela, aliado à uma visão de mundo completamente alheia aos mecanismos políticos e econômicos dos europeus, transformaram a resistência indígena em um mero obstáculo a ser superado pela sanha gananciosa dos europeus. Contudo podemos perceber que ao mesmo tempo que o extermínio da população nativa foi resultado natural da conquista e ocupação, pôde também surtir um efeito indesejado para o desenvolvimento da colonização, como tão bem salientou Gott:

Os *encomenderos* não cruzaram o Atlântico com a intenção de trabalhar. Eles queriam viver “com todo o conforto que lhe desejamos”, como tão vividamente expressara o seu monarca. O trabalho de arar e colher teria de ser feito por índios, a única mão-de-obra disponível.<sup>14</sup>

Assim, o extermínio indígena dos primórdios da conquista, poderia se tornar também em obstáculo para o projeto colonizador. Em que pese o papel de Bartolomé de Las Casas em sua

---

<sup>14</sup> GOTT, Richard, Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006. p.32.

luta contra o extermínio, pois foi desde os primórdios da conquista um sensível crítico das atrocidades cometidas pelos espanhóis à população nativa, o genocídio indígena tomou proporções inusitadas podendo comprometer uma efetiva exploração. O papel do clérigo, que tomou seus últimos cinquenta anos de vida, ficou conhecido nos anais da História, como o grande promotor da “Lenda Negra”, movimento de grandes proporções que denunciava na colônia e na metrópole as crueldades da colonização. Por conta deste incansável trabalho, a Coroa espanhola veio a tomar medidas importantes que, se não evitou a matança e a exploração, ao menos buscou atenuá-las. Logo após a efetiva conquista, a ocupação passa a ser o próximo passo para o estabelecimento da colonização. O sistema de *repartimiento*, estabelecido pela Coroa espanhola em que índios eram cedidos aos *encomenderos* como forma de abastecer os colonos de mão-de-obra para a empreitada colonial, buscava dar conta de um dos primeiros desafios da colonização, a consecução de braços para dar andamento ao projeto colonizador. A imediata alternativa para tal era a população nativa que vinha sendo exterminada pela conquista. Contudo não foi só a dizimação desta população o único obstáculo para sua arrigementação. Fugas, suicídios individuais e coletivos fizeram com que o uso de mão de obra indígena se apresentasse como pouco produtor para os fins imediatos da ocupação e exploração. Para tentar diminuir os impactos dos obstáculos vários índios foram trazidos de ilhas vizinhas do Caribe como Hispaniola, reduto primevo dos espanhóis na América.

De Baracoa, primeira capital colonial de Cuba, Diego Velásquez começa a imprimir as primeiras marcas de sua administração. A meia dúzia de centros de ocupação na Ilha, soma uma vasta área ainda não explorada e ocupada por índios que resistiram ao extermínio. Em algumas destas regiões, no futuro, negros fugitivos aliados a estes índios remanescentes formariam uma destacada forma de resistência na Ilha. Os *palenques*, como ficaram conhecidos, eram redutos isolados nas montanhas ou nas pequenas ilhas na costa cubana, que por longo tempo atacavam de surpresa os núcleos de colonização espanhola e, embora pouco estudados, se destacaram também como ferramenta de resistência à dominação européia naquela parte insular das possessões espanholas. Realidade que dificultava em muito a assoberbada função de Velásquez, que percebia que a exploração econômica de Cuba enfrentaria outros obstáculos além da carência de mão-de-obra. Quando a opção pelo trabalho dos índios se mostrou insuficiente, a alternativa de mão-de-obra escrava negra se tornava latente. Os primeiros escravos negros trazidos pra Ilha, provinham principalmente da Espanha que desde o final do século XV já utilizava este tipo de trabalho. Sua

intensificação foi se dando ao longo dos séculos, quando Cuba começava a definir vocação econômica enquanto colônia.

Assim foram marcados os primeiros anos da conquista espanhola na ilha. O esforço em aniquilar as populações nativas junto ao difícil processo de povoamento, alicerçado no modelo encomendero, os conflitos entre os responsáveis pela empreitada, inerente ao início do processo de conquista e ocupação se aliaram às primeiras frustrações econômicas naquelas searas. A ânsia de encontrar grandes quantidades de ouro no interior do território fez com que diversos empreendimentos com este fim naufragassem ante a parca existência deste metal na ilha. Daí uma ocupação estratégico-militar começa a se delinear, principalmente após a descoberta de grandes reservas de ouro e prata nas possessões continentais por Cortês e Pizarro. Sobre a exploração de ouro em Cuba Ramiro Guerra esclarece:

El oro no se hallaba en Cuba sino en escassa cantidad en ciertos yacimientos mineros o en la forma de pepitas mezcladas con la arena de ciertos rios. La explotación industrial por excelência no fue la mina propiamente dicha, sino o “lavadero de oro”. Los lavaderos de oro se establecían generalmente a la orlla de los rios o arroyos en cuyas arenas se descubrían partículas del rico metal, aunque también los había en ciertos yacimientos auríferos. En primer caso, las arenas se recogían y ‘lavaban’ en el mismo lugar; en el segundo, la tierra que contenía las partículas era transportada y “lavada” en la corriente de agua más próxima. Los granos o pepitas se fundían después en crisoles. Libre ya de las mayores impurezas, el metal líquido se vertía en moldes, en los cuales tomaba la forma de barra o lingotes. El valor se determinaba por el peso; y variaba según la mayor o menor calidad y pureza del oro. El trabajo de las minas y lavaderos, en su totalidad, se efectuaba por indios encomendados o por esclavos negros, bajo la dirección y vigilancia del encomendero o de los agentes de este.<sup>15</sup>

Esgotadas as possibilidades de tornar a ilha um grande produtor de ouro, começa a se esboçar uma orientação econômica que em princípio voltada para o abastecimento interno, através da agricultura e pecuária, desdobra-se também nos principais núcleos de povoamento, de vocação portuária e comercial que, por muito tempo, será a grande atividade econômica de Cuba. Com o desenvolvimento da extração de ouro e prata no México e no Peru, a ilha se torna um importante entreposto comercial e peça fundamental no controle deste lucrativo negócio para a

<sup>15</sup> GUERRA, Ramiro. Manual de Historia de Cuba. EDITORIAL PUEBLOY EDUCACIÓN. Calle 3ra. A n°.4605, entre 46 y 60. Playa, ciudad de La Habana. 1985. p.36. Nesta obra, embora publicada com o desprezioso título de Manual, nos dá senão uma aprofundada, uma detalhada análise deste período. O autor sugere que após esta primeira tentativa de exploração colonial, Cuba passa por un processo de hibernação onde o desenvolvimento de atividades econômicas vão se limitar à produção de gêneros alimentícios pra abastecimento interno. Contudo o padrão de vida dos primeiros colonos demandava produtos que inevitavelmente teria que ser importados da metrópole. Assim a vocação para o comércio portuário começa a se delinear neste período.

Coroa espanhola. Velásquez transfere seu quartel general de Baracoa para Santiago de Cuba e o projeto colonizador começa a ser oxigenado por novos objetivos concomitantes com a conquista e ocupação no resto do continente. Uma efetiva organização colonial vai se desenhando com o fito de estabelecer relações mercantis entre a ilha e a metrópole. A Casa de Contratação criada em 1503 e aperfeiçoada em 1505, que tinha como objetivo centralizar, vigiar e dirigir todo o comércio com o Novo Mundo, acompanhada do sistema de porto único e do sistema de frotas é intrumentalizada para um maior controle daquele pedaço do Império colonial Espanhol, que se tornaria a chave para o envio das riquezas oriundas da América Espanhola.

Las riquezas de la Nueva España la convirtieron en el mayor emporio que hasta entonces había tenido la Corona hispana. Un activo intercambio comenzaba a generarse. Entre estas tierras continentales y Europa se encontraba Cuba. Una nueva ruta de navegación comenzó a consolidarse. En lugar de viajar contra la corriente del Caribe, de Yucatán a Santiago de Cuba y La Española para luego adentrarse en el Atlántico, resultó la vía naturalir hacia la costa norte de la mayor de Las antillas, a la bahía de La Habana, y de ahí, impulsado por la Corriente del Golfo (*Gulf steam*), transitar el oceano hasta donde ésta termina, las costas occidentales de Europa. De esta forma, el puerto habanero adquiriría una importancia fundamental en cualquier estrategia española para la defensa de su nascente imperio, y en la de sus enemigos, para perforar la solidez de éste.<sup>16</sup>

Claro está que que esta nova posição estratégica de Cuba para o Império Espanhol não escapará as influências das intrincadas e complexas relações entre as potências européias neste período. Por conta de seu tardio envolvimento nas Grandes Navegações França, Inglaterra e Holanda não reconheciam acordos e tratados fetios de forma bilateral entre Portugal e Espanha, como o Tratado de Tordesilhas, que monopolizava as terras conquistadas apartir da Expansão Marítima promovida de forma pioneira por estas potências. Assim, estes países começaram a ocupar terras que ainda não haviam sido ocupadas pelas coroas ibéricas e invadir outras de frágil proteção. Além disso com a potencialização da extração de metais preciosos pela Espanha, seguida de seu efetivo modelo de escoamento destas riquezas apartir de Cuba, as ameaças de invasão recaíam sobre a ilha na peculiar forma de pirataria e atividades corsárias, estas legitimadas pelas coroas inglesa e francesa, que se lançaram em diversos momentos no objetivo de invadir e ocupar a “jóia das Antilhas”. Atividades de piratas e corsários marcarão a vida política e militar de Cuba efetivamente até finais do século XVIII. As primeiras incursões de

---

<sup>16</sup> TORRES-CUEVA, Eduardo. VEGA, Oscar Loyola. Historia de Cuba (1492-1898): Formación e Liberación de la Nación. Editorial pueblo y educación. Playa, ciudad de la Habana- 2001. p.69.

Invasão estrangeira na ilha se deram em 1536 por corsários franceses que, legitimados pela guerra contra a Espanha, aprisionaram às portas de Havana, três navios espanhóis procedentes de Nova Espanha, fazendo incursões na costa cubana o que fez com que a Coroa espanhola decidisse construir a primeira fortaleza na Ilha em 1538 em Havana nomeada de Real Fuerza, sendo ela a segunda Fortaleza construída na América. Com o crescimento do comércio impulsionado pela rota dos metais preciosos as ambições estrangeiras se avolumaram. Em 1555 outro corsário francês, Jacques de Sores empreendeu diversos ataques na ilha saqueando Santiago de Cuba e atacando Havana, marcando o início de turbulentos conflitos entre a corsários e a administração metropolitana em Cuba. Ramiro Guerra nos dá uma minuciosa descrição dos ataques de corsários franceses em Cuba no século XVI. Apresenta de forma didática as causas imediatas destas atividades assim como seus desdobramentos para a incipiente administração espanhola na ilha. Aponta as fragilidades do sistema de frotas da Espanha e de sua também frágil defesa ante aos ataques corsários. Destaca o empreendimento de Sores como o mais emblemático caso de invasão neste período e como prenúncio do que estaria por vir ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Richard Gott em seu livro afirma, talvez de forma exagerada, que o ataque de Jacques de Sores provocou os sinais de um “nacionalismo embrionário” ao unir índios, negros libertos e colonizadores contra a invasão francesa.<sup>17</sup> Outros episódios marcarão as diversas tentativas de Invasão em Cuba ao longo do período colonial, como a ameaça de invasão ( que ficou apenas na ameaça) do temido corsário Francis Drake no final do século XVI, de ingleses e holandeses como o Almirante Piet Heyn, da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, no século XVII e, por fim , as fatídicas invasões Inglesas que marcaram todo o século XVIII cubano.

## **1.2- Ocupação e colonização: da feitoria à exploração do tabaco e do açúcar.**

O processo de ocupação e colonização de Cuba obedeceu a marcos característicos do modelo colonial espanhol que em vários aspectos se diferenciou de seus correlatos europeus no continente americano. A urgência de uma ocupação efetiva provocada pela precoce descoberta de

---

<sup>17</sup> GUERRA, Ramiro. Manual de Historia de Cuba. EDITORIAL PUEBLO Y EDUCACIÓN. Calle 3ra. A n.º.4605, entre 46 y 60. Playa, ciudad de La Habana. 1985. Pp. 65 a 68.. GOTT, Richard, Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006. p.43.

metais preciosos nas regiões do atual México e Peru, deu ao empreendimento espanhol na América contornos diferentes daqueles estabelecidos em outras searas como na América Portuguesa, que na aparente ausência de metais preciosos conheceu um período de letargia colonial conhecido como Período Pré-Colonial. Como já dito, as costas cubanas já haviam sido visitadas pelos espanhóis comandados por Colombo desde o início da conquista. Há registros de uma expedição liderada pelo genovês em 1494, onde relata de forma amistosa suas primeiras impressões de um território que não sabia ainda ser uma ilha. A partir de 1511, com a efetiva ocupação da ilha por Velásquez, começa a se esboçar uma colonização embasada nos moldes do incipiente Império Espanhol. Baracoa torna-se ponta de lança da ocupação norteando o povoamento em alguns núcleos estratégicos na região. Os chamados *vecinos* arrendavam as terras dos responsáveis que organizariam o trabalho de fato, chamados *encomenderos*. Este modelo, segundo Gott, estabelecido pelos espanhóis nos territórios conquistados nas Guerras de Reconquista contra os Mouros na Península Ibérica, marcou o início da efetiva ocupação desta parte da América Espanhola. Gott nos dá uma apreciação oportuna acerca deste processo.

Conquista e colonização andavam passo a passo para os espanhóis. O modelo para Cuba foi estabelecido na própria Espanha nos séculos precedentes, quando os cristãos de Castela expulsaram lentamente a população árabe muçulmana do campo e finalmente do próprio continente. Lá, as terras recuperadas dos muçulmanos eram conhecidas como *realengas*, terras reais, a serem reconhecidas como propriedade do rei. Eram distribuídas a soldados e agricultores cristãos, que ficavam encarregados de cultivá-las e defendê-las contra o ataque muçulmano.

Este original sistema de ocupação de terra, típico da Espanha reconquistada, foi transferido sem qualquer emenda para as Américas, em primeiro lugar para Hispaniola e depois para Cuba. As terras da ilha foram declaradas propriedade do rei da Espanha e, em 1513, Ferdinando de Aragão emitiu um decreto estabelecendo os direitos e deveres dos seus futuros colonizadores.<sup>18</sup>

Como dito anteriormente, o primeiro obstáculo à ocupação foram os movimentos de resistência da população nativa, que a despeito de uma recepção senão calorosa, ao menos não hostil, foi violentamente reprimida com requintes de crueldade. Após este primeiro incidente, as expedições no interior da ilha, iniciadas antes deste período, em busca de metais preciosos norteou as ambições dos primeiros colonizadores do território, assim como os mecanismos de organização colonial. A feitoria, vista como primeiro modelo de colonização consistia basicamente no estabelecimento de fortalezas e vilas que buscavam transformar Cuba em um

---

<sup>18</sup> GOTT, Richard, Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006. p.31.

enclave, que permitisse atender às necessidades de outros territórios já ocupados, como Hipaniola, e a ocupar, como seria o caso da parte continental da América. Claro está que a possibilidade de encontrar ouro era sempre uma expectativa a se considerar. Em 1513, quando Velásquez se torna efetivamente governador de Cuba, a permissão dada pela Coroa para o *repartimiento* de índios e uma mais efetiva ocupação do território, embora em princípio o objetivo continuasse sendo utilizar Cuba como avançada fonte de abastecimento e retaguarda para a conquista continental, começa a dar os contornos de um estabelecimento efetivo, com vista a criar vínculos do colono ao território. O cerne deste modelo de colonização, que posteriormente se chamará *vecinidad*, consistia na concepção e criação de *villas* com claras vocações, a saber, criar uma base legal de organização política e garantir a concentração e permanência no território de um núcleo conquistador. Este modelo de *vecinidad*, que substituiu o modelo de feitoria, será por sua vez substituído pelo da plantation ou *poblamiento abierto*. Em relação à expansão da fundação de *villas* em Cuba, Eduardo Torres-Cueva nos dá uma noção geral quando afirma que:

En enero de 1514, se fundó la tercera villa, la de La Trinidad (posteriormente Trinidad), en una de las riberas del río Arimao (cerca de la actual baía de Cienfuegos) en la zona central de la isla. De ellas partieron, en direcciones opostas, Narváez y Velásquez. Entre abril e mayo de 1514, el primero fundó San Cristóbal de La Habana, en occidente de Cuba, y el segundo, Sancti Spíritus, en la reggión central. Con respecto a la ubicación de la primitiva villa de La Habana, se sabe que fue en la costa sur, pero aún se discute en qué parte. En los alrededores de 1517, La Habana fue trasladada a la costa norte, probablemente a los márgenes del río Casiguaguas, posteriormente llamado de La Chorrera y más tarde Almendares. Entre junio e julio de 1515 se fundó la única villa ubicada en la costa norte, Santa María del Puerto Príncipe (actual Camaguei), en la bahía de Nuevitas. Por último, a finales de agosto de 1515, quedó establecida la séptima y última villa fundada por Velásquez, Santiago de Cuba. Con la excepción de esta última, todas las villas creadas por Velásquez cambiaran con posterioridad sus sitios de asentamiento. Estos cambios se debieron a la búsqueda de oro, de concentraciones de población arborígena, de condiciones para la agricultura y, varias décadas después, de protección contra el ataque de corsarios y piratas. Un caso singular en este proceso fue el surgimiento de El Cayo o La Zavana (actual Remedios) fundada fuera de la estrategia velasquista por el original y atractivo personaje de Vasco Porcallo de Figueroa. Para 1515, cinco años después del desembarco de Velásquez, ya estaba formada la primera red poblacional de Cuba colonial.<sup>19</sup>

<sup>19</sup> TORRES-CUEVA, Eduardo. VEGA, Oscar Loyola. Historia de Cuba (1492-1898): Formación e Liberación de la Nación. Editorial pueblo y educación. Playa, ciudad de la Habana- 2001. p.51. Neste segundo capítulo de seu livro, o autor analisa detalhadamente o processo de colonização da ilha, nos mostrando, com riqueza de detalhes, a evolução dos modelos como a *factoría*, a *vecinidad* e a *plantaciones* que sucessivamente consolidaram a colonização espanhola na ilha. Cada uma atendendo às demandas do contexto da ocupação que, permeado pelas atrativas conquistas do continente, foram delineando o definitivo papel de Cuba neste primeiro período da colonização.

Outro importante fato que devemos aqui destacar é a substituição das Missões Religiosas pelo estabelecimento do Bispado em Cuba que se caracteriza pelo estabelecimento de redes paroquiais conforme o número de vilas. Este sistema de Bispado, até então, era realidade apenas na Europa o que destaca a particularidade da colonização espanhola na América em comparação com a portuguesa neste período que consistiu no envio de missões jesuíticas para ajudar na empreitada da colonização. As instituições políticas criadas para a instrumentalização da colonização foram transplantadas da metrópole para a colônia. A autoridade suprema estava nas mãos do governador, vassalo de rei que cedia as parcelas de terras realengas e repartia os índios como fornecimento de mão de obra. Em cada vila foi estabelecido um cabildo, uma espécie de câmara integrada por dois alcaides e três conselheiros, todos proprietários de terras que estabeleciam o vínculo entre suas funções econômicas e políticas.

A divisão de terras pela Coroa espanhola obedeceu em Cuba uma lógica que lhe é peculiar. Até 1550 a diminuição do número de colonos em razão da colonização do continente foi uma marca deste processo. Após este período uma tímida ocupação caracteriza o regime de feitorias. Áreas imensas não ocupadas por falta de estímulos materiais da metrópole e um rígido sistema fiscal e de monopólios marcarão o desenvolvimento de atividades urbanas na ilha que seu enfático papel de base na colonização do continente vai lhe conferir. Como o sistema de monopólios imposto pela coroa espanhola impede um desenvolvido sistema de produção mercantil voltada para o abastecimento das áreas colonizadas no continente, resta à Cuba o lugar de centro de importação de produtos enviados pela metrópole por estes monopólios e o de exportação, principalmente o escoamento de metais preciosos para a metrópole. Esta realidade, aguçada pelos conflitos entre a Espanha e outros países europeus irão fazer da atividade pirata e corsária tanto ameaça como fomento de atividades urbanas nas recém criadas vilas em Cuba. Havana por exemplo, com suas grandes reservas de madeira apropriada para a construção de embarcações, se torna um grande centro de propagação de estaleiros com o objetivo de construção e de concerto de avarias de barcos voltados para a proteção da ilha.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Em livro organizado pela Dirección Política de las FAR em 1967 e reimpresso sucessivas vezes até 1985 há um inventário preciso das atividades comerciais desenvolvidas na ilha e seu rígido e fatal sistema fiscal e de monopólios que fez com que o atraso fosse marca deste processo. Desenvolve uma análise destas atividades no século XVI e XVII, enfatizando fatores internos e externos que influenciaram a colonização nestes idos como os conflitos entre Espanha, França e Inglaterra que marcarão estes séculos de forma indelével e determinante no processo de colonização. FAR, Dirección Política de Las. História de Cuba. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1985. Uma

Ainda no século XVI, a Feitoria como primeira forma de ocupação colonial, após os entraves provocados pela escassa mão-de-obra, consequência do extermínio e resistência indígena, e pela intensa migração de colonos para regiões continentais das possessões espanholas vai paulatinamente sendo substituída, no final desta centúria, pelo desenvolvimento de uma pecuária voltada para a produção carne, couro, assim como porcos e toucinho defumado. Com uso de mão-de-obra negra escrava e indígena, esta atividade se desenvolve a partir da necessidade de abastecimento das vilas e das embarcações que passavam pela ilha que se potencializa com o desenvolvimento do comércio entre as colônias espanholas na América e a Metrópole. Faz parte também deste processo o encremento de atividades urbanas voltadas para o suporte do intenso comércio desenvolvido após a descoberta de ricas minas na região do atual México e na região de Potosí. Embora se consolide no século XVIII com o desenvolvimento de cidades e vilas de forte tendência comercial voltadas para o abastecimento interno e externo (áreas continentais de colonização espanhola), foi ainda no século XVII que se lança as bases deste empreendimento, pois a necessidade de estabelecer núcleos de colonização estratégicos fez com que a construção destes núcleos fomentassem a efetiva e difícil colonização da ilha.

Apartir do final século XVII, marcado pela disputa entre as potências européias pelo Caribe expressadas nas atividades de piratas e corsários, a preocupação com o desenvolvimento de atividades agrícolas, tendo como base a monocultura, e a pecuária começa a solapar as bases da *factoria* e da *vecinidad* como já chamamos a atenção em outras ocasiões aqui. O desenvolvimento da pecuária se torna ao longo do século XVII atividade essencial para o desenvolvimento de atividades econômicas que colocariam a ilha não apenas como porta de entrada para as ricas colônias continentais na América espanhola mas também como centro produtor de riquezas coloniais. Neste sentido, além da pecuária, a produção de tabaco, seguida do efetivo desenvolvimento da indústria açucareira, foi imprescindível neste processo que marca a transição do modelo de feitoria para o tradicional sistema de plantação (*plantation*).

---

outra excelente obra sobre o período que cobre os séculos XVII, XVIII, XIX e XX é a clássica obra de Julio Le Riverend que esboça uma análise minuciosa da formação econômico-social na ilha. Sobre este período que estamos discorrendo faz um debate significativo sobre as fragilidades do sistema colonial espanhol que provocará sua incipiente decadência a partir de suas contraditórias relações colônia/metrópole. A ausência da formação de um parque manufatureiro na Espanha que pudesse abastecer suas colônias fez com que grande parte das riquezas auríferas produzidas nas colônias tivessem como destino final, por meio da pirataria, contrabando ou comércio legal, países como França e principalmente Inglaterra. Esta e outras nuances da colonização neste período são analisadas com rigor pelo historiador cubano contribuindo para um melhor e mais completo conhecimento deste período. LE RIVEREND, Julio. História economia de Cuba. Havana: editorial de Ciências Sociales, 1985.

Originariamente consumido pela população indígena, o uso do tabaco foi rapidamente absorvido pelas primeiras populações de negros escravos em Cuba, que em determinado momento passa a cultivá-lo em benefício próprio, sendo logo após proibido pela administração colonial que estabelece, após a percepção da possibilidade de exploração comercial do produto, a regulamentação e a monopolização de sua produção e comércio, que passa ao logo do tempo a ocupar papel importantante nas atividades econômicas coloniais. Tal processo, iniciado efetivamente a partir do século XVII, inaugura na ilha uma particular ocupação fundiária que marcará este período da colonização. Em via de regra a organização para a produção de tabaco se deu a partir de pequenas propriedades e com uso reduzido de mão de obra, dada as particularidades de sua produção. Tais características fizeram com que, em princípio, o desenvolvimento desta atividade econômica forjasse um peculiar produtor que não compartilhava das vantagens de um grande proprietário, tal como se configurará na posterior indústria açucareira. Alguns especialistas apontam que a ocupação geográfica da ilha foi determinada pelas diferentes atividades econômicas ali desenvolvidas. No caso do tabaco, acabou por se constituir majoritariamente em pequenas e médias propriedades, com reduzido uso de mão de obra e, não raro, de propriedades de mestiços, negros e pequenos proprietários brancos.

El cultivo del tabaco se caracterizó en cuba por ser por lo general trabajo de hombres libres; esto se debía a que los cultivadores eran pequeños propietarios impossibilitados de poseer esclavos y que el tabaconecesitaba un cuidado y trato especial que no podían darle los esclavos sometidos a rudo trato.<sup>21</sup>

Concentrados na região oriental da ilha, esta significativa parcela de colonizadores, por suas modestas origens, enfrentou obstáculos ao pleno desenvolvimento de suas atividades na medida em que as autoridades metropolitanas, percebendo as vantagens comerciais e tributárias do cultivo de tabaco, estabelece monopólios na distribuição privilegiando comerciantes e especuladores, principalmente das regiões dos grandes portos como Santiago de Cuba e Havana em detrimento dos pequenos e médios proprietários da Região Oriental. Estas iniciativas provocaram, em diversas ocasiões, movimentos e manifestações de insatisfação que resultaram não raro em confrontos violentos contra a administração colonial. A lucrativa atividade dos

---

<sup>21</sup> FAR, Dirección Política de Las .Historia de Cuba.Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1985. p.54. Embora fortemente criticado pela academia e considerada uma obra de viés ideológico por conta de suas origens institucionais, esta obra nos traz significativas informações do vasto período colonial em Cuba, assim como análises importantes de problemáticas que, independente de suas posições, nos ajudam a entender as vicissitudes da colonização espanhola na ilha.

*vegueros* (nome em espanhol dado aos pequenos produtores e que, em uma tradução literal significa várzea, logo chamou a atenção da oligarquia açucareira, que a despeito de disputas de *terras realengas* entregues aos plantadores de tabaco, começa um encarniçado conflito pela posse de mais terras para o desenvolvimento do plantio de cana de açúcar que configurará a política colonial cubana com efetiva força a partir da metade do século XVIII em diante.

Em que pese a importância da produção de tabaco em Cuba, junto à pecuária e a produção de gêneros voltados ao abastecimento das frotas que passavam pela ilha e conseqüentemente seu significativo desenvolvimento comercial, o salto econômico significativo foi, sem sombra de dúvidas, o empreendimento açucareiro. Embora registros confirmem a produção de açúcar na ilha desde o século XVI, ainda nos primórdios da colonização, foi somente a partir do final do século XVII e início do XVIII que de fato iniciou-se a produção em grande escala deste produto estabelecendo-se como principal produto de exportação ao longo das centúrias seguintes e marcando de forma indelével os contornos da colonização espanhola e do desenvolvimento da sociedade colonial cubana.

O alvorecer do século XVIII envolve a ilha caribenha nos desdobramentos das conflituosas relações entre as potências europeias marcadas pelas disputas territoriais e coloniais no Caribe que influenciarão não apenas em conjunturas políticas, no que diz respeito a questões de caráter administrativo e militar, mas também nas estruturas econômicas de Cuba, neste caso na incipiente produção açucareira. Neste sentido o fantasma das invasões estrangeiras, patrocinadas por aventureiros e corsários ingleses e franceses, volta a assolar a ilha tirando a paz das autoridades metropolitanas espanholas. Os eventos que marcam todo o século XVIII também reconfiguram o próprio processo de colonização em meio a significativas transformações no cenário político europeu. Na medida que o Império Inglês se fortalecia e o declínio espanhol se tornava evidente, as tentativas de invasão da ilha se intensificam, assim como as aspirações de uma nova potência ao norte da América, ainda em processo de formação mas que não tardaria em esboçar suas pretensões na região.

Em 1741 a baía de Guantánamo foi palco de uma audaciosa investida inglesa marcada por interesses comerciais que ordenavam as atividades britânicas deste lado do Atlântico. O desembarque do experiente almirante inglês Vernon em 1741 iniciava o longo processo de incursões britânicas ao largo do Caribe em um já claro ensaio de sua ambição imperialista no Novo Mundo. A declarada guerra contra a Espanha nestes idos foi a justificativa da agressiva

invasão que representava, para Coroa britânica, a tomada de territórios imprescindíveis ao seu domínio comercial na região. Com o intuito de tomar Santiago de Cuba, estrategicamente por Guantánamo, onde por terra concluiria sua missão de conquistar um dos principais portos de Cuba e do comércio espanhol, foi surpreendido pelas armas espanholas que em dezembro do mesmo ano expulsaram o invasor inglês provocando perdas incalculáveis a Vernon. Contudo a odisséia do almirante inglês abriria caminho a maiores pretensões inglesas duas décadas depois.

Em 1761, com a justificativa de conflitos e disputas relacionadas ao o comércio de tabaco, então monopolizado pela Real Companhia de comércio de Havana, e envolvidas as potências na Guerra dos Sete anos entre França e Inglaterra, onde a Espanha aliada da França tem sua possessões no Novo Mundo ameaçadas pela poderosa marinha britânica e em meio a tensas mudanças administrativas na colônia, Havana é invadida pela esquadra britânica e ocupada durante onze meses. Após a assinatura do Tratado de Paris, que pôs fim a Guerra dos Sete Anos, Havana foi entregue novamente aos espanhóis em troca de alguns benefícios comerciais à Inglaterra. Segundo Friginals este imbróglio entre potências européias teve o mérito de provocar na ilha do Caribe um esforço de abnegada resistência que pode ser visto como ensaio de uma futura verve patriótica que em outras ocasiões será pleiteada pelo povo da ilha. Assim como o ato de fortalecimento das atividades de plantação e os tradicionais embates entre criollos e ibéricos (como eram chamados os peninsulares, ou seja espanhóis nascidos na Espanha, que gozavam de privilégios que os criollos não usufruíam). Ainda segundo este autor, a mobilização crioula, assim como de outros setores e grupos sociais de Havana, foi imprescindível na retirada dos ingleses da ilha e uma clara manifestação política e ideológica do que serão as sementes de uma identidade insular que caracterizaria futuros processos nas colônias espanholas na América. O conflito com os ingleses e os desdobramentos pra ilha após os acordos de paz após a derrota da França na Guerra dos Sete anos tiveram profundas repercussões no empreendimento açucareiro na ilha assim como em suas relações comerciais como um todo, visto que a Inglaterra, beneficiada nestes acordos, fortalece sua presença comercial no Caribe provocando mudanças substanciais na geopolítica desta região.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Nesta excelente obra, Manuel Moreno Friginals, analisa as intrincadas relações entre a colônia e a metrópole desde os primórdios da conquista e ocupação espanholas até os marcantes movimentos independentistas. Neste capítulo em particular analisa com apurada crítica as consequências políticas e ideológicas da invasão de Havana pelos ingleses como primeiro vetor de construção de identidade do que poderíamos chamar de nativismo. Ressalta também a importância deste evento para o fortalecimento das classes sociais envolvidas na incipiente produção açucareira na ilha que despontará como base da economia colonial de então. Destaca também os conflitos entre a

Podemos dizer que ao longo do século XVIII, principalmente na segunda metade desta centúria, eventos de caráter político influenciarão nos rumos econômicos de Cuba delineando sua conhecida vocação agrícola e se encaixando definitivamente como uma grande potência açucareira na região, o que moldará inclusive movimentos posteriores que marcarão a crise do antigo sistema colonial. Após a devolução da ilha à Espanha pela Inglaterra e o estabelecimento do reformismo “esclarecido” de Carlos III, que sob a administração de seu ministro, Conde de Campanares implantou medidas políticas, administrativas, tributárias e estruturais como construção de estradas que facilitariam o escoamento da produção açucareira, houve melhorias significativas para a produção agrícola. Em um momento conhecido como “descentralização”, surgiram na Espanha e nas colônias diversas Sociedades de Amigos del País, instituições patrocinadas pelo Estado com o intuito de promover a economia, a pesquisa social, iniciativas educacionais e inovação tecnológica. Sem pretensões políticas (por este motivo a ênfase no termo econômica no nome desta sociedade em Cuba) a confraria se aproxima dos criollos produtores de açúcar em na ilha ensaiando assim uma precoce manifestação de autonomia de uma elite ainda tímida em assuntos políticos. Neste contexto começam a se destacar incipientes intelectuais como Francisco de Arango y Parreño, de inclinação liberal que promoverá reflexões no seio da “sacarocracia” cubana no que diz respeito às suas relações com a Metrópole. Nas palavras de Gott, Parreño foi um destacado pensador liberal que teve uma manifesta influência nos rumos políticos da ilha que se descortinarão nos fins do século XVIII e, principalmente, no conturbado século XIX.

Arango foi um paladino do livre comércio e desempenhou um papel importante por toda a sua longa vida, persuadindo o monarca espanhol dos benefícios desta prática na ilha. Protonacionalista dado a entusiasmos modernistas, contrabalançando com um sentido forte de conservadorismo e hierarquia, Arango foi um precursor de iminentes cubanos que viriam depois, homens com interesses e preocupações similares para quem a ilha deve ter sempre parecido pequena demais.<sup>23</sup>

---

elite produtora de açúcar e os grupos sociais envolvidos no monopólio metropolitano do tabaco que dominava a política colonial nestes idos.

<sup>23</sup> GOTT, Richard, Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006. p.60. Assim como Francisco de Arango y Parreño, outros ilustres intelectuais como José Antonio Saco, Félix Varela e Juan José Díaz de Espada y Fernández de Landa, entre outros tantos, configuram o fértil pensamento cubano neste período, sendo precursores das diversas correntes políticas que se desenvolverão na ilha ao longo do século XIX e que permearão o longo processo de independência de Cuba.

A brecha aberta pelas medidas do “Despotismo Esclarecido” de Carlos III germinará na produção intelectual que inaugurará o desenvolvimento de um original pensamento cubano, incisivo nos movimentos políticos que marcariam a ilha nos próximos anos. A forja de intelectuais deste porte, em que pese sua importância na reflexão de aplicação de técnicas produtivas para a agricultura e promoção de um conhecimento científico sobre as particularidades deste reduto colonial espanhol, se tornará base do profícuo pensamento político cubano.

Outro importante acontecimento deste século que incidirá fortemente na história da mais estratégica colônia da Espanha neste período, será a Revolução negra do Haiti que, entre diversos fatores, contribui também para o promissor empreendimento açucareiro, na medida em que plantadores desta ilha se refugiam em Cuba trazendo capital, recursos e, principalmente, *Know how*. Não vamos nos dedicar aos pormenores de tão importante processo histórico, pois ultrapassaria o escopo deste trabalho. Aqui basta refletirmos sobre os impactos e o simbolismo deste processo, tendo em vista seu forte peso ideológico e seu impacto revolucionário. A idéia de uma revolução de escravos às portas de Cuba, acendeu receios no seio das elites brancas na ilha de um possível domínio do território da ilha pelos negros escravos e livres que até então eram parte majoritária da população. O “haitianismo”, como ficou conhecido, assombrou todo o continente americano promovendo o recrudescimento da dominação e exploração escravista e o incremento de medidas que tinham como objetivo anular qualquer tipo de ameaça ao domínio da elite branca crioula. Preocupações como a necessidade de “embranquecimento” via fortalecimento da imigração européia e substituição da mão de obra escrava por alternativas menos ameaçadoras como a imigração de chineses, chamados “cules”, para as atividades agrícolas em Cuba ensejaram um manifesto sinal da crise do escravismo colonial que também configuraria importante fator nos futuros desdobramentos na ilha.

Além do receio explícito à exportação da Revolução negra à Cuba, outro desdobramento de caráter econômico foi o incremento das atividades agrícolas na ilha. Refugiados chegaram a Cuba e com eles vultosos recursos que seriam convertidos em um salto significativo na produção açucareira, assim como o incipiente mercado do açúcar de Saint-Domingue que, com o sangüinário conflito, foi automaticamente transferido para os produtores cubanos. Gott nos dá uma razoável ideia da importância deste evento quando diz:

Essa injeção de energia migrante, Cuba mudou de uma colônia subdesenvolvida de pequenas cidades, fazendas de gado e de café, para o que mais tarde seria descrito como

“agronegócio”(…) “os novos colonizadores ajudaram a empurrar a agricultura cubana do século XVI para o século XIX, nas palavras de um historiador, e fizeram isto em apenas umas poucas décadas”.<sup>24</sup>

Assim o século XVIII se encerra descortinando prováveis mudanças no cenário político da ilha. O colonialismo, como qualquer forma de exploração, carrega em si contradições que por sua natureza provocam ao longo do seu próprio desenvolvimento, os germes de sua própria superação. Neste sentido ao longo dos séculos de exploração colonial com suas diversas articulações e modelos vão se estabelecendo também as bases de sua própria desarticulação. Aliado a isto os processos históricos que vão marcando as trajetórias das tradicionais potências europeias do século XVI, assim como os caminhos e descaminho que cada uma vai trilhando acabam por promover novas bases para os novos tempos que virão. Claro está que no caso de Cuba em particular este processo será permeado por vicissitudes que fazem do século XIX cubano algo de merecida relevância por suas especificidades. E para entendermos com clareza este momento, precisamos conhecer efetivamente as correntes políticas que se desenvolverão na ilha ao longo desta centúria. Para isto torna-se imprescindível analisar os progressivos movimentos de resistência colonial, ora explícitos ora velados, que permeiam a história colonial em Cuba.

### **1.3- Exploração e resistência: da resistência indígena e africana aos primeiros movimentos rebeldes na ilha.**

Como já vimos anteriormente ao longo de nossa análise a resistência à conquista, ocupação e exploração na ilha de Cuba foi expressiva desde seus primórdios. Desde às hostis recepções dos primeiros navegadores que ali desembarcaram às violentas rebeliões dos nativos ainda no século XVI, encabeçados por míticos guerreiros como Hatuey e seu sucessor Caguax, ambos migrados de Hispaniola e que maracaram os primeiros movimentos de resistência indígena na ilha, são claros os exemplos de que a história da colonização não pode e não deve ser entendida sem considerar o peso desta realidade.

---

<sup>24</sup> GOTT, Richard, Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006. p.62. Há que se destacar também que, em que pese o fantasma do haitianismo promovido pela Revolução, o número de escravos que ingressaram em Cuba neste período foi significativo o que potencializou o alarme das elites escravistas e configurou transformações latentes nas relações entre escravos e seus senhores. O número de alforrias aumentaram neste período como forma de atenuar os impactos negativos da mão de obra compulsória.

Além da valente e audaciosa resistência indígena que, por diversos fatores, não foi suficientemente capaz para dar outros contornos a história do colonialismo, há que se destacar também os pequenos, mas não por isso insignificantes, focos de rebeliões de colonos espanhóis no início da colonização provocados pelos incipientes problemas nos rumos da própria colonização da América como um todo. Sabemos que o grosso do interesse espanhol na América logo foi direcionado à parte continental das possessões espanholas, principalmente nas áreas de mineração, transformando as conquistas no Caribe em geral e em Cuba em particular em bases estratégicas para a exploração no continente. Cuba rapidamente se converte em ponta de lança deste empreendimento, principalmente como centro de abastecimento e porta de saída e entrada da Espanha nas promissoras áreas de exploração mineral na América. Não obstante a clareza do seu papel ante as áreas de exploração colonial, o processo de estabelecimento da colonização em Cuba foi tarefa árdua e de difícil conclusão e sua efetiva colonização se realizaria somente após vários imbróglios de caráter administrativo e econômico. As diversas tentativas de efetivar a colonização na ilha através do fomento a atividades econômicas foi a marca registrada de uma administração que não conseguia de fato alcançar os objetivos desta complexa empreitada. Do esvaziamento demográfico ao longo do século XVI a retomada colonial nas centúrias seguintes atividades como a pecuária e o comércio urbano de subsistência e abastecimentos das frotas que ancoravam nos principais portos de Cuba esboçariam setores sociais que foram se desenvolvendo aos trancos e barrancos em uma parte das possessões espanholas limitada pelo seu viés majoritariamente estratégico.

No final do século XVII e início do XVIII, a produção de tabaco, por mais atrativa que fosse sua comercialização, incipiente em suas origens foi obra de pequenos proprietários brancos, negros e mestiços que, a par de pequenos insumos e investimentos, mostravam o potencial deste tipo de investimento. Logo as autoridades metropolitanas e os ambiciosos comerciantes espanhóis alocados em Havana lançaram seus tentáculos monopolistas, não tanto na produção mas na distribuição, no lucrativo negócio. Assim não raro rebeliões lideradas por pequenos produtores de tabaco ensejavam a resistência dos colonos travestidas nas expressivas contradições deste modelo de colonização. Vegueros, como eram chamados os produtores de tabaco, organizavam-se de modo a reivindicar seus interesses ante a uma política repressivamente monopolística. Vários foram os embates ao longo do século XVIII que enfatizam e podem ser considerados

como um ensaio de resistência colonial, ou ao menos efeitos de uma natural contradição própria ao colonialismo.

O período que se desenvolve a partir do final do século XVIII foi marcado por eventos externos que alavancaram as mudanças que imprimiriam à história da colônia as marcas indelévels do progresso histórico. Em que pese as tímidas mudanças na política colonial neste período conhecido como de reformismo, em razão de uma série de reformas de um despotismo esclarecido que carregava em si os germes de sua própria superação, acontecimentos como a Independência das Treze Colônias, a Revolução Francesa e a Revolução no Haiti que puseram em prática as fecundas ideias do Iluminismo potencializaram tanto ideias no sentido de uma necessária autonomia como movimentos rebeldes que expressavam profundas insatisfações sociais com o furibundo sistema colonial.

O empreendimento açucareiro que efetivamente se desenvolve no final do século XVIII traz consigo o incremento substancial da escravidão em Cuba, o que se apresenta como mais um palco de resistência na ilha. Negros escravos vão protagonizar movimentos de resistência à escravidão que terão significativa relevância na história de Cuba Colonial e que de certa maneira também expressaram as contradições do Antigo Sistema Colonial e porque não de efetiva resistência ao colonialismo.

Com o exemplo dos negros de Saint-Domingue, as rebeliões escravas em Cuba se tornam o centro do debate colonial espanhol nos fins do século XVIII e início do século XIX. A elite crioula e as autoridades coloniais temem que a ilha reproduza o caos provocado pela exemplar Rebelião dos negros haitianos. A entrada em massa de escravos em Cuba ao longo do século XVIII com o objetivo de prover a progressiva produção açucareira provocou um aumento exorbitante da população negra na ilha. Fossem escravos, negros livres ou mestiços, os negros corresponderam na segunda metade do século XIX, a mais da metade da população da ilha, o que aumentou os receios da elite branca com um possível desenlace como o que aconteceu em Saint-Domingue. A resistência negra escrava remonta aos primeiros séculos de colonização da ilha e, como em várias partes do continente, manifestava-se de diversas formas na dura e castigada labuta diária. Desde práticas corriqueiras como doenças forjadas, ataque a capatazes e senhores de engenho até a fuga individual ou em massa, que teve como desdobramento a formação de *palenques negros*, espécie de quilombos que reunia escravos fugidos que se organizavam em regiões isoladas formando comunidades que perduraria por todo o período da escravidão, forma

expresivos movimentos de resistência negra à escravidão. Contudo, foi a população negra que liderou os primeiros movimentos de caráter separatista na ilha no fim do século XVIII e início do Século XIX.

Nicolas Morales, “homem de cor” livre de Bayamo, organizou um pequeno grupo em 1795 que buscava unir negros e brancos contra os abusos da administração colonial, reivindicando o fim da excessiva exploração da população menos favorecida e uma condicionada distribuição de terras àqueles que não a tinham. Seu anticlericalismo moderado e a traição de seus amigos o levaram a prisão antes de seu movimento se tornar uma séria ameaça à metrópole. Uma outra tentativa em 1810 de mobilização separatista, desta vez liderada por brancos mas com efetiva participação da população negra a partir de soldados da milícias negras ocorreu na ilha aproveitando-se da instabilidade provocada pela invasão da Espanha por Napoleão, mas que foi rapidamente sufocada, configura os primeiros ensaios de independência com significativa participação da população negra em Cuba. Este movimento, em que pese sua efemeridade, evocava um passado pré europeu da ilha transformando figuras míticas da resistência indígena no início da colonização como baluartes do movimento.

Em 1812, um outro “homem de cor” livre, José Antonio aponte, de origem *lucumí*, falante do iorubá e hábil carpinteiro em Havana iniciou um novo movimento que buscava tornar a ilha independente. Sob forte influência dos líderes da Revolução Haitiana, Aponte mais politizado que seus antecessores, percebia a importância das Cortes reunidas em Cádiz em 1812 como oportunidade de lutar por suas bandeiras como o fim do comércio de escravos, e consequentemente a abolição da escravidão, e sua declarada oposição ao regime colonial que via como uma tirania que devia ser substituída por um governo autônomo e cubano. Aponte é visto por alguns historiadores como o precursor das lutas pela independência na ilha.

Outro fator que influenciou o surgimento das primeiras tentativas de independência da ilha foi o próprio contexto dos movimentos de independência no continente liderados por Bolívar a partir de 1810. Estes movimentos que se espalhavam por toda a América espanhola não encontraram efetivo eco em Cuba. Historiadores afirmam que não interessava a Bolívar inverter esforços e recursos para tão limitada ambição como a ilha caribenha. Contudo, uma seção cubana do movimento de Bolívar liderada por um de seus oficiais na Colômbia, José Francisco Lemus em 1820, chamada *Soles y Rayos de Bolívar* mobilizou exilados cubanos no que seria um efetivo movimento de libertação. Evocando também um mítico passado indígena teve a participação de

um grande expoente da intelectualidade cubana, Félix Varela, um importante professor de filosofia e árduo defensor da independência que deixará seu legado intelectual a muitos que futuramente se envolverão nas lutas de independência cubana. O movimento frustrado pelas autoridades metropolitanas carecia de autonomia pois fiava-se na colaboração de esforços dos “libertadores” no continente que nunca se materializou. As lideranças foram presas, algumas exiladas como Varela, pondo fim ao sonho da independência de Cuba na carona dos movimentos no continente.

De fato o contexto histórico favorecia os ventos de uma ruptura que se desdobrará a partir das contradições da própria formação econômica e social da ilha caribenha neste período. Neste proceso, figuras como as de Francisco de Arango y Pareño<sup>25</sup>, Félix Varela<sup>26</sup>, José Antonio Saco<sup>27</sup>, entre outros, desenvolveram uma poderosa produção intelectual, assim como exerceram expressivas funções políticas como representantes da colônia no período da constituição das Cortes na Espanha.

Já finda a primeira metade do século XIX, uma expressiva rebelião negra explode em 1843 envolvendo os escravos do Engenho Alcancia perto de Cárdenas. A “conspiração de la Escalera”, como ficou conhecida a revolta envolveu escravos e “homens livres de cor” e teve forte repercussão na comunidade crioula em Cuba. *Escalera*, escada em espanhol, era usada como suporte, onde o negro era amarrado para ser chicoteado. Era uma das várias punições perpetradas aos negros rebeldes no engenho e se tornou o símbolo desta manifesta forma de resistência à escravidão. A rebelião se espalhou por quase toda a parte ocidental da ilha, assustando as autoridades e mobilizando as forças repressoras assombradas ainda pelo fantasma negro do Haiti no esforço de sua repressão. Embora derrotada, a rebelião que teve vários brancos envolvidos, coloca em pauta o abolicionismo na ilha como força propulsora de movimentos

---

<sup>25</sup> Intelectual cubano, liberal, crítico ferrenho da centralizada administração metropolitana, defensor de reformas liberalizantes e de um regime de efetiva autonomia para Cuba. Escravista e defensor da escravidão para suprir as necessidades de força de trabalho. Foi árduo defensor da racionalização da produtividade econômica em Cuba e um dos mais legítimos representantes da primeira fase reformista em Cuba.

<sup>26</sup> Félix Varela Morales, educador e sagaz político liberal foi o iniciador do pensamento independentista de Cuba como única forma de se alcançar as conquistas do vasto pensamento liberal promovido na Europa. Destacava a necessidade de uma Cuba independente da Espanha e dos EUA. Condenado a morte por suas atividades subversivas, viveu na pobreza no exílio até a sua morte em 1853.

<sup>27</sup> Nascido em Bayamo, político, historiador e ensaísta. Liberal e crítico da falta de liberdade de comércio em Cuba, foi um dos mais destacados defensores dos grandes proprietários de terra e feroz opositor da anexação de Cuba aos EUA.

políticos que iriam se formar ao longo deste período. O impacto das revoltas provocadas por *La Escalera* faz com que a metrópole reveja sua política de ingresso de escravos na ilha ante um explícito receio da população branca que temia uma rebelião negra nos moldes da do Haiti em Cuba. A partir daí novas formas de mão de obra começam a ingressar na ilha como os Yucatecas, oriundos do México e os Cules, chineses que desembarcaram na ilha para trabalhar em um regime bem próximo à escravidão e que imprimiriam novos elementos étnicos na mestiça população cubana.

Destarte, em fins do século XVIII e início do século XIX, entre ares movidos pelos ventos das reformas liberalizantes deste período e os desdobramentos dos movimentos impulsionados pelos eventos revolucionários na Europa na América do Norte, no Haiti e os movimentos independentistas nas colônias espanholas do continente vão se formando as bases das específicas correntes políticas em Cuba. O desenvolvimento da economia açucareira com o aporte da cafeicultura, do controlado monopólio do tabaco, da qual a metrópole não abria mão em nenhum sentido mais liberal, e da produção de gêneros voltados ao abastecimento interno vão formando a estrutura que desenvolverá toda uma particular conjuntura política, jurídica e ideológica que marcará a formação das diversas correntes políticas que disputarão a hegemonia na ilha.

#### **1.4- O conturbado século XIX: da formação das diversas correntes políticas às guerras de independência.**

No final do século XVIII e ao longo da centúria seguinte surgiram em Cuba as correntes políticas que orientarão todo o processo político deste período. Influenciados pelos processos históricos dos setecentos e pelas vicissitudes da complexa formação econômico-social da ilha, grupos que representavam interesses diversos, de um elite também diversa, expressavam no cenário político da ilha os anseios de uma sociedade estrangulada pela crise do Antigo sistema Colonial que marca este período. Contudo, antes de nos atermos na caracterização dos principais grupos envolvidos nesta contenda, se faz necessário uma breve análise dos impactos da independência dos Estados Unidos na ilha caribenha e, principalmente, seu destacado desenvolvimento ao longo da primeira metade do século XIX e a Guerra de Secessão como

componentes de um feroz e contundente Imperialismo, que marcará sua trajetória como potência econômica capitalista.

Após aparar arestas dos conflitos entre republicanos e federalistas no final do século XIX e estabelecer a base de seu ainda incipiente desenvolvimento econômico, haja visto que dois modelos de de robustas atividades produtivas se desenvolviam na debutante potência, o Norte, industrial, protecionista e abolicionista contrasta com um Sul agrário, livre-cambista e escravocrata, se lançaram em uma guerra civil, dando ao Norte esmagadora vitória e endossando as bases de seu direcionamento ao desenvolvimento do capitalismo industrial. O conflito entre estes dois modelos de desenvolvimento econômico encarnam de forma manifesta o dialético componente entre o moderno capitalismo e as atrasadas forças econômicas tradicionais ligadas ao Antigo Sistema Colonial, que forjaram a transição do Mercantilismo (ou Capitalismo Comercial) ao Capitalismo Industrial deste período. Cuba desde o final do século XVIII já se apresentava como destino de produtos norte-americanos, assim como os Estados Unidos já se apresentavam como efetivo mercado consumidor do açúcar cubano e de outros produtos da colônia espanhola, a partir das reformas liberais do final deste século e início do seguinte que deram as colônias espanholas na América uma significativa liberdade. Inclusive, neste período, a clara decadência da tradicional potência eurpéia já se manifestava em sua delibitada capacidade econômica de ser o principal destino da produção colonial que era a base do exclusivismo nas relações entre colônia e metrópole que marcavam o famigerado Pacto Colonial. Ao longo do século XIX, cada vez mais os EUA ocupavam o vácuo que ia sendo deixado pela até então poderosa metrópole espanhola.

Neste sentido os interesses dos EUA em Cuba se desenvolvem concomitantemente à expansão econômica e territorial do país, condicionada pela “marcha para o Oeste” e legitimada pela ideologia do “Destino Manifesto”. Este processo teve papel fundamental na formação territorial dos Estados Unidos, realizando o que poderíamos chamar de parte de sua formação enquanto Estado-Nação. Após as guerras napoleônicas e o Congresso de Viena em 1815, cujo objetivo foi a restauração do Absolutismo na Europa, seguido de uma uma aliança militar que tinha como objetivo, além de combater futuras revoltas liberais no Velho Mundo, reprimir os incipientes movimentos de independência na América, com o intuito de manter o jugo colonial das potências absolutistas no Novo Mundo, a geopolítica na região foi afetada de forma significativa. Com a solução de um breve conflito entre os Estados Unidos e a Inglaterra que ficou conhecido como “segunda guerra de independência”, a promissora potência do Norte

concentrará sua atenção no vasto território americano onde outras colônias aspiravam independência política em relação a suas antigas metrópoles. A Doutrina Monroe e o seu jargão oficial, “A América para os Americanos” longe de significar um claro apoio dos EUA a causa independentista, se tornou um mecanismo de defesa de seus interesses econômicos na região e uma forma de afastar a concorrência europeia naquela que iria se tornar sua efetiva área de influência, quiçá seu quintal, como afirmam categoricamente alguns observadores. John Quincy Adams, secretário de governo dos EUA neste período, expressava sua convicção do destino de Cuba na teoria “da fruta madura”, quando ao deixar a esfera do poder espanhol, naturalmente seria anexada ao território norte americano. Gott resume de forma muito clara quando afirma:

A questão de saber a quem pertencia Cuba era agora percebida como um assunto de segurança nacional dos Estados Unidos. Embarcações americanas envolvidas no comércio costeiro, navegando para fora do Mississipi, passavam inevitavelmente pelo canal entre a americana Miami e a espanhola Havana. Com o controle da Espanha sobre a América Latina agora em decadência, Cuba estava potencialmente sob ameaça das forças de Bolívar-bem como das forças sempre predatórias dos britânicos, sucessores de Drake, Vernon e Albermale.

As preocupações americanas foram expressas pela primeira vez pelo secretário de Estado John Quincy Adams, que desejava garantir que Cuba (e Porto Rico) não caísse sob o controle de nenhum outro país exceto a Espanha.(...) John Quincy Adams detalhou sua crença pessoal de que, se o domínio espanhol tivesse de chegar ao fim, deveria ser inevitavelmente substituído por aquele dos EUA.- uma profecia que seria cumprida no final do século.<sup>28</sup>

Várias personalidades do *establishment* norte-americano em diversas ocasiões manifestaram suas visões expansionistas sobre a ilha. Outrossim o movimento abolicionista britânico no início do século XIX e seu papel preponderante contra o tráfico de escravos e a favor da emancipação irrestrita da mão de obra compulsória e a abolição da escravidão nos estados do Norte da União fizeram com que, principalmente os estados sulistas e escravistas dos EUA, vissem a anexação de Cuba como uma expansão do território em que a mão-de-obra escrava

---

<sup>28</sup> GOTT, Richard, Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006. pp.75. um fragmento do discurso de Adams se encontra no livro de Gott: “Há leis na política como há leis na gravitação física. E se uma maçã, separada pela tempestade de sua árvore nativa, não pode escolher, mas apenas cair no chão, Cuba, por sua força desligada do seu vínculo não natural com a Espanha, e incapaz de auto-sustentar-se, só pode gravitar na direção da União Norte-americana, a qual pela mesma lei da natureza, não pode segragar do seu seio.” De certa maneira esta teoria de que Cuba cairia, mais cedo ou mais tarde, sob a influência dos EUA foi a base das discussões sobre o papel da jovem potência capitalista nos desdobramentos políticos da ilha no século XIX. Contudo os EUA evitaram em diversos momentos interferir nas lutas independentistas iniciadas na segunda metade desta centúria. Somente na Guerra de 1895 os EUA efetivamente participam no desfecho do conflito garantindo seus interesses na ilha a partir do intervencionismo que condicionou os rumos da futura República de Cuba.

poderia ser utilizada, já que em Cuba ainda era mantida a escravidão. Contudo logo após a Guerra de Secessão e a derrota dos escravocratas do Sul, seguida da abolição da escravidão em todos os Estados da União foram, momentaneamente arrefecidas as intenções anexionistas de setores importantes dos Estados Unidos.

Neste contexto surgem algumas episódicas e frustradas tentativas de anexação de Cuba por empreendedores particulares dos EUA. Organizados a partir de organizações secretas criadas por exilados cubanos e que cooptavam diversos setores interessados na conquista daquele território como o Club de La Habana, segundo José Canton Navarro, produziram e organizaram expedições com o objetivo de anexar Cuba através de incursão armada.<sup>29</sup> Como a expedição de Narciso López, veterano de guerra do exército espanhol que havia lutado contra os separatistas venezuelanos e logo após se convertido a causa independentista. Nos Estados Unidos, organizou quatro fracassadas tentativas de invasão à cuba entre 1848 e 1851, no intuito de anexá-la aos Estados Unidos. Em sua última tentativa, desembarcou em agosto de 1851 na província de Pinar del Río e, após algumas estereótipas vitórias foi derrotado e capturado pelas tropas espanholas. Preso foi condenado à morte em setembro do mesmo ano.

È neste contexto que as principais correntes políticas e estratégias de luta política são forjadas em Cuba e que resultarão em uma conturbada disputa pelo destino político da ilha. O movimento reformista será a base de duas destas principais correntes. Em um primeiro momento, derivado do fomento das idéias reformistas surge uma proposta de efetiva autonomia de Cuba permanecendo na órbita do domínio espanhol. Esta corrente conhecida como autonomistas, defendiam o livre comércio, a manutenção da escravidão e o comércio de escravos, necessários ao pleno desenvolvimento das atividades açucareiras e o fim do monopólio comercial metropolitano que os colocavam contra os comerciantes peninsulares que eram beneficiados com o exclusivismo colonial.

Da crise do reformismo na sua segunda etapa entre 1810 e 1840, surge enfim uma outra proposta na labuta pelas desejadas e necessárias reformas liberais e que se manifesta como importante corrente política. Terá enorme influência nos movimentos de independência que

---

<sup>29</sup> NAVARRO, José Cantón. Historia de Cuba: El desafío del yugo y a estrella. Biografía de un pueblo- Editorial SIMAR S.A.; La Habana, Cuba: 2003. p. 43. Neste livro o autor insere estes movimentos anexionistas no contexto do que ele chama de segunda etapa do reformismo enquanto pensamento político que se dedicava a busca de reformas que atenuassem os obstáculos impostos pelo exclusivismo colonial espanhol e que via na anexação uma possibilidade de uma alternativa para o livre desenvolvimento econômico da ilha e desembaraçando do potencial mercantil de Cuba das amarras da Metrópole.

explodiriam na ilha alguns anos depois. Conhecidos como anexionistas, este grupo defendia anexação de Cuba aos Estados Unidos como única forma de lograr em Cuba do tão propalado livre comércio que tanto interessava as elites coloniais na ilha. A anexação aos Estados Unidos obedecia uma lógica de que tanto o promissor mercado norte americano seria melhor instrumentalizado nas exportações dos produtos cubanos, assim como Cuba usufruiria da poderosa capacidade norte-americana de abastecimento e fornecimento para a ilha de produtos manufaturados, os quais a Espanha não conseguia mais atender.

Além destas duas importantes correntes políticas oriundas do reformismo, surge também na ilha um radical grupo que defendia a independência de Cuba em relação a Espanha e a formação de uma república nos moldes dos recém criados países no continente. Figuras como Félix Varela e José Martí foram marcantes respectivamente nos primeiros e últimos movimentos de emancipação da ilha. A crise do reformismo e os perigos do anexionismo denunciado por alguma iminentes figuras deste contexto histórico provocaram o surgimento de propostas de emancipação sem condicionamentos tal qual algumas correntes defendiam. Os limites do autonomismo, e sua problemática instrumentalização em um período de crise do antigo sistema colonial e do próprio colonialismo espanhol e, para alguns, a aviltante proposta de anexação levaram a corrente independentista a considerar como única alternativa a total e incondicional independência de Cuba do jugo espanhol. Estas correntes, em muitos pontos antagônicas, mas em certo sentido resultado das mesmas estruturas, a saber as contradições do furibundo sistema colonial, marcaram a vida política cubana nos idos do século XIX, principalmente a partir da segunda metade desta centúria.

Os movimentos pela independência da Ilha começam a se fortalecer no início do século XIX com a Revolta de 1812, liderada pelo artesão negro José Antônio Aponte e a tentativa de invasão da Ilha pelo venezuelano Narciso Lopez que buscara anexar a ilha aos E.U.A., entendidas como as primeiras revoltas independentistas de Cuba.<sup>30</sup>

Contudo foi a partir da segunda metade do século XIX que tais movimentos amadureceram o suficiente para lograr seus históricos objetivos. Resumidamente podemos afirmar que as correntes políticas existentes na ilha caribenha neste período encerravam-se em:

---

<sup>30</sup> RETAMAR, Roberto Fernandez. Introdução a José Martí. IN: MARTÍ, José. Nossa América (Antologia). Textos selecionados por Roberto Fernández Retamar (diretor do Centro de Estudos Martianos, de Havana). Tradução de Maria Angélica de Almeida Trajber. Editora Hucitec – Associação cultural José Martí. São Paulo, 1983.

autonomistas, partidários de uma maior autonomia política para Cuba sem com isso romper seus vínculos com a metrópole espanhola; anexionistas, que viam na anexação aos Estados Unidos, que iniciara neste período seu particular processo de expansão imperialista que marcará os estudos sobre este fenômeno, um natural e necessário desenlace para a insustentável situação política e econômica na qual a colônia se encontrava e independentistas, que defendiam uma total e incondicional independência de Cuba como única alternativa à construção de uma Cuba autônoma e verdadeiramente emancipada do anacrônico colonialismo europeu e efetivamente soberana para enfrentar o agressivo imperialismo do “Irmão do Norte” que há muito se anunciava no horizonte de possibilidades históricas.

Cuba no século XIX vivia as contradições das transformações econômicas que o mundo passava neste período. O desenvolvimento do capitalismo nascente com a mecanização do processo produtivo graças ao incremento tecnológico provocado pela Revolução Científica e aliado a sua peculiar situação de colônia espanhola assediada pelas potências capitalistas marcou de forma imperiosa a geografia política e econômica da ilha. Na parte Ocidental concentrava-se o forte e tradicional centro comercial de Cuba e as grandes, modernas e mecanizadas indústrias e propriedades açucareiras que já neste período se dividiam em espanholas e estadunidenses, realidade esta provocada por acordos comerciais e reformas econômicas fomentadas pela Espanha ao longo do século XVIII. Já na Parte Oriental estabeleciam-se pequenas e médias propriedades açucareiras, baseadas em trapiches, terras produtoras de tabaco e café baseadas no trabalho escravo e vulneráveis a crise provocada pelas mudanças que estavam em processo. Tal dicotomia nos ajuda a compreender a natureza da divisão política em Cuba em torno dos movimentos de independência assim como seus desdobramentos e fatídico desfecho.

Considerado como o primeiro grande movimento de emancipação, a Guerra dos Dez Anos ou “Guerra Grande” iniciou-se em 1868. Liderada por um carismático e financeiramente comprometido dono de engenho na província de Oriente Carlos Manuel de Céspedes, o movimento contou com o apoio e participação das mais relevantes personagens da história e independência de Cuba como: Máximo Gomez e Antônio Maceo. A longa contenda foi marcada por disputas político-ideológicas como o conflito entre autonomistas, independentistas e anexionistas, assim como as de natureza político-militares como as desavenças entre as lideranças políticas e militares do movimento.

Em que pese a importância política do conflito e seus desdobramentos econômicos e sociais, a resistência metropolitana aliada às supracitadas contradições no interior do movimento fizeram com que dez anos depois a assinatura do “Pacto de Zanjón” pusesse fim ao conflito sem que isso o objetivo independentista fosse logrado. A dinâmica da repressão espanhola ao movimento junto ao temor social provocado por algumas medidas tomadas ao longo do conflito como a abolição, feita por Carlos Manuel de Céspedes aos seus escravos também contribuiu para o enfraquecimento da luta dos “mambises” em busca da emancipação do jugo espanhol.

Logo após a assinatura do Pacto de Zanjón e a promessa por parte da Espanha de uma maior autonomia da ilha, algumas lideranças militares do movimento, insatisfeitas com a vergonhosa rendição se agruparam em torno de uma nova contenda chamada de “Guerra Chiquita” ou Guerra Pequena. Liderada pelo General Calixto Garcia, o movimento pereceu rapidamente pelos mesmos motivos do conflito anterior, falta de organização e coesão necessárias. Não cabe aqui esmiuçar as características de cada movimento tão pouco analisar a evolução histórica do complexo processo de independência de Cuba, contudo podemos destacar que os desdobramentos e o desenrolar do conflito, assim como as grandes transformações em andamento na Europa e Estados Unidos deram a estes “ensaios” o caráter necessário para uma futura emancipação, mesmo que extremamente limitada pelas inevitáveis implicações de um Imperialismo agressivo que lançava suas garras à América Latina de forma contundente.

Ao longo da década de 1880 era iminente o esboço de um novo e derradeiro conflito. Exilados cubanos nos Estados Unidos, principalmente, reuniam as condições necessárias para uma nova tentativa de gesta independentista. Em 1882 foi criado em Nova York o Partido Revolucionário Cubano, agremiação fundada por José Martí com o intuito de organizar e arrecadar fundos para a derradeira independência de Cuba. Os contatos entre veteranos do conflito anterior e as novas lideranças políticas começara a dar frutos e em 1895 estoura na ilha a última guerra de independência de Cuba protagonizada por personagens que foram forjadas no calor da evolução do processo histórico do século XIX e no aço das pretensões emancipacionistas dos heróis da Guerra dos Dez Anos. Em meio às complicações do conflito, dos desdobramentos inesperados como as covardes medidas tomadas pelo exército espanhol junto à população e eventos fatídicos como a Morte de Martí no início do movimento, que colocou de ponta cabeça toda a laboriosa unificação do movimento, os Estados Unidos, percebendo o sucesso iminente do exército rebelde e atendendo suas demandas imperialistas na região resolvem intervir no conflito

com a justificativa de ameaça a segurança nacional em razão de um polêmico e misterioso incidente com um naufrágio de uma embarcação mercante no porto de Havana. Com a declaração de guerra à Espanha, Cuba se torna um dos principais palcos do conflito que marcará de forma indelével o nascente imperialismo norte-americano.

A desigual correlação de forças expressada no conflito onde uma falida e anacrônica potência como a Espanha enfrenta uma iminente potência industrial como os Estados Unidos faz com que a coroa espanhola em curtíssimo tempo se renda permitindo a incorporação pelos Estados Unidos de Porto Rico e das Filipinas, então possessões espanholas e uma intervenção direta em Cuba, que se torna independente da Espanha, contudo uma independência tutelada pelos “Irmãos do Norte”, dando origem ao que Florestan Fernandes chamou de “República mediatizada”.<sup>31</sup>

### **1.5- Notas de uma perspectiva dialética sobre o processo independentista de Cuba.**

Acreditamos que as lutas independentistas na América Latina em geral e em Cuba em particular representam os limites e as contradições de um sistema de exploração como o peculiar colonialismo moderno, ou o Antigo Sistema Colonial. Este, como desdobramento da Expansão Marítima Européia que por sua vez manifestava as transformações na sociedade e economia europeias ao logo do fim da Baixa Idade Média e início da Era Moderna, estabelecia vínculos de dominação e exploração que, a longo prazo, necessariamente redundariam em contradições que por sua vez anunciariam novas relações de produção inseridas em um processo de desenvolvimento das forças produtivas que configuram as mudanças nos modos de produção e nas formações sociais. Alfredo Bosi em sua obra dialética da colonização nos convida a uma reflexão quando afirma:

A ação colonizadora reinstaura e dialetiza a s três ordens: do cultivo, do culto e da cultura.

A ordem do cultivo em primeiro lugar. As migrações e o povoamento reforçam o princípio básico do domínio sobre a natureza, peculiar a todas as sociedades humanas. Novas terras, novos bens abrem-se à cobiça dos invasores. Reaviva-se o ímpeto predatório e mercantil que leva à aceleração econômica da matriz em termos de uma acumulação de riqueza em geral rápida e grávida de conseqüências para o sistema de trocas internacional. Pode-se calcular o que significou para a burguesia européia, em pleno mercantilismo, a maciça exploração açucareira e mineira da América Latina. Se o

---

<sup>31</sup> FERNANDES, Florestan. Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

aumento na circulação de mercadorias se traduz em progresso, não resta dúvida de que a colonização do Novo Mundo atuou como um agente modernizador da rede comercial européia durante os séculos xvi, xvii e xviii. Nesse contexto, a economia colonial foi efeito e estímulo dos mercados metropolitanos na longa fase que medeia entre a agonia do feudalismo e o surto da Revolução Industrial.<sup>32</sup>

Outrossim, acreditamos também que ao longo do desenvolvimento do próprio colonialismo estas contradições vão se formando nas relações desiguais e nos vínculos entre colônias e suas metrópoles. O sentido da colonização como forma de complementação da economia metropolitana com um intenso mecanismo de exploração e transferência de riquezas faz com que nas colônias se desenvolvam as condições objetivas e subjetivas para movimentos de efetiva contestação e conseqüente transformação das relações entre colônias e metrópoles que redundariam, dentro do contexto do oitocentos, em processos de independência que a marcaria a América Latina ao longo desta centúria.

No caso de Cuba em particular, sua posição estratégica e sua marginalização dos movimentos separatistas no continente ao longo da primeira metade do século XIX, fez com que seu processo independentista fosse eivado de vicissitudes que a tornam ímpar em toda a América Latina. As transformações na Europa ao longo dos séculos XVIII e XIX e o estabelecimento do modo de produção capitalista após a Revolução Industrial que cria novos mecanismos de exploração que nortearão as relações entre o Novo e o Velho Mundo e a inserção dos EUA como nova potência, faz como que a luta contra o Antigo Sistema Colonial torne-se também uma luta contra o imperialismo que se manifesta no horizonte sob a égide, no caso da América Central e Caribe, da poderosa potência do Norte.

Destarte o laborioso desenvolvimento do processo independentista cubano nos fornece subsídios para situar a independência de Cuba entre dois grandes processos históricos, a saber, o Antigo Sistema Colonial e o incipiente Imperialismo. Tal fato faz com que a análise deste processo requeira cuidados específicos. Sabemos que nos processos de independência da América Espanhola o conflito entre frações de classe, como a tradicional dicotomia criollos e peninsulares é um importante fator no desenrolar das lutas independentistas e também nos desdobramentos destes processos. A elite crioula, em que pese sua posição econômica na colônia, estava excluída dos altos cargos da administração colonial. A longo prazo, conflitos no seio da elite colonial, aliados a outros fatores, desembocaram na independência destes países e nas conseqüentes formações dos Estados Nacionais nesta região.

---

<sup>32</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Embora a colonização da ilha caribenha também tenha sido marcado por este viés, os conflitos entre frações de classes ultrapassou a simples dicotomia supracitada. Desde o início da colonização a ocupação diversificada das regiões na ilha se revestiu também de uma diversificada formação colonial. Sabemos da complexa organização da exploração colonial da ilha. Das laboriosas tentativas de desenvolvimento de atividades extrativistas e agrícolas às efetivas investidas na sua vocação estratégica e comercial, formou-se em Cuba uma espécie de regionalização econômica em que, algumas regiões tiveram desenvolvimento desigual em relação a outras.

A criação de gado bovino e as plantações de tabaco não se desenvolveram sob os mesmos moldes que a empresa açucareira e o comércio de abastecimento e exportação que se tornam o mote da exploração espanhola ao longo dos séculos XVIII e XIX. Deste modo podemos dizer, de forma resumida, que se destacam duas grandes regiões em Cuba, a região Oriental ou Departamento de Oriente, que concentra os criadores de gado, produtores de tabaco e pequenos e médios plantadores de açúcar, e o Departamento Ocidental, que se desenvolve, principalmente a partir do final do século XVIII e início do século XIX, com as transformações na indústria açucareira, de grandes engenhos de açúcar com grandes produtores associados a uma forte classe mercantil voltada para o comércio de importação e, principalmente de exportação de açúcar. Julio Le Riverend em sua valiosa obra, afirma:

Debe tenerse en cuenta, que hacia 1860 el auge económico parecía haberse detenido, determinando una clara división de la colonia en dos grandes zonas: el occidente ( hasta Cónon, con ligeras intrusiones em Sagua la Grande) y el centro – oriente ( desde Sagua la Grande hasta Guantánamo). De no haberse presentado los desajustes de la estructura económica colonial a partir de 1840-50, la penetración de los nuevos elementos agrícolas e industriales hacia el oriente hubiera proseguido, unificando el territorio, por medio de la disolución de las formas tradicionales de apropiación agraria y hasta por el traslado físico, en lo que cabía, de las fábricas de azúcar hacia tierras más baratas, más ricas y bien situadas, fenómeno este que se produciría durante este período y en los primeros años de la República.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> LE RIVEREND, Julio. História economia de Cuba. Havana: editorial de Ciências Sociales, 1985. P.453. Nesta obra o autor se debruça a analisar esmiuçadamente a formação econômica e social em Cuba do final do século XVII ate a metade do século XX. Sua perspicácia em descortinar as variadas atividades econômicas desenvolvidas na ilha e os impactos da transformações na geopolítica neste período, assim como os impactos do advento do capitalismo no antigo sistema colonial nos dá uma perspectiva das diferentes formações sociais e dos variados tipos de ocupação e exploração geográfica que se manifesta em uma clara dicotomia entre a região Oriental e a Ocidental que marcará inclusive as correntes independentistas e anexionistas após o fracasso do reformismo.

Assim, podemos entender que as diversas atividades econômicas desenvolvidas na ilha ao longo da colonização foram acompanhadas também de uma certa regionalização destas atividades fazendo com que os grupos sociais oriundos desta formação tivessem particularidades que se manifestarão nas diversas correntes ideológicas envolvidas no processo de independência de Cuba ao longo da segunda metade do século XIX. Por conta dos estreitos vínculos de dependência das elites agrárias e mercantis da região do Ocidente, em um primeiro momento com a Espanha, em que pese a força das propostas reformistas, buscavam se manter fiéis à metrópole espanhola a partir das propostas do autonomismo. Em um segundo momento, na medida em que estas elites do Ocidente se aproximam das benesses proporcionadas pelas relações com os EUA, decorrentes do afrouxamento do Pacto Colonial das reformas filipinas em diante, alimentam o sonho do anexionismo que também agradava importantes setores da economia norte americana. Paralelamente na menos desenvolvida região de Oriente, com maioria de pequenos e médios proprietários de terras, os entraves provocados pela desigual correlação de forças com o Ocidente levaram a opinião de que a única alternativa pra ilha a total independência da ilha em relação à Espanha e uma certa reserva em relação aos EUA. Uma progressiva constatação dos perigos que apresentava uma excessiva aproximação com os EUA vai se tornando latente na medida em que no século XIX a potência do norte vai desnudando seus interesses imperialistas e territoriais no continente.

Dos primeiros movimentos de resistência na ilha, ainda nos primórdios no jugo colonial, os conflitos de classe também se manifestam como conflitos regionais. A luta dos nativos, que vão sendo aniquilados e empurrados pras encostas das serras, aliada a uma expressiva mobilização da população negra, seja escrava ou livre, que se mostra desde muito cedo um importante ator social e os contrastes entre os ricos proprietários concentrados na região Ocidental da ilha e os pequenos e médios produtores do Oriente vão corroborando o dialético processo colonial que inevitavelmente se desdobrará nas guerras independentistas e o estabelecimento de Cuba como uma república tutelada pelos Estados Unidos ao longo da primeira metade do século XIX.

Neste sentido, ainda na Guerra dos Dez Anos, o jovem Martí envolvido indiretamente ao conflito, é preso e exilado para diversos países onde sua formação acadêmica, política e intelectual se cruzam com a própria história da ilha. Sua existência fora marcada por uma

trajetória que o colocou em contato com as contradições de um continente em ebulição no século XIX e que começa a almejar sua própria história. Sobre este processo que nos dedicaremos agora.

## **CAPÍTULO 2: JOSÉ MARTÍ: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E MILITANTE DE UM CONSTANTE EXILADO.**

*Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.*

Karl Marx.

### **2.1- Os Intelectuais na História e a História dos Intelectuais: Uma breve análise.**

A história dos intelectuais está associada às transformações na disciplina História ao longo do século XX. Os questionamentos da História política tradicional e de seu arcabouço positivista começam a ser seriamente questionados no final do século XIX e início do XX com o desenvolvimento do instrumental marxista que, privilegiando aspectos econômicos dos processos históricos dão um novo dimensionamento teórico e metodológico às análises de cunho histórico da sociedades.

Com o surgimento dos Annales na década de 1930, embora sistematicamente privilegie aspectos econômicos-sociais em suas abordagens, lançam as bases de redirecionamento da historiografia a partir de novos temas e abordagens. No que tange a História política ou dos Intelectuais, o marxismo britânico contribuiu de forma efetiva na segunda metade do século XX, com abordagens de caráter holístico, mas valorizando aspectos culturais.

Nas décadas de 60 e 70, o chamado “Giro Linguístico” engrossou as fileiras do debate acerca da importância da produção textual e do discurso nas análises sociais. Há que se destacar que embora muitas vezes estas correntes interpretativas entrassem em choque, por vezes a

interação e intersecção de ideias nortearam tentativas, por vezes confusas, de forjar mecanismos híbridos de interpretação das ideias e da produção dos intelectuais.<sup>34</sup>

### **2.1.1- O desenvolvimento da História enquanto disciplina no conturbado século XX.**

Em que pese à importância do século XIX para as Ciências Sociais de maneira geral, e para a disciplina História em particular, na polêmica iniciada nesta centúria sobre o caráter científico das chamadas ciências humanas dentro dos critérios das chamadas ciências naturais e as possibilidades de certa objetividade dentro destes parâmetros envolvendo questões hermenêuticas e heurísticas, foi no limiar do século XX que a História enquanto imprescindível área das ciências humanas passa por mudanças deveras significativas.

Em um como sempre arriscado balizamento cronológico, podemos dizer que em cada terço de século as polêmicas envolvendo metodologia e teoria legaram aos estudos históricos avanços e recuos, produtivas discussões e celeumas desnecessárias, assim como expansão e estagnação do sentido do fazer histórico. O materialismo histórico deu à disciplina um eficiente sistema de análise holística e totalizante que possibilitava o entendimento do desenvolvimento das sociedades a partir de uma perspectiva universalizante e por mais que deite suas raízes no século XIX, a centúria seguinte proporcionou o desenvolvimento do arcabouço teórico de forma a torná-lo o mais eficiente instrumento de análise histórica. As implicações oitocentistas no limiar do século XX ainda eram fortemente determinantes até a década de 30 quando os *Annales* oxigenaram o debate teórico-metodológico (muito mais metodológico que teórico) trazendo para a disciplina novos horizontes temáticos e interpretativos. A aproximação com outras áreas das ciências sociais como a antropologia e a sociologia deram à História Social ferramentas de análise que, há muito negligenciadas, possibilitaram uma maior instrumentalização hermenêutica e heurística.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo(orgs.). Domínios da História. 2ª Ed.- Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Em seu texto de introdução à obra, Cardoso nos apresenta de forma provocativa o grande conflito teórico entre o que ele chama de “paradigmas iluministas” e os “paradigmas rivais” como tributárias respectivamente das ideias iluministas e do que convencionou-se chamar de pós-modernismo.

<sup>35</sup> No mesmo texto supracitado Cardoso faz uma rápida apresentação dos *Annales* e suas concepções acerca da História como disciplina destacando sua aproximação e compatibilidade com o marxismo de alguns historiadores desta corrente. A ideia da aceitação da inexistência de fronteiras estritas entre as Ciências Sociais (a História entre elas) deu à historiografia uma ampliação do horizonte metodológico que ao nosso ver, contribuiu tanto para a interpretação dos processos históricos quanto na seleção de fontes.

O apogeu do marxismo alcançado na segunda metade do século XX sofre um duro ataque na década de 60 e 70 das polêmicas iniciadas com o chamado “giro lingüístico” que, a despeito de um resgate da narrativa (que infalivelmente nunca deixou de ser um importante componente na historiografia), enseja o particularismo como única forma possível de entendimento histórico. A ênfase no individual, no detalhe em detrimento de ambições mais generalizantes, marcou de forma indelével uma perspectiva, que segundo alguns críticos, levaram a patamares absurdos um relativismo necessário.

A história das idéias ou história intelectual teve, neste contexto, efetivo papel. A possibilidade de uma análise baseada em um objeto tão escorregadio como o mundo das idéias fez com que se tornasse efetivamente complexa uma análise que se pretende esclarecedora e produtiva. Em esmerada análise incluída em obra organizada por Peter Burke, Richard Tuck citando Skinner, Pocock, entre outros, destaca a questão da perenidade das idéias como uma polêmica acerca da possibilidade de uma História das mentalidades que possa ser, do ponto de vista científico, objetiva. As controvérsias acerca do caráter das idéias manifestadas como fatos, aqui no sentido positivista do termo, ou como valor, de caráter subjetivo permearam o debate acadêmico. Assim escreve o autor:

O erro de Gunnel, e aquele cometido por muitos autores que escrevem sobre estas questões, foi o de não levar a sério as reivindicações de “behaviouristas” como Easton de que o estudo da política tinha de envolver, tanto fatos quanto valores, mas que estes pertencem a dois reinos logicamente distintos – a distinção fator valor que remonta (em sua forma drástica) a Kant e que é uma base essencial para as ciências humanas modernas. É verdade que a maioria dos cientistas humanistas conduzia sua prática profissional cotidiana para ser a exploração do aspecto “fato” desta distinção, mas todos reconheciam em seus momentos de maior reflexão que os “valores” políticos também tinham de ser produzidos de algum modo. A combinação deste reconhecimento com uma tentativa muito débil de considerar como os valores deveriam aparecer ou ser justificados, é o aspecto mais notável da ciência política anglo-americana (e particularmente a americana) na primeira metade do século XX.<sup>36</sup>

A complexa e difícil análise historiográfica das idéias políticas e seu vetor por excelência, os intelectuais, pode se arvorar então por perspectivas analíticas que negligenciavam ou não se importavam muito com o contexto, aquilo que externo a produção mental condiciona de forma interacionista a construção de valores morais que perpassam pelo crivo da Ética nas bases do pensamento político.

---

<sup>36</sup> TUCK, Richard. História do Pensamento Político. IN: BURKE, Peter (org.). A Escrita da história: novas perspectivas; tradução de Magda Lopes.- São Paulo: Editora da UNESP 1992. p.280.

Claro está que tanto o historicismo quanto o materialismo tiveram papel relevante nesta discussão, muito embora abordagens marxistas insistam em negligenciar o caráter expressivo da superestrutura em sua dialética relação com a base. O equívoco imperdoável de alguns marxistas, muito bem intencionados, mas pouco sensíveis à importância do que chamam meros reflexos de uma determinada formação sócio-econômica, fez com que o tema do papel do intelectual na história, e sua própria história, fossem temas quase exclusivos de abordagens pós-modernas, principalmente com o advento da Nova História Política, que deita raízes no já mencionado “Giro-Linguístico”. O problema deste distanciamento do marxismo deste tão fecundo tema, por negligenciar a efetiva relação entre base e superestrutura, vendo a última como mero reflexo da primeira, ou seja subjugar as manifestações ideológicas às relações sócio-econômicas, impede uma tentativa de compreender os mecanismos da produção intelectual na História a partir de uma perspectiva holística e totalizante que possa inserir de forma dialética o que é externo às idéias, a saber, a realidade social. Em profícuo texto Francisco Falcon nos brinda com uma instigante conclusão:

A história das idéias remete a textos nos quais os conceitos articulados constituem os agentes históricos primários, vindo a seguir as pessoas dos portadores desses conceitos, enquanto as chamadas relações externas são entendidas como simples condições da existência das ideias propriamente ditas... A história intelectual remete a textos bem mais abrangentes, uma vez que ela inclui as crenças não articuladas, opiniões amorfas, suposições não ditas, além, é claro, das ideias formalizadas. Além do mais, a história intelectual preocupa-se com a articulação às suas condições externas- “com a vida do povo que é o seu portador”. Uma consequência interessante é assim a tendência na história intelectual de romper os limites disciplinares estabelecidos, já que visa a inserir o estudo das ideias e atitudes no conjunto das práticas sociais.<sup>37</sup>

Assim a história das ideias e seu estreito vínculo com os intelectuais fez com que a historiografia do século XX considerasse a possibilidade da temática intelectual como objeto histórico rico e absolutamente coerente com as possibilidades temáticas de uma História social,

---

<sup>37</sup> FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamraion. VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). Domínios da História.- 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. O autor faz um inventário sobre a historiografia no século XX apontando as transformações teórica-metodológicas da disciplina e enquadrando na discussão sobre a pertinência das ideias como objeto histórico e sua relação com os intelectuais. Analisa a resistência do marxismo tradicional ao tema, enfocando a historiografia Inglesa da segunda metade do século XX, de base marxista, como baluarte da mudança de perspectiva desta corrente aos temas de caráter cultural. p.245.

haja visto a necessária interação entre a produção da ideias e o contexto social em que são produzidas.

No que tange ao tema abordado neste capítulo, a saber a trajetória de José Martí enquanto intelectual e exilado, uma análise do papel do intelectual enquanto partícipe dos processos históricos torna-se não só possível como necessário. E a abundância de documentos se torna ao mesmo tempo uma graça e uma desgraça para o pesquisador, na medida em que deve admitir as dificuldades heurística e hermenêutica que se apresentam junto ao imenso horizonte textual da produção intelectual. A análise do intelectual enquanto ator político inevitavelmente perpassa pela análise de seus textos enquanto produtor de ideias assim como sua aceitação e transmissão destas ideias na sociedade onde atua. Sirinelli em artigo em que analisa o intelectual enquanto objeto histórico enfatiza que:

Não importa! A história política dos intelectuais passa obrigatoriamente pela pesquisa, longa e ingrata, e pela exegese de textos, e particularmente de textos impressos, primeiro suporte dos fatos de opinião, em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo; e sua história social exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas. Aberturas conceituais e progressos do conhecimento custam esse preço, mesmo que nas últimas décadas, em certos setores da corporação historiadora, tenha sido considerado de bom tom ridicularizar a erudição.<sup>38</sup>

Para Sirinelli a importância da definição do intelectual deve nortear as análises de historiadores para que não caiam no equívoco do arbítrio quando confundem a importância da produção das ideias produzidas por estes grupos e por vezes com objetivos específicos, dependendo de sua formação e/ou papel em uma dada sociedade, com mera ideologia. Neste caso, nossa análise da trajetória de Martí tem como referencial teórico e conceitual o texto gramsciano que esboça os imprescindíveis condicionamentos classistas na formação do intelectual enquanto ator político e vetor na produção de uma consciência de classe na disputa pela hegemonia. Para Gramsci, todo grupo social envolvido no processo de produção cria “camadas de intelectuais” que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função. Em que

---

<sup>38</sup> SIRINELLI, Jean –François. Os intelectuais. In: REMOND, Rene (Org.). Por uma História Política. Tradução Dora Rocha – 2ª Ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.245. O Autor se debruça em seu texto em uma defesa de uma História política dos Intelectuais esmiuçando ao longo de sua empreitada uma análise da produção historiográfica contemporânea sobre esta temática e a resistência acerca do tema. Faz também um breve inventário sobre análises conceituais imprescindíveis ao exercício daqueles que desejam se debruçar sobre este tão polêmico tema. Chama a atenção para a necessidade da definição do intelectual para uma efetiva análise histórica e para que as análises transcendam a mera descrição do grupo ao qual pertencem para aquilo que produzem enquanto classe, as ideias.

pese o caráter diverso dos grupos sociais que compunham a sociedade colonial em Cuba, podemos dizer que Martí expressa em suas ideias, estas camadas na medida em que dá coesão a grupos políticos com interesses em comum, que naquela conjuntura era a emancipação de Cuba do jugo colonial.<sup>39</sup>

Podemos dizer que na América Latina de maneira geral e na de dominação espanhola em particular o desenvolvimento deste grupo que, tradicionalmente, se considera apartado das classes e, por vezes, do poder tem estreitos vínculos com o estabelecimento das cidades como arcabouço da administração colonial, portanto da dominação da metropolitana. Segundo Ángel Rama as cidades, ou a construção delas, na América fundamentaram não somente o modelo de dominação colonial, mas também transferiram do Novo Mundo para a Europa a influência das novas searas conquistadas à incipiente cultura barroca.<sup>40</sup>

## **2.2- Infância rebelde: o precoce envolvimento de Martí na Guerra dos Dez Anos.**

As contradições de um amplo sistema de exploração como o Antigo Sistema Colonial são gestadas ainda no processo de formação e organização da incipiente colonização. A violência da conquista e a diversidade de interesses da ocupação, tendo em vista o objetivo econômico do empreendimento, provocam inevitavelmente conflitos nas bases da organização da colonização. A longo prazo, é razoável supor que, as contendas se agravem e no território ocupado surjam inquietações e insatisfações que trazem em si as sementes de tais contradições e de suas dialéticas soluções, agravamentos ou até mesmo superação.

Infalivelmente sob este aspecto, ao longo do desenvolvimento da colonização em Cuba e de seu conseqüente e tardio rompimento de seus laços coloniais com a Espanha, que analisaremos a vida daquele que personificará, entre tantos, tais contradições. O prócer do

---

<sup>39</sup> GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 2 / ; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>40</sup> RAMA, Ángel. A Cidade das Letras. Tradução Emir Sader. – 1ª Ed. – São Paulo: Boitempo, 2015. Rama analisa com acurada perspicácia as transformações simbólicas das cidades a partir dos significados a elas atribuídas ao longo da história das relações entre colônia e metrópole. Desde a “Cidade Ordenada”, que deu a América os contornos da colonização, passando pela “Cidade Letrada”, onde desenvolve-se como premissa a categoria do intelectual tradicional de Gramsci na figura da casta clerical institucionalizada, até a “Cidade Modernizada”, onde a par das mudanças no século XIX põe em xeque a colonizadora “Cidade Letrada” com o desenvolvimento do questionamento em suas mais variadas funções. Jornalistas, historiadores, poetas, romancistas ensejam através do discurso literário e acadêmico a forma e a definição de Nação que havia de ser conquistada e que tanto contribuiu para os movimentos de independência na América.

processo independentista de Cuba, o intelectual e rebelde José Martí que, a partir da forja de um conjunto de idéias que caracterizavam sua análises acerca da vida política e econômica da ilha e de suas impressões das realidades sociais, políticas econômicas e culturais de outros países na América Latina e Anglo-saxônica e que se tornaram fecundas no pensamento de “Nuestra América”, como o pensador passou a chamar o continente ao sul do Rio Bravo. É a partir de uma perspectiva conflitualista, o conflito de interesses econômicos entre frações de classe no interior das elites coloniais e as contradições produzidas pelo modelo colonial de exploração de mão de obra, principalmente a escrava, manifestadas ao longo do Antigo Sistema Colonial, em seu ápice e principalmente no momento de seu declínio, e assim buscar dissecar uma trajetória forjadora de fenômenos tão caros à História Política, e por que não? Social.

Ao longo da primeira metade do século XIX amadurecia em Cuba, já em formato de violentas manifestações e revoltas, as primeiros movimentos que expressavam aguda insatisfação de alguns setores coloniais. O sucesso dos movimentos independentistas na América Espanhola, liderados por Bolívar, e a fatídica exclusão de Cuba das Cortes Espanholas, em 1836, irritavam setores criollos que começavam a esboçar sentimentos separatistas. No turbilhão destes acontecimentos a incipiente postura agressiva do recém independente Estados Unidos da América chamava a atenção da metrópole de uma inevitável ambição norteamericana na ilha, que ensaída há anos, despontava como ameaça. Neste ínterim, exilados cubanos nos Estados Unidos da América vislumbravam a anexação da ilha como salutar possibilidade ante uma metrópole fatigada e uma dominação anacrônica.

A força da colonização são os colonos. De variadas frações de classe, como supracitado, fidalgos de Espanha rumam à América, muitos a potencializar riquezas já formadas e tantos à buscá-la em outras searas pois a terra natal as havia negado. Neste espírito de empreendimento ou desespero, translada à Cuba Don Mariano Martí, que a serviço da Coroa Espanhola e comendo um dos vários batalhões criados com o objetivo de garantir a fidelidade à Espanha de uma ilha apossada historicamente por invasores e de tentativas frustradas de conquista por traidores como o temível Narciso López, desembarca na ilha com esperanças e nobres expectativas. O jovem valenciano chega à Cuba em fins de 1850 adscrito nestes batalhões de defesa em um quartel que, devido às suas origens pouco ostentosas e sua deficiente posição social, ocupou a patente de sargento. Logo após alguns anos, o endurecido don Mariano pela labuta nas roças valencianas com seu pai e a rígida disciplina do quartel vai cedendo às sedutoras vicissitudes da colônia

insular. Começa a frequentar os bailes de domingo em Havana com elegância que chama a atenção de algumas donzelas de estirpe não tanto enriquecida, contudo cômoda, formando assim sua identidade crioula.

Foi assim, em um destes bailes que conheceu a jovem Leonor Pérez, filha de um espanhol que resolveu vir à Cuba no fito de melhorar sua fortuna, ajudado desde o início pela sorte de um prêmio de loteria. Assentou-se na ilha compondo a variada e diversificada sociedade colonial. Tal sorte deu a Leonor um dote de quinhentos pesos para seu casamento com o jovem valenciano Don Mariano Martí. Acomodados humildemente em uma casa na Calle de Paula e no desfrute de uma vida conjugal com poucos recursos, mas afetivamente rica, o jovem casal iniciava sua vida a dois. Ali, na aurora do dia 28 de janeiro de 1853, nasce o primeiro filho, batizado como José Julián Martí Perez<sup>41</sup>. As mudanças nos cargos exercidos por Don Mariano fez com que o casal, o primogênito Martí e as primeiras filhas de uma significativa prole formada de sete meninas e o varão, se deslocasse segundo necessidades imperiosas que provocaram uma situação de quase penúria. Após uma breve e complicada viagem à Espanha, a família retorna à Cuba e Don Mariano é enviado ao bairro de Santa Clara como carcereiro. Problemas de saúde, a avançada idade e demais fatores fizeram com que Don Mariano enfrentasse, junto à família, duros idos. A penúria financeira agravada pelos constantes deslocamentos da numerosa família comprometeram a possibilidade de uma educação adequada ao primogênito, não raro foram os momentos em que o jovem Martí interrompia seus estudos para ajudar o pai em pequenos trabalhos para complementar a escassa renda. Contudo ao terminar suas primeiras letras no Colégio San Anacleto, Martí, por intermédio de seu padrinho Arazoza, que financiava seus estudos e assediava os pais para que o afilhado tivesse uma educação razoável, entra em contato com um parente de Arazoza, Don Rafael María Mendive, recentemente nomeado diretor da Escuela Superior Municipal de Varones, que exerce forte influência intelectual em Martí tornando-se inevitavelmente seu mentor intelectual. Mendive, homem de letras, poeta e pensador radical, era um reformista em público, mas com ideias separatistas, como bem salientou Jorge Mañach, em clássica biografia de Martí:

---

<sup>41</sup> Há nas biografias mais recentes sobre Martí uma certa tendência em escapar às abordagens de caráter mais íntimo ou doméstico, enfocando e enfatizando mais sua vida pública e seu cotidiano social. Contudo Jorge Mañach não nos poupa destes riquíssimos detalhes da vida íntima do cubano, nos oferecendo uma narrativa eivada de termos suntuosos que nos levam a mergulhar no íntimo dos detalhes da vida do pensador cubano. <sup>41</sup> MAÑACH, Jorge. Martí, El Apóstol. Editorial de ciencias sociales. Colección Biografía, La Habana, 1963. p.02

Aunque reformista en la actitud pública, professa Mendive, como casi todos los cubanos letrados de su tiempo, ideas separatistas. Nadie desconoce que son de su pluma ciertos sonetos de mordaz criollismo que circulan clandestinamente.<sup>42</sup>

Este assume a formação de seu futuro discípulo acreditando no potencial intelectual e cognitivo do jovem Martí. Junto ao contato com as letras e o fascínio pela literatura, que inclui Thomas Morus, Lord Byron entre outros, Martí contrai também fecundas amizades que o seguirão por toda sua vida. Uma delas, Fermín Valdés, rico adolescente da mesma idade de Martí e que torna-se seu companheiro e cúmplice em seus primeiros passos rebeldes destacando-se como um de se seus principais interlocutores neste período. A afetuosa amizade reunida junto ao mentor Mendive condiciona o crescimento intelectual e ideológico de Martí e, ao longo dos anos de sua formação, o contato com as ideias radicais do mestre instiga nos jovens amigos uma aproximação cada vez maior com os assuntos políticos da ilha.

É neste contexto que eclode o “Grito de Yara”. Liderado por Carlos Manuel de Céspedes, criollos de Oriente, região em cuba que agrega diversas províncias com uma ocupação colonial particular em relação à região do Ocidente, baseada em médias e pequenas propriedades e destoando dos latifúndios característicos das Províncias do Ocidente<sup>43</sup>, dão início à Guerra dos Dez anos, que influenciará de forma efetiva a vida intelectual e política de Martí. O proprietário de engenho no Oriente aproveita o ensejo e liberta os escravos de sua fazenda, incitando-os a lutar ao seu lado pela independência de Cuba ante à Espanha. Cuba vivia já há algum tempo um ambiente político tenso e a reação da metrópole foi, por conta de uma suposta política de tolerância, de uma pequena liberdade de imprensa que fez com que inúmeros periódicos surgissem na ilha, muitos com claros alentos ao movimento separatista liderado por Céspedes. Martí, já imbuído de um sentimento de repulsa ao vínculo colonial da ilha à metrópole, enseja em publicações juvenis e de pequeno alcance, textos que de forma lúcida enaltecem os recentes

---

<sup>42</sup> MAÑACH, Jorge. Martí, El Apóstol. Editorial de ciencias sociales. Colección Biografía, La Habana, 1963. Esta grandiosa obra, embora duramente criticada ao longo do tempo, foi a primeira biografia de peso do “apóstolo da independência” e até hoje obrigatória referencia para os estudos martianos.

<sup>43</sup> Em análise feita no capítulo anterior onde buscamos destacar as particularidades da colonização em Cuba em relação às outras colônias espanholas na América, apresentamos as particularidades geográficas do processo de colonização da ilha. Julio Le Riverend em clássico estudo destaca o forte desenvolvimento de pequenas e médias propriedades estabelecidas na região de Oriente que deram um caráter diferente àquela região. LE RIVEREND, Julio. História economia de Cuba. Havana: editorial de Ciências Sociales, 1985. P.09.

episódios separatistas na ilha. Os periódicos editados por Martí e Fermín chamados *El Diablo Cojuelo* e o *La Pátria Libre* foram descritos por Luis Toledo Sande:

El Diablo Cojuelo- Que nació para mostrar a los estudiantes habaneros la corrupción impuesta por el régimen colonial en Cuba, como el personaje que le dá título había hecho mientras guiaba a un estudiante dentro de la propia Metrópole en la novela homónima de Luís Veléz de Guevara-apareció com fecha 19 de enero de 1869. Cuatro días después circuló *La Patria Libre*, cuyo subtítulo-Semanario Democrático Cosmopolita- refleja el ambiente en que Martí se movía. A diferencia de *El Diablo Cojuelo*, que fue gestado por el propio Martí y otros condiscípulos- entre ellos Fermín Valdés Domínguez-, *La Patria Libre* tiene hasta materialmente un corte distinto, y parece lógico suponer que en sus auspícios intervinieron adultos, como el maestro Mendive, según ha dicho.<sup>44</sup>

É mister salientar que a produção de periódicos como revistas literárias e científicas, jornais e panfletos tornaram-se características marcantes da circulação de ideias no século XIX e a importância da mídia impressa, no auge do capitalismo editorial, foi, como muito bem destacou Benedict Anderson em seu monumental livro *Comunidades imaginadas*, importante vetor na formação de identidades como o Nacionalismo assim como nas ideias que basearam movimentos de resistência ao colonialismo e processos independentistas. Mesmo Cuba, ainda em condição de colônia de uma decadente potência, que é a Espanha no século XIX, inserida está neste contexto em que Anderson chama atenção no seguinte trecho:

Assim, o editor-jornalista foi, a princípio, um fenômeno essencialmente norte-americano. Como principal problema para o editor-jornalista era atingir o leitor, desenvolveu-se uma aliança tão íntima com o agente postal que, amiúde, trocavam posições. Assim, a oficina tipográfica surgiu como elemento-chave das comunicações e da vida intelectual dos Estados Unidos. Na América, embora de modo mais lento e intermitente ocorreram processos semelhantes que resultaram nas primeiras tipografias locais, na segunda metade XVII.<sup>45</sup>

Podemos dizer que esta precoce mobilização expressa muito da vicissitude deste pensador latinoamericano, que na contramão de muitos intelectuais de seu tempo não formula suas ideias a

<sup>44</sup> SANDE, Luis Toledo. *Cesto de Llamas: Biografía de Joaé Martí*. Editorial de Ciencias sociales, La Habana, 1996.

<sup>45</sup> ANDERSON, Benedict R. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*; tradução Denise Bottman – São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Nesta valiosa obra Anderson diseca com autoridade e erudição os condicionantes da construção do Nacionalismo como identidade, recorre com apurada percepção os mecanismos de formulação e criação dos vínculos da identidade nacional e aponta como imprescindível veículo para a integração dos vínculos de pertencimento à Nação, a “comunidade imaginada”, o fenômeno editorial do Romance e dos jornais no final século XVIII e ao longo do século XIX.

partir de elucubrações distantes da realidade social em que vive. Não debulha de cima de “Torre de Marfim”<sup>46</sup>, sossegado e tranquilo, imune às intempéries do mundo real, mecanismos de análises apartadas das contradições inerentes às formações sociais as quais tecem suas reflexões.<sup>47</sup> Martí, na aurora de sua vida e em objetiva relação com os acontecimentos de seu tempo, ensaia de maneira intensa sua pena em publicações que, embora juvenis, expresam uma verve rebelde e intensamente apurada. Podemos afirmar, sem o risco da dúvida, que a imprevisível relação do jovem cubano com instituições educacionais do calibre da que teve o privilégio de estudar e o contato com personalidades do cenário intelectual cubano como Rafael María Mendive, seu mestre e tutor, aliada à possibilidade e oportunidade de envolvimento com outros condiscípulos, como o jovem Fermín, na elaboração de periódicos que tiveram como objetivo contribuir para a denúncia da anacrônica situação colonial de Cuba, foram marcas indelévels na formação deste pensador e ativista latino-americano. Podemos afirmar ainda que o meio erudito, no qual Martí iniciou seu desenvolvimento cognitivo e intelectual, determinou em última instância sua produção ao longo de sua meteórica existência e contribuiu acima de tudo para os desdobramentos políticos de Cuba no século XIX e para o mundo das ideias no século XX. O peculiar nacionalismo cubano e o anti-imperialismo tributários das ideias de Martí são a mais expressiva manifestação das idéias de um homem de ação como o foi na luta pela independência em Cuba.

Ainda na ênfase aos primeiros textos de Martí que inauguraram uma vida inteira de dedicação à causa independentista cubana, e buscando entender as origens históricas da produção intelectual do ilustre criollo, um expressivo poema, intitulado “10 de outubro” que é publicado em um pequeno periódico chamado Revista de Guanabacoa, chama a atenção por sua explosão apaixonante pela peleja na sierra do Escambray, em Oriente, no início da Guerra dos Dez Anos:

---

<sup>46</sup> Como bem salientou Norberto Bobbio: “Assim será verdadeiro intelectual o revolucionário; falso o reacionário: verdadeiro será aquele que se engaja; falso, aquele que não se engaja e permanece fechado na torre de marfim. BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira – São Paulo :Editora da Universidade Estadual Paulista,1997. P.14.

<sup>47</sup> De acordo com Retamar, Martí não pode ser caracterizado por um filósofo no sentido literal do termo, como alguém intrinsecamente envolvido com o mundo das idéias onde reflexões imanentes descasadas da realidade surgem etéreas e sem base. (“Já adiantamos as partes mais imediatas de seu “pensamento”: as que se referem ao político e ao social, que tiveram nele um lugar determinante. E mais: o resto de seu ideário não pode ser desvinculado de sua ação; está constituído, poderíamos dizer, pela sustentação e pelas metas desta. A “expressão”, nos disse ele mesmo, “é a fêmea do ato”.” FERNANDEZ RETAMAR, Roberto. Introdução a José Martí. In. MARTÍ, José. Nossa América. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1984. P.51)

No es un sueño, es verdad: grito de guerra  
 Lanza el cubano pueblo enfurecido;  
 El pueblo que tres siglos ha sufrido  
 Cuando de negro la opresión encierra.

Del ancho Cauto a la escambráica sierra,  
 Ruge el cañon, y al bélico estampido,  
 El bárbaro opressor, estremecido,  
 Gime, solloza, y tímido se atera.

De su fuerza y heroica valentía  
 Tumbas los campos son, y su grandeza  
 Degrada y mancha horrible cobardía.

Gracias a Dios que, al fin con entereza  
 Rompe Cuba el dogal que la oprímía  
 Y altiva y libre yergue su cabeza!<sup>48</sup>

Na mesma direção do poema, o drama “Abdala”, publicado na mesma ocasião que o texto acima, enseja também uma Ode aos movimentos rebeldes em Oriente. A história de uma heróica guerra de resistência em defesa de uma fictícia Pátria Núbia, uma terra distante em que alude à sua Cuba natal, o poeta surpreende por sua intrépida apologia e defesa daqueles que defendem com sangue a liberdade e a soberania da Nação. Aos quinze anos de idade a veia poética e rebelde se expressa de forma apaixonada e vibrante. Coerente com suas recém forjadas convicções e que desdobrariam-se como a base do seu legado intelectual e político, o pensamento rebelde reverbera na verve ainda latente do precoce pensador cubano. As imbricadas relações com seu mestre e mentor Rafael María Mendive chamam a atenção de autoridades metropolitanas que, após a prisão do diretor da instituição de ensino que proporcionou a Martí sua base intelectual, acoçam os jovens Fermín e Martí com a descoberta de um pequeno texto em forma de carta endereçada a um também discípulo do mestre que teria traído a causa se alistando como soldado das armas e que denuncia a ligação de Martí e Fermín a grupos que apoiavam ou simpatizavam indiretamente com a Guerra dos Mambises<sup>49</sup> liderados no Oriente por Céspedes. O

---

<sup>48</sup> Poema 10 de octubre. In: MARTÍ, José. Obras completas. Vol. 17: Poesía. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. p.20. A paixão juvenil não encobre a sobriedade das convicções. A pena de Martí percorre aquilo de mais entranhado que há em Cuba naquele momento. Sua formação intelectual e literaria junto ao seu mentor Mendive lhe dá subterfugios, ainda em tenra idade, de conceber versos tão belamente sutis quanto violentamente decisivos. Corre já na veia literaria de Martí algo que o influenciará por toda sua vida a paixão pela liberdade que se manifestará ao longo de sua vida e obra a partir de seu papel como mentor intelectual da independencia de Cuba e como militante incansável por uma definição peculiar do continente ao sul do Rio Grande.

tom condenatório com que adverte o a ex discípulo e a citação ao mestre Mendive provam seus perigosos vínculos com os mambises como cúmplices e portanto inconfidentes. Nesta carta, enfatiza Martí ao traidor:

A CARLOS DE CASTRO Y DE CASTRO

Habana, 4 de octubre de 1869

Compañero :

Has soñado tú alguna vez con la gloria de los apóstatas? Sabes tú cómo se castigaba en la antigüedad la apostasía? Esperamos que un discípulo del Sr. Rafael María de Mendive no ha de dejar sin contestación esta carta.

Fermín Valdés domingues y José Martí<sup>50</sup>

A carta com a caligrafia semelhante as de Martí e Fermín denuncia os jovens às autoridades coloniais e, como Martí assume a autoria e Fermín, por sua vez não a nega, os dois juntos a outros envolvidos são detidos. Os jovens são presos, julgados e condenados, sendo a Martí imputada a maior pena, seis anos de prisão com trabalhos forçados em las Canteras de San Lázaro na dura labuta da extração de cal, que inclusive o legou enfermidades diversas como a que comprometeu sua visão condenando-o precocemente ao uso de lentes corretivas. O episódio, visto por muitos como expressão do excesso da repressão metropolitana a supostos envolvimento com o movimento rebelde, inaugura um inusitado período de incertezas a Martí e sua família e condicionará o futuro e longo exílio do jovem cubano e sua tempestuosa trajetória enquanto exilado, militante e intelectual, assim como os rumos políticos na ilha ao longo da segunda metade do século XIX. Embora o pai ocupasse cargo na administração colonial, não escapou Martí às consequências de seu ato e de maneira trágica o apartamento de sua terra e o distanciamento de seus familiares se tornam evidentes, com o desenrolar de seu processo ensejando o exílio que se tornará elemento primordial em seu amadurecimento pessoal, intelectual e político.

Em carta à mãe Martí, já preso e surpreendido pela gravidade de sua situação, pois confessa que não esperava tal consequência por conta de uma mera correspondência a um colega de instrução, e esperando comutações futuras em sua pena, expressa ao mesmo tempo seu pesar

---

<sup>49</sup> Conhecida como Guerra dos Dez Anos (1868-1878), foi o primeiro grande movimento independentista na ilha. Liderados pelo proprietário de Engenho, Carlos Manuel de Céspedes, colonos, camponeses e escravos levantaram-se em armas contra o jugo colonial espanhol.

<sup>50</sup> Carta a Carlos de Castro y Castro. 04 de octubre 1869. In: MARTÍ, José. Obras completas. Vol.1 Cuba:Política y Revolución 1869-1892. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. p. 39.

em relação aos desdobramentos para a família de seu envolvimento com os fatídicos acontecimentos e uma contundente análise de sua própria inquieta juventude. Embora consciente e coerente em suas atitudes, Martí, ainda um adolescente que mesmo de postura altiva e nobre, traz consigo receios característicos de sua idade. Em trecho desta carta Martí escreve:

“Mucho siento estar metido entre rejas; -pero de mucho me sirve mi prisión.- Bastantes lecciones me ha dado para mi vida, que auguro que ha de ser corta, y no las dejaré de aprovechar.-Tengo 16 años, y muchos viejos me han dicho que parezco un viejo. Y algo tienen razón ; -porque si tengo en toda su fuerza el atolondramiento y la efervescencia de mis pocos años, tengo en cambio un corazón tan chico como herido.- Es verdad que V. padece mucho ;-pero también lo es que yo padezco más. Dios quiera que en medio de mi felicidad pueda yo algún día contarle los tropiezos de mi vida!”<sup>51</sup>

Aqui, todos os elementos sociais deste contexto são percebidos como imprescindíveis condicionantes da formação intelectual de Martí e também expressões das contradições que marcaram as relações entre colônia e metrópole. Embora espanhol, Dom Mariano não ocupa função tão nobre capaz de livrar o primogênito de uma inevitável condenação. As variadas origens sociais dos funcionários metropolitanos enviados à Cuba pela Espanha faz com que na ilha também se manifeste uma hierarquia não só de posições mas, sobretudo, de interesses e, de certa maneira, status, convergindo em uma clara marginalização daqueles colonos que não pertencem às estirpes tão nobres. As frações de classe que compunham a administração espanhola em Cuba serão atores de conflitos e disputas pelo poder que já se expressam na formação de correntes políticas opositoras desde o início do século XIX, além, é claro, do próprio processo de ocupação territorial da colônia ao longo dos séculos que marcará também de forma expressiva os diferentes interesses entre pequenos, médios e grandes proprietários de terra. Cabe inclusive ressaltar o caráter geográfico destas contradições: o Ocidente, marcadamente ocupado por latifundiários ligados principalmente à produção de gêneros para exportação e ligados aos grandes comerciantes, e o Oriente, em larga medida ocupado por pequenos e médios produtores, inclusive de tabaco. É absolutamente coerente, segundo nossa análise, considerar a condição de Martí após sua prisão como manifestação deste diverso contexto.

---

<sup>51</sup> Carta a la madre 10 de diciembre de 1869. In: MARTÍ, José. Obras completas. Vol.1 Cuba:Política y Revolución 1869-1892. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. P. 40. Nesta carta Martí denuncia as fragilidades de sua tenra idade mas ao mesmo tempo um precoce sentido de responsabilidade tanto em relação às sua já fecundas convicções quanto aos desdobramentos de seus atos para seus familiares. Esta dupla preocupação, pública e privada, acompanharão Martí por toda sua trajetória enquanto exilado, militante, filho, esposo e pai.

Neste ínterim, entre o desespero dos pais ante o futuro nebuloso do filho e suas insistentes buscas de apoio junto a iminentes personalidades políticas, Martí é enviado à prisão que, de forma violenta e miserável, também tem seu papel relevante no constructo intelectual do cubano e lhe dá subterfúgios para tecer uma severa crítica à prisão política que faz parte das repressoras relações entre metrópole e colônia. Mais uma vez, Martí retira da práxis elementos que ensejam suas teorias. O duro período passado na prisão como preso político condenado a trabalhos forçados em Las Canteras de Sán Lázaro possibilita o convívio com indivíduos que não gozam dos mesmos atributos daqueles com que até então conviveu como professores, alunos, poetas e intelectuais. Alí, naquele pedaço de inferno, expressão do que de mais vil existia na violenta repressão espanhola na ilha, conhece negros alforriados desgraçados pela escravidão, mestiços pobres injustamente condenados, entre eles crianças, e a face de uma Cuba esquecida e vilipendiada por séculos de colonização. A saúde se debilita, junto à penúria do espírito. O mal causado a si não o tortura mais que aquele inflingido aos seus companheiros de prisão e mais uma vez a sua vivência é marcada pelos descompassos e desgovernos de uma situação colonial humilhante. Se o contato precoce com a intelectualidade rebelde da ilha lhe deu ferramentas para suas análises cada vez mais politizadas, o convívio na prisão com indivíduos comuns, lhe dá os alicerces da construção do rebelde de uma aguçada sensibilidade social<sup>52</sup>. Tempos depois, em sua inicial estadia como exilado na Espanha, onde iniciará seus estudos superiores, escreverá um texto seminal em seus dotes narrativos com teor dramático, que registrará estes momentos que tão traumáticamente marcaram sua vida e sua trajetória. O *presídio político em Cuba*, publicado em 1871 na Espanha, teve calorosa recepção em grupos progressistas na Península e forte repercussão no mundo colonial. A pena astuta registrou com esmerada indignação o “batismo de sangue” do jovem rebelde. O criminoso tratamento dado aos detentos na prisão em que Martí compartilhou as agruras das vítimas do colonialismo serão constantemente associadas ao tratamento dado aos oprimidos colonos pela metrópole espanhola. Em texto profícuo, publicado já na Espanha como exilado, Martí esmiúça com detalhes, não só seu martírio no curto período em que foi detido e conheceu o ódio da metrópole, mas percebe também os mecanismos ardis e desumanos com que são mantidos os detentos. Em sua análise, o jovem exilado destila sua crítica

---

<sup>52</sup> De acordo com Sande a estadia de Martí no presídio foi marcante em sua radicalização política. O convívio com a massa, pessoas comuns, invisíveis, marginalizadas e o sofrimento físico e psicológico em que foi submetido aguçou ainda mais a sensibilidade de Martí às contradições das relações entre exploradores e explorados. SANDE, Luis Toledo. Cesto de Llamas: Biografía de Joaquín Martí. Editorial de Ciencias sociales, La Habana, 1996.

à situação de penúria imputada injustamente e de forma covarde a idosos e crianças. *O presídio político em Cuba* representa a primeira grande análise das contradições do regime colonial imputado à Cuba. De uma riqueza literária ímpar, figura imponente na grandiosa e vasta obra do autor um de seus mais ricos escritos. Em páginas marcadas por uma dramaticidade envolvente, Martí dá o seu testemunho comovente de uma prisão política, um desterrado em sua própria terra formula uma visão crua e realista daquele inferno que mesmo Dante não pode descrever pois “não esteve em um presídio”.<sup>53</sup>

O custo físico ao jovem preso político foi quase insuportável. Como já dito, as enfermidades o acompanhavam e a cada recaída piorava ainda mais a saúde o debilitando a ponto de provocar em seus pais uma corrida insana em uma campanha incansável para libertar o filho ou, ao menos, atenuar sua pena. D. Leonor e Don Mariano se consumiam e consumiam seus poucos recursos no intuito de manter viva a chama da esperança de dar ao filho um destino menos trágico.

Os esforços de D. Leonor e Don Mariano começaram a dar frutos quando ela, no desespero de mãe solicita, em carta ao Governador Superior Civil de La Habana, pede piedade ao filho prisioneiro enquanto seu pai pede auxílio ao engenheiro militar José María Sardá, arrendatário da produção de cal em Las Canteras e pessoa influente, inclusive ante ao Capitão Geral. Estes eventos, que provavelmente agravaram a precária situação financeira da família, pois não raro estes preciosos favores custavam muito dinheiro, surtem efeito pois são recompensados com a transferência de Martí para o setor de produção de cigarros do presídio e logo após, em 05 de setembro daquele ano, o Capitão Geral aprovou a comutação de sua pena ao confinamento à Ilha de Pinos, hoje Ilha da Juventude, uma espécie de casa de correção. O labor dos pais não para por aí, Dona Leonor insiste em atenuar ainda mais o sofrimento do primogênito. Em 06 de dezembro solicita ao Capitão Geral a autorização para o traslado de Martí à Espanha para que continue seus estudos e, em janeiro de 1871, é deportado no Vapor “Guipúzcoa” com destino à Cádiz.

---

<sup>53</sup> O presídio político em Cuba. In MARTÍ, José. Obras completas. Vol.1 Cuba:Política y Revolución 1869-1892. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991.

### **2.3- Um longo exílio: A formação intelectual e militante do “Apóstolo” da Independência e sua vivência como exilado na Espanha, no México, na Guatemala, na Venezuela e nos EUA.**

Não podemos simplesmente entender que o exílio de Martí foi produto apenas dos espartanos esforços dos pais, tampouco de uma suposta piedade das autoridades coloniais ante um jovem que poderia almejar um futuro promissor, caso não se envolvesse, talvez por inocência e seduzido por ideais ardis de radicais eminentes, em atos condenatórios. Havia neste imbróglio algo de político. O movimento de apoio à guerra iniciada por Céspedes expressado nos meios intelectuais se fortalecia. Correntes políticas variadas efervesciam o cenário político da ilha. Há tempos separatistas, reformistas e anexionistas embasavam suas posições em meio a diversas manifestações de insatisfação e algumas rebeliões que significativamente chamavam a atenção da Metrópole. Assim, o exílio de Martí pode ser entendido dentro de um conjunto de medidas para aplacar o material “incendiário” na ilha, esvaziando seu teor explosivo. Em biografia já citada Luis Toledo Sande afirma:

El 6 de diciembre doña Leonor solicitó al Capitán General que se autoriza el traslado del hijo a la Península, para que allí pudiera continuar los estudios. El día 12-ayudada quizás por la voluntad de las autoridades españolas de alejar del territorio cubano a cuantos pudieron ser peligrosos para el orden colonial- consiguió la respuesta afirmativa, y el 18 salió Martí de Isla de Pinos hacia La Habana. Muy poco después se le extendió el pasaporte para su viaje a Madrid, y en ese mismo mes visitó el presidio, donde no le faltarían compañeros de quienes despedirse.<sup>54</sup>

Assim os esforços dos pais, preocupados com o incerto e fatídico futuro do filho, e as preocupações provocadas pelo jovem rebelde às autoridades metropolitanas, estas já alerta em relação ao aumento das insatisfações de importantes setores da sociedade colonial, são vistos como condicionantes a um desdobramento determinado mesmo pelas contradições nas relações entre colônia e Metrópole. Podemos dizer que a particular condenação de Martí expressa, de forma contundente, a repressão às ideias que vinham germinando na ilha há tempos e que preocupava em demasia a Coroa Espanhola. O exílio como apartamento de um indivíduo de seu solo pátrio, carrega ao mesmo tempo em si, os mecanismos de resistência ao distanciamento. Sua

---

<sup>54</sup> . SANDE, Luis Toledo. Cesto de Llamas: Biografía de Joaé Martí. Editorial de Ciencias sociales, La Habana, 1996.

vivência enquanto exilado e as vicissitudes inerentes a ela demanda a criação de condições que atenuem as consequências nefastas do isolamento.<sup>55</sup> Podemos afirmar que os exílios de Martí formarão tanto o humano, quanto o cubano e o intelectual que daí resultará e estará marcado de forma efetiva tanto pelo bônus cultural do cosmopolitismo quanto pelo ônus da distância de seu povo, de sua casa e de sua família.

### **2.3.1- A Espanha: Amadurecimento intelectual e a institucionalização do saber, A formação universitária na efervescente Espanha da segunda metade do século XIX.**

A partir de então a trajetória do intelectual e rebelde cubano toma outros rumos com o início de seu longo exílio. A primeira estação desta longa viagem é a Espanha. Ali Martí inicia seus estudos superiores com muito custo, da mesma forma em que é custosa sua sobrevivência. Em Cádiz foi curta sua estadia, o intervalo entre sua chegada em 01 de fevereiro de 1871 e sua partida no dia 16 do mesmo mês foi marcada por uma oportuna recepção para que atenuasse no jovem exilado as marcas da prisão e de uma precoce experiência com o ódio das instituições metropolitanas na ilha, uma espécie de aclimatação em um ambiente e clima que traduzirá o início da formalização da educação de Martí nas universidades da Espanha. Sua rápida transferência a capital Madrid foi marcada por uma insuspeita recepção, do também cubano e jovem exilado, embora catorze anos mais velho que Martí, Carlos Sauvalle. Este havia sido editor em Havana de um pequeno periódico clandestino *El Laborante*, de caráter conspiratório o que levou a seu editor a prisão e posterior deportação por suposto envolvimento em um levante, abortado pelas autoridades colonialistas, às vésperas do Natal de 1869.

Sauvalle foi para Martí ilustre companheiro e indispensável ajuda em sua inicial acomodação na capital em meio a uma calorosa solidariedade entre aqueles que, ligados por compatibilidades ideológicas, convergiam discursos acerca da necessária continuação da luta

---

<sup>55</sup> Em excelente artigo Said nos apresenta um panorama intimista do intelectual na condição de exilado. Como a necessidade de criar sentido no niilismo e de dignidade no indigno traça toda uma construção de situações que convertem uma adversa situação em algo que possa ser relativizado em vista a não sucumbir. (“O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.”) SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

patriótica em solo espanhol.<sup>56</sup> As aptidões literárias de Martí lhe facultaram rapidamente o envolvimento, junto a Sauvalle, em publicações como o periódico *La Soberanía Nacional*, onde destila sua verve jornalística em um artigo publicado com o título “Castillo” e reproduzido também em Sevilla com o título *La Cuestión Cubana*, considerado um antecedente do texto *El presidio político en Cuba*. Este artigo, “Castillo”, teve ressonância fora da Europa, sendo publicado em Nova York no periódico independentista *La República*, dando já contornos internacionais às ideias do Apóstolo. Outros textos importantes foram forjados no calor das contendas em torno da contraditória e anacrônica situação colonial em Cuba frente ao incipiente caldeirão de ideias liberais que escaldavam o republicanismo na Espanha neste período. O periódico *El jurado Federal* foi veículo de contendas com o diário Madrilenho, de caráter pró-colonial, *La Prensa* no palco de debates sobre a independência de Cuba.

Contudo o texto de maior fôlego, escrito nestes primeiros momentos no exílio, no que diz respeito às críticas de Martí à manutenção do jugo colonial espanhol em Cuba foi sem dúvidas o *La Republica española ante la Revolución Cubana* que, publicado primeiramente em folhetim, foi logo depois reproduzido em sevilha pelo jornal *La cuestión Cubana*, de grande circulação. Este artigo escrito em meio ao estabelecimento da Primeira República na Espanha, como aludido anteriormente, foi uma eloquente defesa do independentismo baseado em arcabouço teórico legitimado pelo contexto em que vivia a política espanhola. Apontava as contradições entre um República com aspirações e valores de soberania e liberdade e a manutenção de uma colônia que expressava o que de mais arcaico e anacrônico existia em Espanha. Em trecho emblemático defende que:

La gloria y el triunfo no son más que un estímulo al cumplimiento del deber. En la vida práctica de las ideas, el poder no es más que el respeto a todas las manifestaciones de la justicia, la voluntad firme ante todos los consejos de la crueldad o del orgullo. Y cuando el acatamiento a la justicia desaparece, y el cumplimiento del deber se desconoce: infamia envuelve el triunfo y la gloria, vida insensata y odiosa vive el poder. (...) Engendrado por las ideas republicanas entendió el pueblo cubano que su honra andaba mal con el Gobierno que le negaba el derecho de tenerla. Y como no la tenía, y como sentía potente su necesidad, fue a buscarla en el sacrificio y el martirio, allí donde han solidado ir a encontrarla los republicanos españoles. Yo apartaría con ira mis ojos de los republicanos mezquinos y

---

<sup>56</sup> Aqui novamente a importância das relações pessoais de Martí é destacada como imprescindível em sua trajetória intelectual. Os vários personagens que vão compor esta miríade estarão presentes em qualquer texto que busque analisar de forma efetiva a vida do ilustre pensador cubano. Mañach aponta a Espanha como um momento potencializador desta vivência. <sup>56</sup> MAÑACH, Jorge. Martí, El Apóstol. Editorial de ciencias sociales. Colección Biografía, La Habana, 1963. p.29.

suicidas que negasen a aquel pueblo vejado, agarrotado, oprimido, esquilado, vendido, el derecho de insurrección por tantas insurrecciones de la República española sancionado. Vendida estaba Cuba a la ambición de sus dominadores; vendida estaba a la explotación de sus tiranos. Así lo ha dicho muchas veces la República proclamada. De tiranos los ha acusado muchas veces la República triunfante. Ella me oye: ella me defiende.<sup>57</sup>

Não é nossa intenção e nem há espaço para tal, inventariar todos os textos produzidos ao longo de seu também longo exílio. Contudo uma talvez injusta e insuficiente seleção nos ajuda a compreender os caminhos e descaminhos de Martí ao longo desta empreitada, principalmente no que diz respeito a forja de sua base intelectual. Inúmeros outros textos com a mesma temática serão publicados na Espanha neste período do exílio marcado pelo processo de formação acadêmica na Faculdade de Direito. Além do Bacharelado, que diga-se de passagem não foi sua paixão, Martí também conclui sua formação em Letras e Filosofia o que lhe garante o exercício do magistério em diversas ocasiões, e que inclusive lhe deu subsídios para seu sempre complicado sustento, mas também por sua clara inclinação, como escritor, ao gênero literário. Assim seguia sua asoberbada vida na Espanha, enquanto intelectual e exilado. Segue seus estudos acadêmicos que, não obstante suas parcas condições econômicas, se sustentam a duras penas. Os trabalhos publicados não conseguiam contemplar as necessidades mais básicas dando ao exílio ares de fatídica sobrevivência. A ajuda do então amigo Sauvalle foi imprescindível para atenuar os impactos de seus magros recursos. Em diversas ocasiões participou na fundação de sociedades literárias, na organização de Tertúlias e Saraus e em publicações literárias que forneciam a Martí poucos recursos.

As sequelas físicas da prisão em Cuba se manifestavam através de enfermidades que acometiam o jovem exilado que de tempos em tempos sofria e que aos poucos foi comprometendo sua saúde em não raros momentos de debilitamento que marcarão também sua meteórica existência. Nestes idos, em Madrid, Sauvalle que também era médico socorria o companheiro de forma a estreitar ainda mais sua amizade com Martí. Inicia seus estudos em 31 de maio com sua matrícula na Faculdade de Direito da Universidade Central de Madrid. O vínculo a uma

---

<sup>57</sup> La Republica Española ante a Revolución Cubana. In MARTÍ, José. Obras completas. Vol.1 Cuba:Política y Revolución 1869-1892. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. As impressões de Martí sobre a efervescente vida política na Espanha naquele período, onde a força do republicanismo foi responsável por importantes desdobramentos políticos na monarquia espanhola, forma canalizadas na denúncia sistemática da contradição entre este clima de liberdades e direitos e a arcaica condição de Cuba enquanto colônia da Espanha naquele momento. Para Martí, os valores republicanos na Espanha legitimavam a luta independentista em curso na ilha.

Instituição de ensino tão prestigiada como aquela lhe coloca em contato, inevitavelmente com a nata da intelectualidade espanhola de então. Há que se destacar que a Espanha vivia neste período um forte republicanismo que ensejava momentos de liberdade que alimentava propósitos emancipatórios de diversos matizes, entre eles a independência de Cuba.

Cabe aqui fazer um breve adendo com o intuito de atender os objetivos deste trabalho. Nossa posição defendida aqui remete à influência da vivência de Martí no exílio em sua fecunda obra. O contato com a intelectualidade de diversos países na América e na Europa, no caso Espanha e efêmeras visitas à França e à Inglaterra, marcaram a obra do autor assim como suas ideias também influenciaram pensamentos de outras Nações. A efervescente produção intelectual da época contribuiu para o aprimoramento das ideias de Martí, assim como suas análises acerca da realidade política econômica e social da América Latina de maneira geral e de Cuba em particular. A filosofia desenvolvida na Europa coloca Martí em contato com pensadores que marcarão sua vida como Krause e sua ideias sobre solidariedade patriótica como base das nações, Schelling e sua concepção acerca da unidade entre natureza e espírito na figura de Deus e Hegel e seu idealismo como síntese dialética da História. O contexto do século XIX, marcado pela formação de nacionalismos mundo à fora e por processos de independência na América, onde nacionalismos também são gestados de forma particular e paradigmática, aliados ao fortalecimento das ideias liberais e de governos republicanos em um claro período de transição ao modo de produção capitalista, a par de um imperialismo raivoso que se expande do centro para a periferia, também condiciona e em última instância norteia as elucubrações de um intelectual que na práxis revolucionária forja suas ideias.

Para o cubano exilado e em convívio com as efervescentes ideias liberais que se desenvolviam em uma Espanha que vivia momentos de um constitucionalismo fértil e um republicanismo manifestados em latentes ideias progressistas, a península foi um ambiente fértil ao desenvolvimento de seu pensamento apurado e crítico, arrisco este último adjetivo ao desenvolvimento intelectual do jovem cubano, pois em inúmeras vezes no próprio amadurecimento de seu liberalismo não poupou severas acusações aos limites deste corpo ideológico.<sup>58</sup> O movimento constitucional que inaugurou em 1868 a efêmera Primeira República

---

<sup>58</sup> Pedro Pablo Rodríguez em sua obra magistral sobre Martí destaca o alinhamento de Martí às ideias liberais a ponto de o classificar como tal. Contudo alude também as severas críticas do cubano ao liberalismo importado pra ilha que tolerava e até mesmo aceitava a escravidão e a dominação colonial, que para o autor era incompatível com qualquer ideário que ser quer emancipador da humanidade. RODRÍGUEZ, Pedro Paulo. Martí e as duas Américas; tradução de Ana Corbisier- 1ª- São Paulo:Expressão Popular, 2006. P. 34.

na Espanha deu a Martí, junto a sua formação acadêmica, a base material de suas análises sobre a situação de sua querida Cuba. Em pequeno artigo, Florencia Peyrou e Manuel Pérez Ledesma destacam que:

Apesar dos seus escassos êxitos, o republicanismo do período isabelino e do sexénio revolucionário alcançou uma notável importância na história política, social e intelectual espanhola dos séculos XIX e XX. São vários os motivos dessa importância: a sua ampla capacidade de mobilização popular, em primeiro lugar; o seu importante grau de implantação geográfica, em segundo; e, por fim, a sua indubitável influência na progressiva abertura do sistema político espanhol, num processo que culminou com a revolução de 1868 e a instauração, por efêmera que tenha sido, da Primeira República.<sup>59</sup>

Assim é razoável afirmar que a vivência e a influência do exílio na obra de Martí é um fator que não se deve negligenciar em qualquer análise que se quer honesta e objetiva na História das ideias e dos intelectuais. Em um momento mais apropriado desenvolveremos uma análise mais detalhada desta face do pensamento do cubano exilado, a qual buscaremos esmiuçar e destrinchar, entre as imponentes ideias do autor, categorias e conceitos que se tornarão valiosos no século XIX e XX. Por enquanto continuemos a nos dedicar a análise histórica da trajetória deste grande e ilustre latino-americano no exílio. Os ingressos em diversas Universidades e Cursos, em Madri, Zaragoza deram ao cubano um alento intelectual diversificado que contribuiu também para o expansivo alcance de suas ideias. Em janeiro de 1874, em plena queda da Primeira República de Espanha, portanto em efervescente momento político, após envolvimento na resistência dos republicanos de Zaragoza ao ataque do General Pavía que pôs fim ao movimento, Martí pronuncia discursos em ato público em benefício dos órfãos e viúvas dos republicanos. Os acontecimentos oriundos da tentativa de um golpe de estado bem sucedido reverberaram de forma inequívoca no cotidiano de Martí. Neste imbróglio presume-se que Martí tenha se enredado nos encantos de uma jovem aragonesa em uma de suas estadias e posterior estabelecimento nesta província com o intuito de concluir seus estudos. Blanca de Montalvo, seu nome, foi considerada por muitos biógrafos como seu primeiro flerte e caso amoroso. O romance, contudo não vingou por motivos óbvios, a saber, sua partida para o México em finais de 1874.

---

<sup>59</sup> PEYROU, Florência. LEDESMA, Manuel Pérez. O sonho da República na Espanha do século XIX (1840-1868). Revista Ler História: Repúblicas: culturas e Práticas. Nº 59. 2010.

No mês de junho obtém o grau de licenciado em Direito Civil e Canônico e faz diversas viagens a capital. Neste momento, afirmam alguns autores que Martí entra em contato com os acontecimentos em Paris. A histórica Comuna De Paris, considerada por Karl Marx como a primeira experiência socialista da história tem pouco impacto na vida e na formação de Martí. Admirador da obra de Victor Hugo e sabedor de seu envolvimento com o movimento ensaia parcas e deficientes observações ao movimento que classifica como precipitado e voluntarista. Roberto Fernandez Retamar alude a dificuldade de Martí compreender, naquele momento, uma luta de caráter iminentemente social ao seu engajamento fortemente político por conta da situação de Cuba colonial. Talvez não houvesse ainda amadurecido em Martí a sensibilidade necessária para o entendimento de um movimento como o que eclodiu em Paris na década de 1870<sup>60</sup>. Inclusive as raras alusões ao contato de Martí com os movimentos operários na europa no século XIX ainda é uma lacuna nos estudos sobre a trajetória deste iminente intelectual. Sabemos contudo que como liberal que era, por vezes condenava a violência, segundo ele nociva, da luta de classes, embora na ocasião da Morte de Marx hovesse rendido ao líder operário alemão homenagem póstuma em seu artigo “*Karl Marx morreu*”, onde destaca a militância daquele que dedicou sua vida aos excluídos e lutou bravamente contra as injustiças sociais. Muitos especulam o quão valioso e produtivo seria o contato do cubano com os socialistas e a influência que estes teriam dado às suas ideias e o quanto as ideias de Martí poderiam ter contribuído ao complexo sistema do Socialismo Científico. O fato é que tal possibilidade carece ainda de investigações.

Em outubro de 1874 obtém os graus de licenciado em Letras e Filosofia como já foi aludido, mas não consegue pagar para obter os títulos, situação que se tornou costumeira em sua carreira acadêmica, a conclusão com louvor dos cursos junto à carência dos recursos para obter o diploma. Seus planos de viajar ao México são já evidentes. Sabe que sua família lá está estabelecida e a possibilidade de rever seus entes o anima no traslado. Contudo, antes da partida para terras astecas, faz uma breve viagem à Paris em fins de 1874 junto a seu amigo Fermín Valdés Domínguez, que há algum tempo havia se estabelecido junto ao Irmão em terras espanholas. Lá entrou em contato com o poeta Auguste Vacquerie e segundo uma de suas

---

<sup>60</sup> FERNANDEZ RETAMAR, Roberto. Introdução a José Martí. In. MARTÍ, José. Nossa América. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1984. Neste breve texto o autor aponta como justificativa do distanciamento de Martí às teorias sociais mais radicais, em voga na europa naquele momento, a dedicação quase exclusiva em refletir a situação política em cuba que de certamaneira encobria possíveis e necessárias análises sociais. A peculiar situação política de Cuba naquele momento fazia com que Martí dedicasse exclusivamente suas reflexões e sua pena à causa independeritista. P.48-49.

crônicas conheceu ou, ao menos, saudou o admirado Victor Hugo. Partiu dali para uma rápida estadia na Inglaterra, onde por fim em Southampton embarca rumo ao México, mas antes com uma breve passagem em Liverpool e Nova York.

Sua saída da Espanha, dada sua condição de exilado e desterrado, foi clandestina, contudo é sabido que para as autoridades espanholas a saída de um agitador do calibre de Martí com sua intransigente e inoportuna defesa em terras espanholas da independência de Cuba não seria algo que prejudicasse a imagem da Metrópole e sim atenuava o inconveniente de abrigar um porta voz de tão delicado problema.<sup>61</sup> Tais fatores corroboram a ideia de que, embora exilado político na Espanha, a militância em prol da independência de Cuba foi contínua e efetiva. Em meio a sua formação acadêmica e intelectual sua produção literária voltava-se sempre aos acontecimentos em Cuba, neste momento em meio a uma auspiciosa guerra independentista, tal direcionamento orientava a lapidação de suas originais ideias. Um exilado sempre leva consigo a terra que o formou. As condições sociais, econômicas e políticas nas quais o indivíduo se forma como ser social condicionam o desenvolvimento do intelecto e marcam de forma indelével sua trajetória. Por mais que a distância que produz o exílio aparte tal indivíduo destas condições, sua ligação com a causa e a história de Cuba o mantém alerta e engajado histórica e ideologicamente às transformações políticas em sua terra natal. O intelectual por excelência representa de forma expressiva esta condição. Mesmo exilado e vivendo a cultura imperial, o intelectual leva consigo mecanismos e ferramentas que forjam uma resistência estável mesmo no exílio. Said, em seu oportuno livro *Cultura e Imperialismo* adverte:

A viagem para dentro, assim, constitui uma variedade particularmente interessante da obra cultural híbrida. E o fato de existir é um sinal de internacionalização adversária numa época de manutenção das estruturas imperiais. O logos já não reside exclusivamente, por assim dizer, em Londres e Paris. A história já não corre unilateralmente, como pensava Hegel, do Oriente para o Ocidente, ou do Sul para o Norte, tornando-se mais elaborada e desenvolvida, menos primitiva e atrasada à medida que avança. Pelo contrário, as armas da crítica tornaram-se parte do legado histórico do império, em que as separações e exclusões do “dividir para dominar” são apagadas e brotam novas configurações surpreendentes.”<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> Em sua biografia sobre Martí, Sande afirma: “En noviembre o diciembre de 1874 inició su viaje de regreso de España a suelo americano: a México. Su salida de España, donde cumplía condena de destierro, tuvo quizás, hasta cierto punto, carácter clandestino. Pero tampoco hay por qué descartar la posibilidad de que las autoridades españolas, o algunas de ellas, optaron por quitarse de encima al intransigente activista de la independencia cubana”. . SANDE, Luis Toledo. *Cesto de Llamas: Biografía de Joaquín Martí*. Editorial de Ciencias sociales, La Habana, 1996. P.67.

Os intelectuais das áreas coloniais ao se exilarem na metrópole e produzirem um pensamento anticolonialista configuram e expressam um movimento coletivo de massas nesta direção (o exílio). Said entende a particularidade na confecção das ideias do intelectual exilado como algo que deveria ser analisado a partir de intenso mecanismo de troca onde a força propulsora da construção do anticolonialismo reside principalmente na percepção de sua condição de explorado inserido dentro de uma grandiosa estrutura que é a dominação colonial. A força da resistência ao colonialismo consegue uma visão mais apurada da condição colonial a partir do contato direto com a cultura metropolitana, tanto em seus aspectos pró-colonialistas quanto nos movimentos de oposição ao colonialismo dentro da própria Metrópole que, a par de suas insuficiências e limitações impostas pela cultura dominante, serve ao exilado um entendimento acerca da dominação muito mais efetivo.

### **2.3.2- México: o primeiro contato com o Liberalismo conservador em “Nuestra América”.**

Sua chegada ao México foi marcada por eventos traumáticos. Sua família, recém chegada nestas terras, lamentava a morte de sua irmã Mariana Matilde, a quem Martí tinha especial afeto. Foi noiva do pintor mexicano Manuel Ocaranza após chegar com sua família em dezembro do ano anterior, produto de uma decisão de don Mariano que abandonava seu cargo na administração colonial em Cuba por humildes funções em terras mexicanas. Alí, conheceu o jovem Manuel Mercado como quem, futuramente, Martí travará intenso relacionamento e por conta de sua estreita amizade será o destinatário de seu testamento literário feito por intermédio de carta escrita pouco antes de morrer. Manuel Mercado, destacada figura na política do país, foi

---

<sup>62</sup> SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottmann. Companhia de Bolso, São Paulo, 2001. No capítulo III: O autor chama a atenção para os inevitáveis vínculos entre pensadores e escritores de áreas colonizadas e a cultura européia. Crítica o maniqueísmo estabelecido em uma possível cultura de resistência ou nativa ou européia. (“Quero abordar um aspecto muito discreto desse vigoroso impacto — a saber, a obra de intelectuais das regiões coloniais ou periféricas que escreviam numa linguagem “imperial”, que se sentiam organicamente ligados à resistência das massas ao império e que se colocaram a tarefa crítica e revisionista de enfrentar a cultura metropolitana, utilizando as técnicas, discursos e armas do saber e da crítica antes reservados só aos europeus. O mérito de suas obras apenas na aparência depende dos discursos ocidentais dominantes, e elas nada têm de parasitárias; de sua originalidade e criatividade resultou a transformação do próprio terreno das disciplinas.”) P-374

deputado do Congresso da União nos tempos de Juárez e secretário de governo no Estado de Michoacán. Ocupava neste momento importante cargo de Secretário de Governo no Distrito Federal. Ao saber que no México se instalava a família do ilustre rebelde cubano, fez questão de dar todo o suporte à uma família passava por difíceis momentos desde o envolvimento de Martí com a Guerra dos Dez Anos. Tal condição se tornou pública através do Jornal *La Iberia*, onde seu editor, em busca de angariar fundos para a família imigrante relata em artigo tal situação. Posteriormente tal periódico tecerá severas críticas ao pensador cubano.

Através de Mercado, Martí é apresentado a Vicente Vellada, diretor da Revista Universal, onde Martí terá uma ativa participação. Artigos em que abordava diversos temas e que assinava com o pseudônimo Orestes, prática que vinha se tornando comum no mundo literário de então. Ao longo de sua estadia no México desenvolveu uma intensa produção. Além da Revista Universal escreveu também para o jornal o Federalista, em que fazia comentários sobre economia e política. Vale destacar também que em tal condição o jovem literato foi apresentado a nata intelectual da época, composta por pintores, poetas, escritores e jornalistas como: o escritor e político Ignacio M. Altamirano, o poeta Juan de Dios, e o dramaturgo José Peón Contreras entre outros. Ingressou como membro do Liceu Hidalgo, Instituição literária prestigiada no México expandindo ainda mais seus horizontes de contato com a efervescência intelectualidade liberal do México e dando condições efetivas para o pleno desenvolvimento de seu potencial literário. Enveredou também no mundo da dramaturgia com sua peça *Amor como amor se paga*, encenada por atores mexicanos e dando diversidade à expressão artística de Martí. Cabe ressaltar que o contexto político daquele país era o proporcionado por um governo com uma agenda Liberal que se adequava a realidade do recém independente México. O governo de Sebastián Lerdo de Tejada, que com bases liberais vivia um período conturbado, principalmente por conta de suas complexas relações com os Estados Unidos que então já havia abocanhado parte expressiva do território mexicano em um precoce ensaio Imperialista. Tal acontecimento já chama a atenção de Martí acerca do poderoso “Irmão do Norte”. Aliado a percepção de Martí da condição do indigenato no México, o pensador cubano começa a esboçar seu precioso conceito de “Nuestra América” que se tornará uma de suas sistemáticas reflexões. Martí com sua efetiva participação política nos países em que viveu como exilado pode analisar de forma abrangente as vicissitudes das recentes repúblicas fundadas a partir dos processos de independência da América Espanhola,

assim como os primeiros passos expansionistas daquele que seria uma das maiores potências Imperialistas e seus ambiciosos planos para toda a região transformado em seu quintal.<sup>63</sup>

Especula-se que em México, Martí teve uma intensa vida amorosa. Flertou com damas da sociedade e, principalmente mulheres ligadas à poesia e ao teatro como a atriz Concepción Padilla e a tão cobiçada dama da sociedade mexicana, Rosario de la Peña, que através de cartas que foram também publicadas em suas *Obras Completas*, destilou seus sedutores galanteios. Contudo foi através de vínculos com seus senhorios que conheceu a mulher com quem casaria e teria seu único filho. Carmen Zayas Bazán conheceu Martí em um baile dias depois da estréia de sua peça “*Amor com Amor se paga*”. Luis Toledo Sande em já citada obra nos descreve as condições deste importante encontro: “La casa donde vivia la familia Martí era propiedad de Ramón Gusmán, yerno de Francisco Zayas Bazán Varona y cuñado de Carmen, a mujer de quien Martí se enamoró y fue correspondido.”<sup>64</sup>

O relacionamento caminhava certamente para algo mais sério pois nos poemas publicados na Revista Universal não eram raras as dedicatórias e menções a amada como o poema “*Sin amores*” e o “*Eco de Ambos Mundos*” onde apaixonadamente apresenta sua amada a seus leitores. Quando de sua inevitável saída do México, Martí planeja um breve retorno para consumir uma união que ao longo dos anos passará por provas que o casal não poderá suportar. O bom senso e talvez a influência de uma vida eivada de confortos que em sua juventude pode gozar e que, casada não pode mais usufruir dada as condições de seu marido, fez com que abandonasse Martí e junto ao filho fosse morar com os seus. Não podemos saber se Martí havia neste período percebido que o seu envolvimento com a causa cubana estreitaria vínculos tão profundos que a mera possibilidade de construir uma sólida vida conjugal e constituir uma bela família nos mais expressivo molde burguês era extremamente reduzida. Cabe aqui uma reflexão acerca das exigências de uma vida dedicada a uma causa tão revolucionária quanto a

---

<sup>63</sup> A trajetória de Martí no México o colocou em contato direto com diversos problemas da América de língua espanhola de forma direta e efetiva. A questão dos camponeses indígenas no México e as medidas tomadas pelo governo de Sebastian Lerdo, inaugurando o papel dos chamados “Científicos”, burocratas do governo do México com forte influência positivista que traduziu-se em medidas de caráter modernizante mas que não reconheceram direitos de povos nativos na região. Sande em sua biografia descreve a percepção do exilado cubano desta realidade. . SANDE, Luis Toledo. Cesto de Llamas: Biografía de Joaé Martí. Editorial de Ciencias sociales, La Habana, 1996. p.80.

<sup>64</sup> O autor neste trecho de sua obra nos apresenta reservas da família de Carmem com o exilado cubano dado ao seu envolvimento com o independentismo e sua evidente pobreza. O pai de Carmem embora afeito ao respeitoso comportamento de Martí não esconde sua inclinações reacionárias como partidário da manutenção do jogo colonial em Cuba. (SANDE, 1996, p.79)

independência de Cuba e como devemos pensar os atributos de um intelectual que decide escolher a práxis como base para a formação de suas ideias e seus sistemas de pensamento. Uma labuta desta natureza em algum momento comprometerá ou será comprometida por escolhas como a de se tornar parte efetiva de um núcleo familiar. As exigências de cônjuge, pai/mãe e educador, atributo que deve estar implícito na função de pais, impossibilita qualquer escolha que exija uma dedicação exclusiva como a que Martí estava prestes a se envolver profundamente. As desventuras de seu longo exílio, as interdições de uma vida na clandestinidade e as ameaças sofridas por sua condição de rebelde vão desgastando o relacionamento entre Martí e sua esposa Carmen. O nascimento de seu filho tem um significado particularmente intenso em sua trajetória. A influência de sua condição enquanto pai refletirá em sua temperança, calma, tolerância e afeto ante a momentos em que paixões e emoções tendem a confundir mesmo aquele fiel tributário da razão. Os diversos textos e poemas em que faz alusão a sua relação com o filho e o seu significado para o grande mentor da independência de Cuba nos revela um sentimento de pura gratidão e realização.

Como já mencionado, os ares liberais do governo de Lerdo de Tejada no México, em que pese as vicissitudes do continente, sofreu distorções que a argúcia analítica de Martí não deixava escapar. Uma destas distorções, manifestadas nas polêmicas condições em que viviam a população nativa do México, que a par de obstáculos construídos pelas próprias instituições liberais não eram contemplados com plenos direitos de cidadão, aguçou a pena de Martí em diversas críticas feitas em seus textos de caráter econômico e social que publicou naquele país. A percepção do cubano acerca destas contradições foi fator marcante nos primórdios de sua reflexão sobre “Nuestra América”. Neste período em que Martí acompanhava o desenvolvimento de medidas que ensejariam a implantação efetiva do modelo liberal na América recém independente, o governo de Lerdo sofria ameaças veladas do General Caudilho e do opositor Porfírio Díaz, que em novembro de 1876 sobe ao poder estabelecendo um regime ditatorial que será severamente criticado por Martí em *El Federalista*, o que provoca sua inevitável retirada do México. A *Revista Universal* junto a outros periódicos são fechados pelo governo, inaugurando um período de improvável permanência de elementos rebeldes no país como Martí.

### **2.3.3- Guatemala: Ditadura, indigenismo e questão social na pena do exilado.**

Em Dezembro de 1876 embarca a bordo do Vapor Ebro de Vera Cruz para Havana clandestinamente, usando seu segundo nome e segundo sobrenome Julián Perez. Nesta breve escala, em que busca ajeitar o retorno da família à Cuba que chegaria em fevereiro, alimenta no cubano um desejo inquebrantável de retornar à sua terra natal. A Guerra em Cuba estava em um momento de sufocante paralisia. O movimento gestado por Céspedes estava com os dias contados e esta conclusão provocou em Martí uma ansiosa frustração. Chega em Havana em janeiro do ano seguinte permanecendo nela até 24 de fevereiro quando novamente retorna à Vera Cruz no México e após escala em Belize e Livingstone, de lá parte para Guatemala. Alí, recepcionado por parentes da família Valdéz Dominguez estabelece-se efetivamente em março de 1877.

Neste país Martí tem em sua solícita hospitalidade as condições de trabalho necessárias ao seu futuro matrimônio e oportunidades de continuar sua trajetória enquanto escritor, jornalista e professor. Na Guatemala Martí pode desenvolver sua aptidão como docente da Escuela Normal de Guatemala, trabalho conseguido por seu amigo José María Izaguirre. Tais oportunidades foram reconhecidas por Martí em ocasiões em que expressa uma sincera gratidão. Além de docente na Educação básica, Martí é nomeado também catedrático de Literatura e História Natural na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Central de Guatemala. O regime encabeçado pelo General Justo Rufino Barrios era semelhante aquele com que no México Martí se opôs. Portanto, não tardaria para que as relações entre o exilado e as autoridades guatemaltecas ficassem abaladas.<sup>65</sup> Enquanto tal infortúnio não acontecia, homens poderosos daquele país, como o Ministro das Relações Exteriores, Joaquín Macal, que conheciam muito bem a trajetória de Martí na Espanha e no México, confabulavam formas de atrair o jovem e talentoso orador para as hostes do governo. Foi neste espírito de reservas de ambos os lados que o Governo guatemalteco e Martí mantiveram sua relação. Martí foi convidado diversas vezes para analisar medidas tomadas do governo que era em sua essência autoritário e, portanto, hostil às ideias democráticas do intelectual cubano, como o convite feito pelo Chanceller acima citado para comentar a nova Constituição do país. Por mais que Martí buscasse se esquivar de assuntos delicados para sua

---

<sup>65</sup> De acordo com Mañach, embora neste país, Martí tenha tido efetivas oportunidades, tanto no que diz respeito aos seus labores de jornalista e poeta, quanto na obtenção de recursos para sua sobrevivência, a ponto de se dedicar à uma obra de fôlego sobre a História da Guatemala, os desdobramentos de um caudilhesco governo tornaram inviável a permanência do cubano no país. MAÑACH, Jorge. Martí, El Apóstol. Editorial de ciencias sociales. Colección Biografía, La Habana, 1963. p.81.

vida enquanto exilado político, em algumas ocasiões demonstrou através de uma escrita cínica suas verdadeiras inferências sobre o regime na Guatemala. Contudo, as políticas de Barrios vistas como progressistas, como as leis que regulamentavam uma efetiva Reforma Agrária na Guatemala, e um anticlericalismo que esvaziava do governo a influência da Igreja Católica, seu oportuno reconhecimento, que muitos países do continente se negaram a fazer da República em Armas de Cuba, proclamada pelos rebeldes em Oriente e, por fim, a necessidade de não se envolver em nada que pudesse comprometer seu futuro matrimônio, fez com que Martí cerrasse os olhos ante o que não lhe agradava. Embora a forma de Governo do Caudilho não agradasse a Martí, podia-se considerar que seu conteúdo atendia diversas demandas reconhecidas por ele como necessárias.<sup>66</sup>

Destas complicadas relações, onde uma cumplicidade velada convivia com uma forte inclinação à crítica, Martí tirou vantagens para o desenvolvimento de sua obra literária e intelectual. Os avanços que expressavam as medidas progressistas do Governo de Barrios fez o intelectual cubano enveredar em um projeto de Publicação de um Revista sobre o jovem país. A *Revista Guatemala* que teve publicações limitadas, contudo posteriormente convertida em um Livro sobre a Guatemala teve oportunas edições em alguns países. Aumentou a intensidade da participação de Martí em sociedades literárias que o colocaram em evidência e sob o crivo de olhares tanto progressistas quanto conservadores. Sua inclinação na defesa do indigenato, que começava a associar como a base de “Nuestra América” provocava reprovações nos círculos mais conservadores e era motivo de receio da parte das autoridades. Em uma peça encomendada a Martí para a comemoração da independência nacional, a intelectualidade daquele país ficou surpresa pela escolha do autor de um tema ácido, a situação do índio na Guatemala intitulado “*Patria y libertad*” (*drama indio*). Neste texto Martí mostra sua verve crítica e polêmica. Toledo Sande resume em trecho de seu livro a delicada relação estabelecida entre a inclinação crítica dos textos de Martí e o autoritário governo:

Sus cuidados expressivos podían ser grandes, pero su actitud con respecto a la discriminación de los indígenas seguramente fue un de los puntos que le ganaron el creciente rechazo de los elementos reaccionarios. Ellos verían, alarmados, que, incluso

<sup>66</sup> Pedro Pablo Rodríguez em capítulo de sua obra sobre Martí em que trata de sua experiência como exilado na Guatemala do Caudilho Barrios destaca o desconforto do exilado em situar-se ora no apoio as medidas de caráter liberal deste governo, ora na condenação de posturas autoritárias que marcarão o governo da Guatemala neste período. RODRÍGUEZ, Pedro Paulo. Martí e as duas Américas; tradução de Ana Corbisier- 1ª- São Paulo:Expressão Popular, 2006

al alabar lo que se hacía en Guatemala, su perspectiva apuntaba hacia metas de mayor alcance. Precisamente en esse país afirmó que las verdades no se deberían juzgar sólo en sí mismas, sino de acuerdo con el lugar donde se les sostenga.<sup>67</sup>

Era, a longo prazo, insustentável sua situação mas continuava a pensar na possibilidade de conseguir na Guatemala, através de seu trabalho, os recursos adequados à efetivação de seu matrimônio com Carmen. Até mesmo como advogado pretendia trabalhar, mesmo que notória sua aversão pelo exercício do Direito. Para ele, algo tão grandioso no conteúdo se corrompia pela forma em que se realizava no exercício do ofício de advogado. Contudo em inúmeras cartas endereçadas a fiéis companheiros expressava sua insatisfação ante as condições neste país, a crescente rejeição à sua presença ali, expressada nas também crescentes críticas às suas ideias.

Em finais de outubro de 1877 viaja ao México, após receber permissão de retornar a este país, para casar-se com Carmen. Saudado pelo periódico *El Fedralista*, Martí desembarca no México e consuma seu matrimônio. A cerimônia religiosa aconteceu na Paróquia do Sacrário Metropolitano e a civil na casa de seu amigo e confidente Manuel Mercado, que apadrinou e endossou a união do casal. Em dezembro retorna, casado, à Guatemala e já em janeiro do ano seguinte Martí retomava sua labuta na Escuela Normal Guatemalteca. A publicação do livro *Guatemala no exterior* serviu a Martí como um instrumento de proteção à crescente insatisfação de núcleos conservadores à sua presença no país. Em carta a Mercado confessa buscar acumular algumas economias para financiar sua inevitável saída daquele tão controverso exílio. Contudo, por mais que o livro aludisse, de forma apologética até, a História da Guatemala, sua menção ao martírio da população indígena acarretou observações negativas de seus opositores. Seu compatriota Izaguirre que havia o alocado na Escuela Normal Guatemalteca, onde era diretor, foi destituído de seu cargo inaugurando uma ampla demissão de representantes diplomáticos que estabeleciam boas relações com Martí. Em resposta a estes desmandos, Martí renuncia um a um seus cargos públicos na Guatemala agravando ainda mais sua situação financeira e sua condição como exilado.

---

<sup>67</sup>SANDE, Luis Toledo. *Cesto de Llamas: Biografía de José Martí*. Editorial de Ciencias sociales, La Habana, 1996. As contradições entre o pensamento de Martí e os mecanismos das chamadas “modernizações conservadoras” efetivadas nos países de língua espanhola são recorrentemente citadas nas biografias de Martí. Enfatiza-se inclusive tais eventos como manifestações da rica experiência de Martí no exílio na formulação de suas posições políticas ante regimes autoritários com carapaça liberal.

Em princípios de 1878 a Guerra de Independência já comprometida em Cuba é interrompida pelo Pacto de Zanjón, que pôs fim à contenda. Uma paz vergonhosa é assinada por alguns dos principais líderes da gesta pois o objetivo glorioso da independência não fora alcançado.<sup>68</sup> O clima político na ilha é uma mistura de resignação mediada por um desesperado sentimento de alívio de alguns setores diretamente afetados pelo conflito, e uma clara satisfação dos que, desde sempre se opunham à guerra independentista. As bases do acordo de paz oferecido pela metrópole são limitadas. Uma promessa de representatividade nas cortes espanholas, que mais tarde não se cumprirá, somado a uma anistia àqueles envolvidos no conflito, que possibilitará o retorno de alguns exilados que quisessem voltar à ilha, foi o que de mais efetivo se conseguiu. O custo econômico do conflito foi muito grande. Diversas plantações destruídas pelos incêndios mambises, engenhos inutilizados, principalmente em Oriente, onde eclodiu e se concentrou o conflito. Além disso as milhares de vidas perdidas davam ao insatisfatório desfecho algo de mais frustrante e demasiadamente sórdido.

Martí, que acompanhava o conflito com um misto de incredulidade e decepção, fazia seu balanço político do conflito ante uma catastrófica derrota militar. Contudo, seus textos da época demonstram a fé do apóstolo na inevitável liberdade de Cuba. Rende homenagens aos bravos defensores da pátria na Guerra sem com isso impedir uma crítica análise dos possíveis equívocos que condicionaram tão terrível resultado.<sup>69</sup> No exílio, não deixou em nenhum momento de apoiar os mambises e de enaltecer as parcas conquistas nas tão custosas batalhas travadas pelos heróicos cubanos. Se o desfecho da Guerra dos Dez Anos não foi o que se esperava e se os resultados teriam impactos profundos na já tão complicada situação colonial não deveria mais ser motivo de emulamento. As condições do Pacto de Zanjón possibilitaram o

---

<sup>68</sup> Em 1878 a rendição condicional dos rebeldes da Guerra dos Dez anos é formalizada no que ficou conhecido como Pacto de Zanjón. A Cuba foram feitas promessas autonomistas que não se efetivaram e o saldo do acordo para os cubanos foi visto como vergonhoso. Contudo alguns importantes líderes do movimento como os Generais Máximo Gómez e Antonio Maceo não aceitaram as condições do acordo se retirando da ilha para uma futura retomada das ações militares. A acordo proporcionará um breve retorno de Martí à Cuba, onde a par da situação política da ilha, resolve continuar defendendo a independência incondicional. Apoiará com reservas os posteriores movimentos independentistas inaugurando seu efetivo envolvimento no processo de independência de Cuba. Jorge. Martí, El Apóstol. Editorial de ciencias sociales. Colección Biografía, La Habana, 1963. p.86-87)

<sup>69</sup> Em carta à Manuel Mercado em julho de 1878 Martí expressa junto ao anseio do retorno à Cuba seu pesar ante o infeliz desfecho da Guerra dos Dez Anos. Contudo faz questão de enaltecer àqueles que com o sangue ou a vida lutaram pela liberdade de seu povo. Ao longo de seu exílio apoiou e reconheceu o movimento como o início imprescindível e o seu fim não como uma derrota, mas como o desfecho de uma etapa, necessária ao inevitável processo em que dedicará seus derradeiros anos de vida. Carta a Manuel Mercado. Guatemala, 06 de Julio de 1878. In: MARTÍ, José. Obras completas. Vol.20 Epistolario. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. P. 54.

retorno do ilustre exilado, agora mais maduro e pronto para os desafios que estariam por vir. Em julho de 1878, chegavam em Cuba Martí e sua esposa Carmen, fazendo antes escala em Honduras a bordo do Vapor Nuevo Barcelona. Entre uma insatisfação fecunda com os acontecimentos recentes, mas decidido a fazer com que sua presença reacendesse as chamas de liberdade entre aqueles que, resignados ou insatisfeitos, ainda acreditavam em um futuro livre à pátria, Martí busca no claustro de uma fingida normalidade um meio para sustentar-se como homem casado, que então era, e para condicionar uma futura organização para alcançar o objetivo malogrado do intuito independentista. Solicita autorização para advogar através da obtenção de sua formação em direito na Espanha, na qual por motivos financeiros não obteve seus títulos. Talvez para enfraquecer o eminente perigo que significava Martí, as autoridades cubanas negaram seus solícitos pedidos. O máximo que conseguiu foi autorização para ministrar aulas em colégios particulares de ensino secundário. Conseguiu também trabalho em escritório de dois autonomistas que, admiradores de sua obra, lhes deram oportunidade a par de suas contraditórias posições políticas, Nicolás Azcárate e Miguel F. Viondi. Nestes espaços onde pode exercitar seus dotes literários conheceu o jovem Juan Gualberto Gómez, periodista com que travou sincera e longeva amizade e que o acompanhou como discípulo até o fim de sua vida.

O nascimento de seu filho, José Francisco, em novembro de 1878 agravou ainda mais as condições financeiras. Os poucos rendimentos que obtinha na escola secundária e nos escritórios em que trabalhava não era o suficiente para o sustento de uma agora já completa família. Contudo, as tarefas envolvendo a militância patriótica na ilha eram mais urgentes que qualquer preocupação doméstica. Mesmo tolhido de muitas oportunidades que porventura surgissem por conta de sua embaçada e vasta formação acadêmica, Martí participava efusivamente da vida literária e intelectual de Havana. Em 12 de janeiro é eleito secretário da seção de Literatura do Liceo de Guanabacoa, lugar que em diversas ocasiões chamará a atenção não apenas por seus dotes literários mas também pela intensa verve política com que escrevia. Sua comovente oratória, apresentada em vários discursos e claramente percebida como um poderoso instrumento de persuasão numa ilha em constante explosão revolucionária, formam características de um intelectual engajado com as lutas de seu tempo e extremamente sensível às contradições existentes na arcaica situação colonial de Cuba. Nas tertúlias e saraus que organizava e em que participava, Martí brindava com seus escritos, poemas dedicatórias ou

meras apresentações, um talento indescritível envolvendo seus interlocutores em um clima de exaltação e êxtase, que até mesmo opositores se comoviam.

Este aspecto importante na vida de um intelectual que se quer militante, a capacidade de mobilização derivada de um didático e pedagógico método de conscientização, nos remete à concepção Gramsciana de intelectual forjado no seio de grupos sociais e voltado a reflexão das contradições de seu próprio meio. Mais adiante, em um espaço mais apropriado, aprofundaremos este tão importante componente na trajetória intelectual do “Apóstolo” da independência cubana e as raízes sociais na construção de suas ideias. Claro, incisivo, coerente e conhecedor profundo da realidade social em que vivia, Martí se destacava, enquanto *persona non grata* que era na sociedade cubana e nos meios políticos em que estava inserido. Em um artigo autonomista publicado no periódico do também autonomista Márquez Sterling, em que questiona a intransigência das cortes no processo de representação dos deputados cubanos, a proposta autonomista é citada como um mal menor ao que Martí com sua capacidade de mobilização pode provocar, negociar com aqueles que defendem a manutenção do domínio espanhol na ilha é infinitamente mais viável que enfrentar os desdobramentos separatistas da atuação de um agitador como Martí. A revogação de sua permissão para exercício do magistério pelas autoridades metropolitanas, justificada pela falta de documentação para sua habilitação, foi mais um duro golpe ao hostil cubano. A intenção do Governo colonial era dificultar ao máximo a capacidade de ação do insistente rebelde.

Em meados de 1878, logo após selado o Pacto de Zanjón, alguns importantes líderes da Guerra anterior e sob a liderança do General Calixto García, rechaçaram o armistício ensejando o que ficou conhecido como Protesto de Baraguá. Nesta proclama os insurgentes ensaiam uma nova gesta independentista que ficará conhecida como Guerra Chiquita, pois sua vigência foi meteórica.<sup>70</sup> Martí, que já ocupava o posto de sub-delegado do Comitê Revolucionário Cubano instalado em Nova York e presidido por Calixto García, é nomeado Presidente, quando este último rumo à Cuba, junto à Máximo Gomez e outros veteranos da Guerra Grande, como também foi chamada A Guerra dos Dez Anos, para iniciar o movimento. Os claros vínculos de Martí com os inconfidentes se tornaram ainda mais expressivos na ocasião do velório do violinista cubano Rafael Días Albertini em que, em discurso de homenagem ao ilustre falecido,

---

<sup>70</sup> Retomada por alguns líderes da contenda anterior esta breve tentativa de dar continuidade a Guerra de Independência, que fora interrompida pelo Pacto de Zanjón, malogrou praticamente antes de nascer pois segundo Martí padecia das mesmas deficiências que naufragaram a Grande Guerra (Guerra dos Dez Anos).

Martí alude à insustentável situação política da colônia. Tal faceta do poeta e revolucionário cubano é digna de nota. Em quaisquer ocasiões em que lhe era dado o dom da palavra, Martí conseguia veicular temas ligados à sua luta política e à situação colonial de Cuba. Denunciava com esmerado talento em qualquer oportunidade de discurso ou de divulgação pública o anacrônico sistema colonial ainda vigente na ilha. Era de se esperar então que em uma destas homenagens em que Martí era frequentemente convidado e solicitado a tecer discursos de homenagem, que seu destino seria selado. Nesta ocasião, estava presente o Capitão Geral de Cuba e a impressão provocada pelas auspiciosas e perigosas palavras de Martí não foram das mais receptivas. “Voy a pensar que Martí es un loco.. Pero un loco peligroso!”, foram as palavras da mais alta autoridade na ilha. Pouco tempo depois Martí é preso como colaborador da iminente conspiração e é novamente exilado à Espanha, agora com o zelo das autoridades em garantir sua anulação política. Seu destino, a isolada Ilha de Ceuta, expressava tão resoluta condenação.

Na Espanha, clandestinamente faz uma viagem à Paris antes de embarcar para Nova York, onde chega em janeiro de 1880. Esta viagem inaugura uma nova fase na trajetória constante exilado. Assim destaca o biógrafo Luiz Toledo Sande:

Su creciente reconocimiento público, dentro y fuera de Cuba, lo convertía en objetivo de la política de “pacificación”, a la cual se jugaba su carta una tendencia entonces preminente en el Gobierno español. Las mismas manifestaciones de apoyo que recibió durante su breve encarcelamiento habanero pudieron confirmarlo.<sup>71</sup>

Esta primeira estada em Nova York foi marcada pelo aprofundamento do envolvimento de Martí em organizar uma nova gesta de expressão em Cuba. Ao assumir interinamente o Club de Nova York no lugar de Martínez Campos, que segue à Cuba para liderar a Guerra Chiquita, não vacila em nenhum momento em render apoio à causa. Em carta redigida em 13 de maio de 1880 Martí afirma:

---

<sup>71</sup> SANDE, , Luis Toledo. Cesto de Llamas: Biografía de José Martí. Editorial de Ciencias sociales, La Habana, 1996. 1996, p. 127. Esta breve estadia em Cuba na Legalidade permitiu a Martí se estabelecer definitivamente como uma das principais lideranças do movimento independentista que, após os fracassos anteriores, começa a se fortalecer junto à opinião pública. Contudo a força da liderança militar do movimento, manifestada nas figuras dos grandes Generais como Gomez e Maceo ainda era grande obstáculo ao importante papel que Martí terá no processo.

## CUBANOS

Saludado sea el nombre que a todos enorgullece, regocija y une: saludados los que murieron esperándolo. Honrado y acatado sea el Gobierno que nos dan con enérgico derecho los que por darlo honrado a los otros mueren bravamente. Y en tanto que nos congregamos para celebrar esta nueva que entusiasma; en tanto que nos estrechamos más las manos, ganosos todos hoy de servir a la Patria valerosa, ¡quiera el cielo que sean pocos para entonces los que estén vueltos de espaldas a la Patria! En nombre del Comité: el presidente interino.

JOSÉ MARTÍ<sup>72</sup>

Sua fé inquebrantável no destino independente de cuba fazia com que burlasse, por vezes, a realidade objetiva. O reconhecimento de sua trajetória enquanto deensor da Causa independentista cubana legou ao jovem exilado um reconhecimento ainda velado mas importante para seu futuro papel. Com isso não pestanejou em nenhum momento de mobilização em torno da independência, mesmo quando claramente equivocada, como foi a precipitada ação que deu origem àquele movimento.

O enfraquecimento previsível da Guerra Chiquita provocará uma fecunda análise crítica do movimento independentista iniciado por Céspedes em 1868. Em carta a Manuel Mercado em 1879, Martí expressava a reserva ante um novo movimento revolucionário que consoante com os mesmos erros da gesta anterior, provavelmente estará fadado ao fracasso. Escreve Martí:

Aquí estoy ahora, empujado por los sucesos, dirigiendo en esta afligida emigración nuestro nuevo movimiento revolucionario. Sólo los primeros que siegan, siegan flores. Por fortuna, yo entro en esta campana sin más gozo que el árido de cumplir la tarea más útil, elevada y difícil que se ha ofrecido a mis ojos. Me siento aún con fuerzas para ella. y la he emprendido.-Creo que és una deserción en la vida, penable como la de un soldado en campana, la de consagrar por el propio provecho sus fuerzas a algo menos grave que aquello de lo cual son capaces. Poseer algo no és más que el deber de ernplearlo bien.<sup>73</sup>

Assim com a capitulação no final de 1880 de seu último Chefe Militar Emílio Núñez o fracasso da Guerra Chiquita, enseja a oportunidade à Martí de iniciar um movimento mais organizado com o fim de criar oportunidades objetivas de alcançar a independência de Cuba. Ainda em 1880 Martí discursa em diversos centros de reuniões de Clubes de emigrados em Nova

<sup>72</sup> CUBANOS. In: José. Obras completas. Vol.1 Cuba:Política y Revolución 1869-1892. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991.

<sup>73</sup> Carta a Manuel Mercado em 1879. In: MARTÍ, José. Obras completas. Vol.20 Epistolario. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. Neste volume estão reunidas as mais importantes cartas de Martí endereçadas a diversas personalidades importantes no movimento independentista de Cuba e a outros correspondentes em que compartilha, muitas vezes de maneira informal sua ideias acerca da análise do desenvolvimento do movimento na ilha, antes de problematizá-las em seus textos de caráter público.

York como o famoso discurso conhecido como *Leitura em Steck Hall* que, dias depois, apareceu publicado como panfleto com o título de *Assuntos cubanos*. Conseguiu também a oportunidade de escrever em jornais de grande circulação nos Estados Unidos, como o *The Hour*, o *The Sun* e o *The Evening Post* em que continuará colaborando mesmo estabelecido em outras searas. Neste breve momento nos Estados Unidos lança as bases de um futuro e longo estabelecimento após sua conturbada e breve estadia na Venezuela. Em outubro de 1880, naufraga definitivamente o breve movimento independentista na ilha com a deposição do último general, Emílio Nuñez. Neste momento a conturbada vida política de Martí compromete seu relacionamento com a mulher. Carmen, acoitada por uma situação financeira delicada, acaba por fim retornando à Cuba, junto ao único filho de Martí, ao seio e proteção de sua Família, e o rompimento definitivo se dá em 1891. Tal episódio provocará em Martí enorme tristeza e resignação, contudo tinha plena noção da complicada situação de sua mulher. Em diversas cartas Martí traduz seu pesar ante as intempéries provocadas por sua vida política e militância revolucionária e não raro lamenta tal situação. Contudo o já desgastado casamento sucumbe em meio às tarefas políticas do cubano.

### **2.3.4- Venezuela: Entre o sonho de Bolívar e o pesadelo de Gúzman Blanco**

Chega à Venezuela em janeiro de 1881, com cartas de recomendação do casal de amigos conhecidos nos Estados Unidos, Manuel Mantilla e Carmem María Miyares, que tinham parentes na Venezuela. Neste país, como nos outros em que viveu exilado, continuou desenvolvendo seus afazeres políticos, assim como alimentou seus dons literários. Ali em terras do “Libertador”, Martí pode, no calor aconchegante do simbolismo que aquele país tinha para a independência da América Espanhola e o contato com a herança americanista de Símon Bolívar, junto ao seu trabalho como literato, fez significativas reflexões sobre a relação do processo de emancipação de toda aquela região com aquela que significava o caráter incompleto dos processos de independência no continente, sua Cuba natal.

Por mais que sua estadia neste país fosse algo meteórico, não podemos ignorar o significado desta vivência para Martí, assim para com sua vasta obra jornalística. Naquele país escreveu efetivamente em grandes jornais de circulação respeitosa como o *Opnión Nacional* e, mesmo após sua retirada do país continuou como correspondente, escrevendo cotidianamente

crônicas acerca de suas impressões sobre os EUA que contribuíram, inclusive, na formulação de seu posterior anti-imperialismo. Agrupados em suas Obras Completas com o título de Cenas Norteamericanas, estes textos expressam análises primordiais para o entendimento de boa parte de suas ideias assim como de suas ações políticas naquele período.

Embora tenha sido recebido com pomposa recepção, logo as vicissitudes de um regime autoritário embargará a possibilidade de um livre pensamento tão caro ao cubano exilado. Seus textos jornalísticos e literários confrontava cada vez mais os brios autoritários do Caudilho Blanco em terras do “Libertador”

Embora fossem notórias suas reservas acerca do movimento iniciado em Cuba pelos veteranos da Guerra dos Dez Anos e que posteriormente fora chamada de Guerra Chuiquita por conta de seu breve interlúdio, Martí não pestanejou em apoiar o movimento militar e da Venezuela acompanhava os preparativos para a meteórica luta independentista.

Contudo o autoritário Governo do Caudilho Gúzman Blanco, idênticos ao da Guatemala de Barrios, impediu um mais efetivo labor revolucionário. Desde os primórdios de sua chegada as autoridades venezuelanas, receosas dos possíveis problemas que aquele imigrante poderia provocar, fiscalizaram seus passos com dedicada atenção. Embora os poucos seis meses de sua estadia naquele país representassem talvez uma efêmera trajetória, não deixou de marcar a vida intelectual da Venezuela com seus artigos publicados em diversos periódicos daquele país, como o prestigiado *La Opinión Nacional*, e seu ingresso como professor no Colégio Santa María. Prestigiou também com seus discursos diversos clubes e associações onde se reunia a nata intelectual deste país. Muitas de suas mais expressivas obras como os poemas *Ismaelillo* foram alí criados. Contudo a mais expressiva colaboração na Pátria de Bolívar foi sua colaboração na *Revista Venezuelana*, onde ocupou importante cargo. Suas impressões sobre a Venezuela estão devidamente registradas em diversos textos reunidos em suas *Obras Completas*, que de certa maneira expressam a importância da estadia neste país, mesmo que breve. Contudo, não tardaria o inevitável impacto de sua verve rebelde no periódico e o autoritarismo de um governo caudilhista. Um incidente com Gúzman Blanco, condicionado pela homenagem póstuma de Martí ao poeta venezuelano e opositor de Blanco, Cecillio Acosta, com quem logo ao chegar à Venezuela trava auspiciosa amizade, provoca sua precoce deportação e Martí parte em julho daquele mesmo ano para Nova York onde continua com uma profícua colaboração ao jornal venezuelano *La Opinión Nacional*, que tão bem o acolheu até meados de 1882 quando, por

determinação de Gúzman Blanco encerra sua colaboração como cronista neste jornal. Em carta escrita a Fausto Teodoro de Aldrey justifica sua rápida e oportuna saída da Venezuela:

Sr. Fausto Teodoro de Aldrey

A migo mío: Mañana deixo a Venezuela y me vuelvo camino de Nueva York. Con tal premura he resuelto este viaje, que ni el tiempo me alcanza a es- trechar, antes de irme, las manos nobles que en esta ciudad se me han tendido, ni me es dable responder con la largueza y reconocimiento que quisiera las generosas cartas, honrosas dedicatorias y tiernas muestras de afecto que he recibido estos días últimos. Muy hidalgos corazones he sentido latir en esta tierra; vehementemente pago sus cariños; ws goces. me serán recreo; sus esperanzas, plácemes; sus penas, angustia; cuando se tienen los ojos fijos en lo alto, ni zarzas ni guijarros distraen al viajador en su camino: los ideales enérgicos y las consagraciones fer. vientes no se merman en un ánimo sincero por las contrariedades de la vida. De América soy hijo: a ella me debo. Y de la América, a cuya revelación, sacudimiento y fundación urgente me consagro, ésta ea la cuna; ni hay para labios dulces, copa amarga; ni el áspid muerde en pechos varoniles; ni de su cuna reniegan hijos fieles. Deme Venezuela en qué servirla: ella tiene en mí un hijo.<sup>74</sup>

### 2.3.5- EUA: A derradeira gesta independentista nas “nas entranhas do monstro”.

É nesta segunda estadia nos Esatdos Unidos que Martí desenvolve seu ambicioso programa revolucionário que culminará em 1895 no início da derradeira guerra de independência. Suas atividades naquele país foram as mais expressivas em toda a sua trajetória e são ricamente registradas em inúmeros textos que nesta terra escreveu. Várias foram as faces do talento deste notável idealista e intelectual que foi Martí no jornalismo, na poesia, como crítico literário, de arte, enfim em quantas atividades o intelectual pudesse exercer, ele exerceu com maestria e dignidade. Com o fracasso da Guerra Chiquita e sua ascensão entre as lideranças emigradas nos Estados Unidos, Martí inicia uma intensa atividade intelectual que se diversificava em inúmeras colaborações em diversos periódicos, não somente norte-americanos, mas também em outros países como Argentina, Venezuela, Uruguay, México, Honduras entre outros. Nesta ocasião inicia sua função como correspondente em Nova York do jornal venezuelano *La Opinión Nacional*, de onde basicamente são formuladas suas impressões sobre os Estados Unidos que

<sup>74</sup> Carta a Fausto Teodoro de aldrey. In: MARTÍ, José. Obras completas. Vol. 07 - Nuestra América II México – Guatemala – Venezuela – Santo Domingo – Costa Rica – Argentina – Colombia. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. p. 267. Fica claro nesta correspondência o significado da estadia de Martí na Venezuela e, como sua contínua colaboração com o jornal *La Opinión Nacional* após sua saída do país vai provar, a manutenção dos seus vínculos com o povo que tão bemo recebeu representaráo respeito que o cubano tem por sua gente e seu significado para a América Latina.

serão reunidos em suas *Obras Completas*, com o título de *Cenas Americanas*. Será a partir destes textos que Martí começará sua reflexão acerca das diferenças entre as “Duas Américas” e produzirá farto material através destas observações na formulação de seus tão preciosos conceitos como o de “Nuestra América”. Começa a organizar a partir de discursos em variados clubes de exilados cubanos nos Estados Unidos a futura luta em Cuba. Estes clubes, além de ser os germes do Partido Revolucionário Cubano, fundado por Martí, exercerão também as funções de divulgação do movimento de coleta de recursos para a contenda. Sua importância é largamente reconhecida em diversos trabalhos sobre Cuba e sobre a trajetória de Martí.<sup>75</sup> Estes centros, onde se reuniam diversos emigrados cubanos e de diversas correntes políticas, eram fértil espaço de debates e discussões acerca do futuro de Cuba. Separatistas e Anexionistas, principalmente, disputavam palmo à palmo aquele espaço e, claro, Martí não poderia negligenciar tão rica oportunidade de reunir forças, mesmo que diversas, para a causa independentista. Claro está, que tal labuta não foi simples, tampouco os desdobramentos desta estratégia foram sempre positivos. No entanto, naquele momento o objetivo maior, a independência de Cuba ante a Espanha, fazia jus ao inusitado esforço.

Anteriormente, o andamento dos preparativos para a nova gesta encontra obstáculo inusitado. Os heróicos generais Máximo Gómez e Antônio Maceo divergem dos mecanismos de condução dos preparativos da guerra. Em 1884 Martí reúne-se com Máximo Gomez e Antônio Maceo, veteranos da grande guerra. Incompatibilidades estratégicas fazem com que a reunião não tenha bons frutos. Por conta deste evento e o rompimento com as lideranças militares, Martí fica afastado de suas funções em favor da guerra de independência até 1887, quando após diálogos de reconciliação e acordos tácitos, volta a encabeçar a organização da Guerra de Independência. Tal episódio, embora em primeiro momento frustrante, serviu como prova aos desconfiados veteranos de guerra da capacidade argumentativa de Martí, afastando inclusive as reservas acerca

---

<sup>75</sup> Em todas as obras aqui citadas e usadas como apoio como as de Luis Toledo Sande, Jorge Mañach, Pedro Pablo Rodriguez e a breve introdução de Roberto Fernandez Retamar à antologia de textos de Martí intitulado *Nossa América* convergem, entre variados pontos, na conclusão que a formação destes clubes de apoio à causa independentista de Cuba, formadas em sua maioria por exilados cubanos nos EUA e que reunia filiações políticas das mais variadas foram imprescindíveis para tornar a guerra de independência possível. Além dos imprescindíveis recursos financeiros, estes clubes contribuíram para o fortalecimento do movimento ante a opinião pública em Cuba, nos EUA e em outros países da América Latina. Os inúmeros compromissos, enquanto liderança civil do movimento, fizeram de Martí figura central nas intersecções destes clubes espalhados por diversas Cidades Americanas como Tampa e Cayo Hueso, onde estavam estabelecidos as mais destacadas agremiações. Grandes personalidades Civis também eram figuras iminentes nestes clubes e que exerceriam papéis importantes ao longo da guerra de independência e depois dela, como o professor Tomás Estrada Palma que se tornará o primeiro presidente de Cuba após a independência.

de sua tenra idade. Em carta destinada à Máximo Gómez em 20 e outubro de 1884, Martí manifesta seu descontentamento com a posição dos admiráveis heróis da Guerra dos Dez Anos:

...Un pueblo no se funda, General, como se manda un campamento; y cuando en los trabajos preparativos de una revolución más delicada y compleja que otra alguna, no se muestra el deseo sincero de conocer y conciliar todas las labores, voluntades y elementos que han de hacer posible la lucha armada, mera forma del espíritu de independencia, sino la intención, bruscamente expresada a cada paso, o mal disimulada, de hacer servir todos los recursos de fe y de guerra que levante el espíritu a los propósitos cautelosos y personales de los jefes justamente afamados que se presentan a capitanear la guerra, qué garantías puede haber de que las libertades públicas, único objeto digno de lanzar un país a la lucha, sean mejor respetadas mañana? ¡Qué somos, General?, ilos servidores heroicos y modestos de una idea que nos calienta el corazón, los amigos leales de un pueblo en desventura, o los caudillos valientes y afortunados que con el látigo en la mano y la espuela en el tacón se disponen a llevar la guerra a un pueblo, para enseñorearse después de él? ¿La fama que ganaron Vds. en una empresa, la fama de valor, lealtad y prudencia, van a perderla en otra? -Si la guerra es posible, y los nobles y legítimos prestigios que vienen de ella, es porque antes existe, trabajado con mucho dolor, el espíritu que la reclama y hace necesaria: y a ese espíritu hay que atender, y a ese espíritu hay que mostrar, en todo acto público y privado, el más profundo respeto por- que tal como es admirable el que da su vida por servir a una gran idea, es abominable el que se vale de una gran idea para servir a sus capes lanzas personales de gloria o de poder, aunque por ellas exponga la vida.-El dar la vida sólo constituye un derecho cuando se la da desinteresadamente.<sup>76</sup>

Tampa, Key West, Cayo Hueso foram destinos constantes do exilado cubano em sua estadia nos Estados Unidos. Em 08 de janeiro de 1892, em acalorado discurso, anuncia a proposta à Liga Patriótica, importante e influente associação de emigrados, de plano para criar um partido que organizaria a gesta patriótica em Cuba. Sob aplausos efusivos é unanimemente aprovada. Já em abril é eleito Delegado do Partido Revolucionário Cubano que institucionaliza os preparativos para a segunda grande guerra de independência. Proclamado o Partido faz várias viagens de divulgação nos Estados Unidos no intuito de angariar apoio à causa como as que fez à Flórida e à Filadélfia. A estes eventos se alia, entre outras afazeres, publicações de caráter diverso que enriquecem sua produção intelectual. Panfletos, discursos, artigos, poemas, peças de teatro são algumas obras que figuram na vasta produção martiana em terras do Tio Sam. Algumas obras de grande envergadura, como o já citado *Ismaelillo*, *Versos Sencillos*, *La Edad de Oro* e o jornal *Pátria*, porta-voz do PRC, são consideradas hoje como as mais ricas expressões da literatura latino-americana e consideradas inestimável patrimônio artístico.

<sup>76</sup>Carta ao Genral Máximo Gomez 20 de octubre 1884. In: MARTÍ, José. Obras completas. Vol.1 Cuba:Política y Revolución 1869-1892. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. p. 177.

A repercussão de seu trabalho literário e de sua militância política também lhe dá oportunidades que fortalecem politicamente sua imagem. A partir de abril de 1887 é nomeado Cônsul do Urugay nos Estados Unidos, correspondente da Academia de Ciências e Belas Artes de San Salvador e representante nos Estados Unidos e Canadá da Associação de Imprensa de Buenos Aires. Em 16 de junho de 1889 é designado Cônsul da Argentina em Nova York. Estes títulos conferem solidez à sua trajetória política e valorizam ainda mais seus dotes intelectuais.

Em fins de 1890 e início de 1891, inicia-se nos Estados Unidos a Conferência Monetária Internacional de Washington, onde o governo estadunidense planeja suas ambições de livre mercado nas Américas. A posição crítica de Martí como representante do Urugay e a denúncia em seus artigos do caráter nocivo nas intenções da Conferência contribuiu enormemente para as necessárias reservas dos países envolvidos. Estes textos seminais configuram também parte do material que o ajudará a esmiuçar e entender as profundas diferenças entre as “Duas Américas”, como bem salientou Pedro Pablo González em sua obra referencial.<sup>77</sup>

A partir de meados de 1891, os preparativos para o desembarque em Cuba e o início da Guerra se intensificam. Martí renuncia a seus cargos diplomáticos e se dedica exclusivamente as tarefas de sua empreitada. Os diversos preparativos são coroados em maio de 1893 com o Manifesto do Partido Revolucionário Cubano sobre os recentes sucessos dos preparativos da gesta em Cuba. Faz diversas pequenas viagens à Santo Domingo, Costa Rica e, a partir de 1894, em diversos outros países latino americanos, ora para angariar apoio, ora para encontrar-se com lideranças militares. Uma destas importantes viagens redigiu, junto a Máximo Gómez o documento Manifesto de Montecristo que inaugurará a guerra iminente.

### **2.3.6- O fatídico retorno à Cuba: de herói à mártir.**

Após várias idas e vindas a Nova York, chega clandestinamente em Cuba em 11 de abril de 1895. Estes derradeiros momentos marcaram os últimos detalhes da aliança militar e civil do

---

<sup>77</sup> RODRÍGUEZ, Pedro Paulo. Martí e as duas Américas; tradução de Ana Corbisier- 1ª- São Paulo:Expressão Popular, 2006. Neste texto o autor pontua as severas críticas de Martí ao modelo econômico, social e político norte americano. São variadas as suas impressões sobre o País devidamente registradas em suas obras completas. Rodriguez aponta três bases para a crítica de Martí à política norte americana: primeiro o afastamento de suas origens democráticas aproximando-se de uma demasiada mercantilização; segundo a destrutiva relação entre a oligarquia política e os monopólios; e terceiro a perniciosa política externa embasada em um covarde Imperialismo.

movimento, proeza da qual Martí foi protagonista. Acompanhado dos generais Máximo Gómez e Antônio Maceo, inicia o derradeiro mês de Maio já com a patente de Major General do Exército Libertador. Em 05 de maio decide os últimos detalhes da estratégia a seguir na Guerra em conferência com Gómez e Maceo, e redige sua última carta, inconclusa, à Manuel Mercado em 18 de maio de 1895. Morre no fatídico 19 de maio de 1895 após desembarcar e ser surpreendido por uma escaramuça em Dos Ríos na Província de Oriente.

A Guerra continuou após sua morte, como seria seu desejo. Os desdobramentos de seu falecimento foram sentidos de forma efetiva no desenrolar do conflito e em seu próprio desfecho. A contribuição deste grande intelectual se eternizará através de sua grandiosa obra que norteará os estudos sobre “Nuestra América” continuando sua labuta para a realização efetiva deste continente.

### **CAPÍTULO 3: NACIONALISMO, IMPERIALISMO E ANTI-IMPERIALISMO NO PROCESSO INDEPENDENTISTA CUBANO SOB A ÓTICA DAS IDEIAS MARTIANAS.**

*Cuba nos une en extranjero suelo,  
Auras de Cuba nuestro amor desea:  
Cuba es tu corazón, Cuba es mi cielo,  
Cuba en tu libro mi palabra sea.*  
JOSÉ MARTÍ

#### **3.1- Nacionalismo: um debate teórico.**

Entre os mais destacados temas da historiografia contemporânea, o nacionalismo ocupa relevante lugar e ao longo do século XX e início do XXI vem suscitando debates acalorados acerca de suas origens, seus desdobramentos, sobrevivência e/ou extinção. Seu papel nos grandes processos históricos dos oitocentos e da centúria passada nos remete a uma imprescindível tarefa de colocar o conceito em um merecido patamar de relevância acadêmica no qual busque dissipar as brumas do desnecessário conhecimento e empobrecida análise em que, o preconceito e a indiferença da esquerda e o medíocre reducionismo da direita, insistiram em mantê-lo.

Claro está que o que foi exposto acima não desmereça estudos sérios e comprometidos ao longo dos anos e que, sem estes dedicados estudos, não teríamos a mínima base para um esforço mais efetivo diante de tão necessário desafio. Não pretendemos e nem poderíamos aqui esmiuçar com a devida e responsável análise as mais variadas obras de especialistas de áreas, também variadas, que se debruçaram sobre este tema, contudo se faz necessário um breve inventário das mais importantes análises, ou pelo menos algumas das mais importantes, ao longo de nossos idos.

Há, do ponto de vista acadêmico, há algum tempo, um conjunto de interpretações acerca do fenômeno do nacionalismo tanto do ponto de vista ontológico, quanto do ponto de vista cronológico. Muitos se debruçam sobre as verdadeiras bases da existência do fenômeno, suas vicissitudes e natureza. Alguns dedicados estudiosos aludem ao caráter do que chamamos essencialista deste fenômeno, fazendo alusão a bases como uma língua em comum, uma cultura em comum, tradições compartilhadas e uma história que transcende mesmo a idéia de tempo,

como algo metafísico, quase mítico. Outros, mais céticos, buscam compreender este fenômeno como algo histórico e portanto construído ao longo do tempo e, mais, característico de um determinado contexto e desenvolvimento das sociedades humanas.

Quase todos, contudo, sejam eles objetivistas ou subjetivistas, tendem a aceitar o caráter moderno deste fenômeno compreendendo se tratar de um constructo iniciado a partir do século XIX e, principalmente, tendo como base o capitalismo industrial. Em que pese as significativas contribuições de teóricos (nacionalistas) que flertaram em suas análises com concepções ideologicamente condicionadas, é nos que pautaram suas análises por um viés mais crítico que nortearemos nosso trabalho aqui no intuito de agregar aos estudos do nacionalismo as imprescindíveis contribuições de suas manifestações no novo mundo de maneira geral e de Cuba em particular.

Assim dito, nossa incursão em tão delicado tema buscará nas análises de Eric Hobsbawn, principalmente na obra *Nações e nacionalismos desde 1780* e, em certa medida, no clássico *Comunidades imaginadas*, de Benedict Anderson, as bases de nossas conclusões acerca do tema para, a partir daí, desenvolvermos nossos objetivos neste trabalho que vão além da análise do fenômeno em si. Em que pese algumas divergências de interpretação entre Hobsbawn e Anderson, suas análises convergem em vários pontos, entre eles o entendimento do fenômeno do ponto de vista histórico e não meramente ideológico ou cultural. Ao contrário de outros teóricos como Tom Nairn, que Hobsbawn critica em diversos momentos em seus textos, e Smith que se preocupa em esmiuçar detalhadamente as diferenças entre nacionalismo e identidade nacional e os diversos tipos de nacionalismos (étnico, cívico, etc), Hobsbawn e Anderson buscam sustentar suas análises na historicidade do conceito e no seu intrínseco vínculo com uma determinada formação social, capitalista, portanto, moderna. E em que pese as claras críticas e sustentações de sua contraditória existência enquanto fenômeno histórico, reconhecem a importância de seu entendimento e de seu papel ao longo dos séculos XIX e XX.

Anthony Smith, em seu livro *A identidade nacional* nos adverte que é preciso que o fenômeno seja entendido principalmente como fenômeno cultural:

A pressuposição que lhe é subjacente é que não podemos compreender as nações e o nacionalismo apenas como uma ideologia ou forma de política, mas devemos antes considerá-la também como um fenômeno cultural. Ou seja, o nacionalismo, enquanto ideologia e movimento, deve ser intimamente relacionado com identidade nacional, um

conceito multidimensional, e alargado de forma a incluir sentimentos, simbolismo e uma linguagem específica.<sup>78</sup>

Contudo, entendemos que o fenômeno donacionalismo poderá ser melhor compreendido se nos atemos às bases materiais de sua existência. Embora não compactuemos com um tipo de marxismo vulgar que subordina incondicionalmente a superestrutura à infraestrutura, percebemos que em uma via de mão dupla as manifestações de caráter cultural tem como base um conjunto de relações imbricadas na produção e reprodução da existência social. Assim, nossos esforços em entender o conceito de nacionalismo passa inevitavelmente pela análise da formação do capitalismo industrial que, entre outros condicionamentos, teve um papel fundamental na forja de tal fenômeno. Achamos pertinente a análise de Anderson, em *Comunidades imaginadas*, onde associa o sucesso de propagação do nacionalismo ao capitalismo editorial que, do século XIX em diante, conseguiu dar ao fenômeno um alcance que ultrapassava os limites de um aldeia, transcendendo obstáculos físicos na construção desta identidade.<sup>79</sup> Mais adiante quando refletirmos sobre as ferramentas para que Martí propagasse suas idéias e formulasse seu conceito de cubanidade este elemento será imprescindível naquele contexto. Não por acaso o século XIX foi marcado pelo *boom* editorial, e na América, em particular, o surgimento de revistas científicas, literárias, culturais foi algo expressivo.

As análises de Anderson e Hobsbawm convergem em muitos pontos, mas o que mais os aproxima é a clara associação entre o desenvolvimento do modo de produção capitalista em seus diversos aspectos, sejam eles ligados ao desenvolvimento das forças produtivas como a fase do capitalismo industrial, ou nos desdobramentos de caráter cultural ou ideológico como a formação de ideologias que buscavam sustentar e legitimar esta determinada formação social.

Por muito tempo os estudos sobre o fenômeno do nacionalismo se encerraram nas fronteiras européias e, principalmente, no final do século XIX e boa parte da centúria seguinte

---

<sup>78</sup> SMITH, Anthony D. *A identidade nacional*. Tradução: Claudia Brito. Revisão de texto: Eulália Paula Pyrrait-Gradiva, Lisboa, 1997. Nesta obra o autor considera pertinente, antes de sua cuidadosa análise do fenômeno do nacionalismo, inventariar diversos tipos de identidades como a de classe, a de gênero, a regional para depois considerar o nacionalismo, também como identidade, como a mais efetiva e eficiente construção de identidade.

<sup>79</sup> ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman – São Paulo: Companhia das Letras, 2008. “O elemento que talvez mais catalisou e fez frutificar essa busca foi o capitalismo editorial, que permitiu que as pessoas, em números sempre maiores, viessem a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais de maneiras radicalmente novas.” p.70.

negligenciou-se a importância da influência deste fenômeno em outras partes do mundo. Inclusive a base teórica e conceitual que formulava suas origens, aspectos, formação e características ontológicas nutriam-se de análises de contextos históricos, políticos e econômicos do Velho Mundo. Tanto as discussões em torno da verdadeira natureza dos nacionalismos como identidade ou ideologia, quanto os debates acerca da modernidade ou não do conceito ficaram associadas a eventos pautados basicamente no contexto europeu. No final do século XIX e no início do século XX dois eventos marcaram profundamente o debate intelectual e político acerca do fenômeno. O imperialismo, ao longo do século XIX, foi a base para que muitos estudiosos (nacionalistas ou não) desenvolvessem suas teorias e seus conceitos a partir da associação do nacionalismo, enquanto ideologia, à expansão imperialista que prefigura alguns conflitos ainda no século XIX e seu inquestionável peso no desenrolar da Primeira Guerra Mundial.

Se, por um lado, o imperialismo contribuiu para o desenvolvimento teórico e conceitual do nacionalismo, a Revolução Russa e seus desdobramentos inseriram teóricos marxistas na discussão e grande foi a produção intelectual de renomados personagens do marxismo em textos seminais como os de Stálin, Rosa Luxemburgo, Otto Bauer e Kautsky, só pra ficar em alguns que foram importantíssimos na apreciação do fenômeno e suas manifestações. Mesmo que a tradição marxista não considerasse a questão do nacionalismo algo relevante para o movimento socialista mundial, a preocupação com as nacionalidades não foi negligenciada, principalmente quando esta perpassava os marcos históricos do movimento, como nos textos de Lênin e Stálin sobre a questão nacional no antigo Império Czarista e nos primórdios da URSS.<sup>80</sup>

Em que pese as variadas e divergentes posições acerca do papel do nacionalismo na corrida e expansão imperialista e nos movimentos socialistas do final do XIX e início do século XX, ambos comungam da idéia comum de que o nacionalismo é um fenômeno moderno por definição e toda tentativa de tentar encontrar em algum outro período da história da humanidade algo parecido é mera confusão teórica ou anacronismo puro e vil. A questão do primordialismo (a idéia da existência de nacionalismos antes da era moderna) versus modernismo é claramente vista

---

<sup>80</sup> PINSKY, Jaime(org.). questão nacional e Marxismo. São Paulo: brasiliense, 1980. Nesta obra o autor reúne textos de renomados teóricos marxistas que se debruçam sobre o tema e nos dão uma idéia de como era conduzido a discussão sobre o tema entre o círculo marxista, principalmente no início do século XX. No prefácio o autor afirma que o espinhoso tema do nacionalismo não fez com que marxistas e o próprio Marx o negligenciasse totalmente em suas análises. pp.10-11.

por Hobsbawn como improdutiva, haja visto que a Nação é um fenômeno moderno, quando afirma:

A característica básica da nação moderna e de tudo que a ela está ligado é sua modernidade. Isso, agora, é bem compreendido, embora a suposição oposta – a de que a identificação nacional seja tão natural, fundamental e permanente a ponto de preceder a história – ainda seja tão amplamente aceita que talvez seja útil esclarecer a modernidade do vocabulário a respeito do assunto. (...) Antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente ‘o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino’ e também “um estrangeiro”. Mas agora era dada como “um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum” e também o “território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo” – e, portanto, o elemento de um Estado comum e supremo é central a tais definições, pelo menos no mundo ibérico.<sup>81</sup>

As discussões que envolvem as bases da formação do fenômeno que se dividem em objetivistas e subjetivistas também são tratadas por Hobsbawn e, em certa medida, Anderson, e são resolvidas claramente por suas posições teóricas embasadas no materialismo histórico. A idéia de nação como algo eterno, a-histórico, composto por uma linhagem comum, ou um mito de origem é vista pelos autores como manifestadamente inútil. O papel do historiador é desconstruir estas armadilhas com o intuito de descortinar quaisquer brumas que impeçam a compreensão objetiva de um fenômeno histórico. *Comunidades imaginadas*, de Benedict Anderson e *A Invenção das Tradições*, de Eric Hobsbawm e Terence Ranger são imprescindíveis contribuições para o entendimento deste fenômeno e ferramentas importantes para uma análise que se quer produtiva.<sup>82</sup> As bases objetivistas, ou seja, com o intuito de perceber a construção da identidade nacional a partir de bases sólidas como governo, território, fronteiras e, por que não, os desenlaces das contradições sociais no seio da formação das sociedades capitalistas modernas são o eixo de compreensão mais objetivo e eficiente para muitos estudiosos do nacionalismo.

Parte-se aqui do interesse sobre o tema do nacionalismo, de uma linha interpretativa alicerçada num conjunto de obras que se debruçam no estudo do conceito e que servirão para

---

<sup>81</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.27.

<sup>82</sup> ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*; tradução Denise Bottman – São Paulo: Companhia das Letras, 2008. HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence(orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (coleção Pensamento Crítico; v.55). Estas duas obras nortearam os estudos de boa parte das análises do nacionalismo em nossos idos. Neste trabalho, são a base de nossa percepção sobre o fenômeno do nacionalismo no mundo e nos chamam a atenção para a necessidade de uma mais profunda investigação nas manifestações no Novo mundo.

compreensão de diversos processos históricos que condicionaram o surgimento dos Estados-nação no século XIX. Contudo, como bem salientou Marco Pamplona<sup>83</sup>, devido a natureza particular do nacionalismo no Novo Mundo, a maioria das obras sobre o estudo do conceito baseadas no caso europeu servem mais para evidenciar as especificidades do fenômeno na América através das lacunas surgidas na tentativa de aplicação deste modelo ao caso americano do que necessariamente o explicam. Na intenção de uma discussão teórica que leve em conta as particularidades do nacionalismo na América Latina, este texto se remete necessariamente a uma tentativa de revisão (ou releitura) das posições dos grandes teóricos da corrente que enfatiza o conflito, a luta de classes. No processo de tal empreitada a ênfase de uma interpretação conflitualista do nacionalismo, ou melhor, de sua construção na América Latina em geral, e particularmente em Cuba, se mostrou como um grande desafio, já que, quase sempre o nacionalismo, muito mais por questões políticas do que necessariamente acadêmicas, é considerado um desvio teórico e sem importância. Como muito bem salientou Horace B. Davis:

Os Marxistas consideram-se internacionalistas e, não obstante em toda parte os vemos agir como nacionalistas. Essa orientação é, por vezes, conveniente aos interesses a longo prazo da revolução social, mas outras vezes, não. As tentativas de enquadrar o nacionalismo na teoria marxista foram até agora, esparsas e insatisfatórias.

Ainda segundo o autor:

O papel desempenhado pelos motivos nacionalistas nas agitações sociais do século XX tem que ser posto em foco e relacionado com outros movimentos.<sup>84</sup>

Na labuta de analisar o fenômeno do nacionalismo em Cuba houve uma preocupação em relacionar alguns processos históricos de grande relevância como o imperialismo neocolonial e os movimentos de resistência articulados na ilha ao longo da primeira metade do século XIX. Os desdobramentos destes movimentos tiveram implicações determinantes na construção do sentimento nacional cubano. Sendo sua identidade forjada nos conflitos de interesses classistas inseridos nas bases destes mesmos movimentos. Outra grande estudiosa da relação entre a

---

<sup>83</sup>

PAMPLONA, Marco A. & DOYLE, Don H. (org.). *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação de Estados-nação no século XIX*, Tradução: Waldéia Barcelos. Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>84</sup>DAVIS, Horace B. *Para uma teoria marxista do nacionalismo*. Rio de Janeiro; Zahar, 1979. p.11.

questão nacional e o marxismo, Marilene Corrêa da Silva, salienta de maneira intrigante quando diz:

Para os estados socialistas, também a significação estratégica dos movimentos de independência ou separatistas nacionais, embora com objetivos opostos, tende a ser analisada sob a ótica do confronto com o mundo capitalista. Trata-se de distinguir nesses movimentos as formas que assumem na luta antiimperialista e no processo de revolução socialista, de um lado; de outro, como a correlação de forças internacionais da luta de classes pode tender para o proletariado com as alianças dos povos, nações e setores oprimidos. Evidencia-se, portanto, que nem a ordem capitalista, nem a organização e desenvolvimento das sociedades socialistas evitaram ou resolveram a questão nacional. Pelo contrário, o vigor dos movimentos nacionais de hoje, na luta contra a dependência e dominação capitalista, impõe e desenvolve outro tipo de nacionalismo, de conteúdo e princípios diferentes dos que motivaram as revoluções burguesas do século XIX.<sup>85</sup>

Assim, tendo em vista os vários obstáculos que permeiam as discussões sobre nacionalismo em si, por variadas correntes teóricas e ideológicas em que, inevitavelmente, discursos acadêmicos são atravessados por posições políticas variadas e concepções de mundo diversas, não é de se estranhar que neste cenário a negligência e até mesmo indiferença sobre alguns aspectos passassem despercebidos, por muito tempo comprometendo a possibilidade da expansão da análise do conceito. Chamamos a atenção, por exemplo, da insistente marginalização nas análises até então publicadas dos fenômenos históricos na América em geral, e na América Latina em particular que poderiam contribuir para um alargamento de entendimento do fenômeno. Não são poucas as manifestações desta indiferença acadêmica. Diversos autores, inclusive os mais clássicos estudiosos deste conceito, expressaram em suas obras ora uma indiferença total, a ponto de não configurar em suas análises sequer alusões a fenômenos deste tipo no Novo Mundo, até aqueles, à guisa de pretensões mais abrangentes, reduzem manifestações legítimas em mera reprodução das experiências européias. Em capítulo de um livro organizado por Gopal Balkrishnan, Anthony Smith afirma;

Falando em termos gerais, portanto, a compreensão histórica do complexo fenômeno do nacionalismo baseia-se numa definição bastante estreita e num modo de explicação igualmente específico. Este último é basicamente conceitual, psicológico e difusionista. Insiste, a meu ver com acerto, em situar o nacionalismo e os conceitos que caracterizam esse movimento no contexto do pensamento e da história europeus, pelo menos no que concerne a suas origens; esses conceitos e idéias só podem ser entendidos dentro deste

---

<sup>85</sup>SILVA, Marilene Corrêa da Silva. *A questão nacional e o marxismo*. São Paulo: Cortez, 1989. p.38.

contexto histórico. Uma vez que a Europa moderna assistiu a uma desarticulação de seus tipos de comunidades, economia e ordem política, as vantagens e os aspectos psíquicos do nacionalismo são enfatizados, e recebem especial atenção as funções que ele exerce para os indivíduos desorientados e as comunidades retiradas de seus lugares de origem. Por fim, o mecanismo favorito de difusão do nacionalismo para a Ásia, África e a América Latina é uma mescla de imitação e reação: as elites, sobretudo intelectuais, adotam e adaptam as idéias ocidentais de nação e de regeneração nacional. O nacionalismo floresce nas circunstâncias específicas do imperialismo e do colonialismo europeus, mas sua disseminação é basicamente auto-impulsionada e auto-reprodutora, desde que tenha surgido uma minúscula camada de intelectuais no país receptor.<sup>86</sup>

Podemos dizer que em diversos aspectos desta longa citação concordamos com o autor. Entender o nacionalismo no Novo Mundo, sem os desdobramentos da conquista e colonização européias na época moderna e do posterior imperialismo que se desdobra na região em que são rearticulados os modelos de dominação imperial para atender novas demandas de um incipiente modo de produção é no mínimo, ingênuo e, conseqüentemente, estéril. Ignorar o fato da cultura e da visão de mundo européias na forja das elites que se formarão ao longo dos territórios conquistados no Novo Mundo, de modo que se reproduzisse camadas intelectuais fortemente influenciadas pelos seus congêneres europeus e que manifestariam uma espécie de simulação nos moldes da reação européia, oriundos dos movimentos liberais de contestação da antiga ordem me parece também contraproducente. Contudo, reduzir toda a experiência sócio-econômica, política e cultural que se desenvolve ao longo de séculos de dominação e exploração de forma sistemática é de uma negligência ou arrogância inadmissíveis. O que o autor chama de mera reprodução de um quadro cultural e ideológico europeus na América, chamamos da mais legítima e surpreendente expressão dos caminhos e descaminhos que um determinado tipo de formação social pode engendrar em seu contexto. Os mecanismos de exploração inerentes a maioria dos modos de produção anteriores ao capitalismo são desenvolvidos de forma significativamente diferente daquelas existentes na Europa. Os conflitos sociais que se reproduzem no seio das sociedades coloniais na América, em que pese seus aspectos metropolitanos, são protagonizados por atores sociais distintos, mesmo as elites na América tendo suas origens ou formação na Europa.

---

<sup>86</sup>SMITH, Anthony D. “O nacionalismo e os historiadores”. IN: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da Questão Nacional*. Introdução Benedict Anderson; tradução Vera Ribeiro.- Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. pp.186. Nesta obra estão reunidos artigos dos mais renomados estudiosos do tema. Abordam diversos aspectos do fenômeno do nacionalismo e nos dão uma clara idéia do que vem sendo mais debatido sobre o assunto.

Assim, é razoável supor que o nacionalismo aqui forjado e, claro, percebido por muitos estudiosos europeus, tem particularidades que podem contribuir de forma *sui generis* no entendimento do conceito para que possamos instrumentalizá-lo. Não como meros propagandistas e difusores de uma ideologia aparentemente construída para determinados fins e interesses, sejam eles coletivos ou individuais, mas sim para para um efetivo entendimento de sociedades forjadas a partir da sucessivas formas de organização social da produção.

Em obra citada acima, Ernest Gellner acusa os marxistas de negligenciarem o fenômeno do nacionalismo por não conceberem uma sociedade que não seja determinada por sua base econômica e ignorarem a necessidade de um entendimento conjuntural desta suposta, segundo o autor, determinação quando diz:

O marxismo, naturalmente, é interpretado como uma doutrina que não atribui a influência máxima sobre uma ordem social nem à coerção nem à ideologia (castigando estas duas afirmações como “idealismo”), e sim à produção. Mas não fica muito claro o que poderia significar uma determinação direta da ordem social pelo sistema produtivo, não intermediada pela coerção nem pelas idéias. Os instrumentos e técnicas não podem, por si mesmos, fazer os homens se conformarem às regras da distribuição: isso só pode ser feito através da coerção ou do consentimento, ou de uma fusão dos sois. Como um modo de produção gera o seu próprio modo de coerção? É difícil não desconfiar que parte da força atrativa do marxismo, bem como de sua persistência, decorra justamente de sua falta de clareza sobre o assunto.<sup>87</sup>

Ao nosso ver, partindo do princípio de que o autor em alguns aspectos sobre o marxismo está correto, como a negligência acerca da complexa relação base/superestrutura que tanto confunde marxistas e críticos do marxismo, analisar o nacionalismo no Novo Mundo pode ser uma oportunidade ímpar para os teóricos marxistas se reconciliarem com a importância dos aspectos conjunturais nas análises de caráter histórico. Digo que, a despeito de muitas armadilhas ideológicas pavimentarem os meios de tal empreitada, é de suma importância que nos lancemos a este tão importante desafio, ou seja, dar ao fenômeno do nacionalismo no Novo Mundo a oportunidade dupla de, por lado aprofundar o entendimento de tão complexo e polêmico conceito a partir das vicissitudes dos casos nas Américas e suas implicações na própria história e na história de maneira geral e, por outro lado, oportunizar as análises de viés materialista, de uma

---

<sup>87</sup>GELLNER, Ernest. “O advento do nacionalismo e sua interpretação: Os mitos da Nação e da Classe”. IN: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da Questão Nacional*. Introdução Benedict Anderson; tradução Vera Ribeiro.- Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. pp.107.

robusta oportunidade de autocrítica em relação à tão propalada indiferença aos aspectos conjunturais de uma determinada formação social.

Acreditamos que o processo histórico nas Américas, iniciado com a conquista europeia moderna, é marcado por particularidades que contribuem para o entendimento de diversos fatores tanto inerentes ao continente americano quanto aqueles supostamente engendrados na metrópole e reproduzidos aqui na América. As complexas relações sociais inerentes àquele modelo de produção são percebidas aqui de maneira particular e, portanto, original. Se nos ativermos somente ao que aqui nos interessa, ou seja, à possibilidade de um tipo de nacionalismo original no Novo Mundo, podemos enfatizar que as ideias, as visões de mundo, a cultura de maneira geral que aqui chegaram do Velho Mundo, foram inevitavelmente rearticuladas não só com o que restou de uma riqueza cultural destruída ou parcialmente destruída pela conquista, mas também por um tipo peculiar que aqui foi se formando com as vicissitudes do continente em contraste com a base cultural européia.

Dialeticamente, fora construída na América uma base cultural peculiar que, em que pese a hegemonia europeia, criou também brechas que escapam a mera sincronia. Assim, desde os primórdios da colonização, a mera transposição de mecanismos culturais, econômicos e políticos se submeteram a inevitáveis adaptações para atender a necessidade de um modo peculiar de exploração econômica, fazendo com que aqui se desenvolvessem forças sociais que seriam impossíveis na Europa. Podemos citar à guisa de exemplo as ideias forjadas na Europa, iniciadas na transição entre o Antigo Regime e os modelos liberais de governo, sejam eles repúblicas ou monarquias constitucionais, ou seja, heranças do movimento iluminista e liberal chegaram nas colônias em boa parte da América de uma forma totalmente adaptada às necessidades da elite dominante local. O liberalismo aqui perpetrado se moldou com mecanismos de exclusão social que reforçaram a concentração de poder por setores da sociedade, ao contrário da Europa onde, por mais que também houvesse esta tendente concentração, foi mais vulnerável e passível de desarticulação. Este liberalismo excludente, conservador, permeou todo o fim do período colonial e no período pós independência foi regra na formação dos Estados nacionais na região.

Destarte, fica claro que analisar as vicissitudes histórica do Novo Mundo nos autoriza a buscar uma forma de compreensão particular do fenômeno do nacionalismo no Novo Mundo e que busque contribuir para um melhor entendimento e o alargamento das discussões sobre o tema. Sabemos da variedade e da diversidade inerente ao período colonial na América em geral e da

América Latina em particular. Com isso concentraremos nossos esforços na análise do particular caso cubano. São muitas as semelhanças entre Cuba e o resto da América Latina colonial. Contudo as diferenças também são significativas.

No caso da construção do Nacionalismo no Novo Mundo nossa análise foi orientada por uma obra de importante papel nos estudos sobre o nacionalismo na América. Marco Pamplona e Don H. Doyle juntaram esforços e organizaram uma obra seminal nos estudos deste fenômeno neste lado do Atlântico. Diversos especialistas e estudiosos de regiões diferentes na América contribuíram para o pontapé inicial que promoveria um maior interesse nos estudos sobre o nacionalismo na região. Os autores nos chamam atenção para diversos fatores particulares de nosso continente na formação do Estado-nação que demonstraram que as ferramentas de análise do conceito na Europa seriam insuficientes para o entedimento dos fenômenos no Novo Mundo. Logo na longa introdução da obra, Pamplona trata de vários aspectos negligenciados pelas análises europeias. Por exemplo, o equívoco de que uma etnicidade persistente determina o conceito de nação.

Muitos considerariam esse uso do termo “nação” por demais restritivo, especialmente tendo em vista que o principal movimento do mundo acadêmico contemporâneo vem sendo o de desconstruir os mitos de um núcleo étnico persistente estaria implícito em “nação”. Decerto a maioria das nações americanas não se qualificaria como nações por esse padrão, seja qual for o caso. Pelo contrário, elas admitem abertamente a pluralidade de suas populações de imigrantes; e, embora celebrem a assimilação, não fingem ter como base uma descendência étnica coerente. Se o nacionalismo tende a reificar identidades etnonacionalistas em outras partes do mundo nas Américas seu esforço típico é o esforço de abarcar as identidades étnicas plurais.<sup>88</sup>

Posto isso, e à guisa de conclusão desta primeira parte, o caso cubano nos fornece inúmeras razões para o colocar em um lugar privilegiado neste debate. Último reduto colonial espanhol, Cuba passa por um processo de colonização um tanto particular que foi significativamente abordado no primeiro capítulo deste trabalho. Contudo, em que pese a importância da formação colonial nos idos iniciais do processo, nossa atenção se concentrará no

---

<sup>88</sup>PAMPLONA, Marco A. & DOYLE, Don H. (org.). *Nacionalismo no Novo Mundo: A formação de Estados Nação no Séc. XIX*, Tradução: Waldéia Barcelos. Rio de Janeiro: Record, 2008. Como supracitado, a longa introdução desta obra é um exercício de elucidar as particularidades no Novo Mundo que corroboram para a necessidade de uma análise particular do fenômeno do nacionalismo na América. O autor explana de forma coerente e elucidativa uma gama de fatores que permeiam, ou que deveriam permear, as análises conjunturais de processos históricos aqui estabelecidos. Enumera com cuidadosa coerência estas fatores inserindo-os nas problematizações teóricas sobre o conceito do nacionalismo aqui desenvolvido. Obra imprescindível para aqueles que querem aprofundar os estudos culturais de nosso continente. Com bases sólidas e contribuições de correntes teóricas diversas que dão à obra caráter único.

complexo e fatídico século XIX, onde os processos de emancipação colonial se desdobraram. Em toda a América Latina eclodiram movimentos que redundaram no rompimento de vínculos políticos com as potências coloniais europeias do mundo moderno, configurando junto ao colapso do Antigo Regime o colapso do também Antigo Sistema Colonial.

Evento de significativa importância, pois marca de maneira indelével o século XIX e o rearranjo nas relações entre a Europa e o resto do mundo, inclusive a América. Martí demonstra em seus seminiais textos no final do século XIX a percepção de algo particular, o embrião de uma vontade vai se tornando realidade.

Por isso vivemos aqui, orgulhosos de nossa América, para seví-la e honrá-la. Não vivemos como futuros servos nem como aldeões deslumbrados, e sim com a determinação e a capacidade de contribuir para que seja estimada pelo seus méritos, e para que seja respeitada por seus sacrifícios; porque as próprias guerras que, por pura ignorância lhe lançam no rosto os que não a conhecem, são o selo de honra de nossos povos, que não vacilaram em acelerar, com o adubo de seu sangue, o caminho do progresso e podem ostentar na frente suas guerras como uma coroa.(...) Mostremos a alma tal como é a estes mensageiros ilustres que vieram de nossos povos, para que vejam como é honrada e leal, e que a admiração justa e o estudo útil e sincero do alheio, sem lentes de presbitismo nem de míope, não nos enfraquece o amor ardente, salvador e santo do que é nosso; nem pelo bem próprio, se na consciência sem paz existe o bem, haveremos de ser traidores que a natureza e a humanidade nos ordenam fazer. E assim quando cada um deles regressar às praias, que talvez nunca tornemos a ver, poderá dizer, satisfeito com nosso decoro, àquela que é nossa dona, nossa esperança e nosso guia: “Mãe América, ali encontramos irmãos! Mãe América, ali tens filhos!”<sup>89</sup>

Cumprir afirmar aqui que os movimentos que se iniciaram no alvorecer do século XIX já carregavam em si um tipo de identidade que, em que pese as rivalidades, conflitos e as particularidades de cada processo que redundou em um novo país, forneceu uma ampla idéia de americanismo calcada na mais profunda e indelével solidariedade entre os povos de “Nuestra América” que, embora não tenha realizado o sonho de Bolívar de uma nação unificada, ao menos sedimentou o pressuposto de uma identidade continental. Pouco ainda se estudou sobre esta possibilidade de tal identidade transcender as artificiais fronteiras criadas pelas antigas metrópoles europeias.

Assim dito, cabe salientarmos também o particular caso cubano no contexto das independências. Cuba não se tornou independente no início do século XIX como as outras colônias espanholas e portuguesa na América. Por conta de fatores já elucidados aqui em

---

<sup>89</sup>MÃE AMÉRICA. Discurso pronunciado no sarau artístico da sociedad Literaria Hispanoamericana, em 19 de dezembro de 1889, ao qual assistiram os delegados à Conferência Internacional Americana. Obras Completas, t.VI, pp.136-140.

ocasiões anteriores, a ilha continua como colônia espanhola até o final do século XIX em um contexto completamente diverso do início desta centúria. Podemos afirmar que entre tantas particularidades do processo independentista cubano está o fato de que o rompimento dos vínculos coloniais com a Espanha se dá na transição entre o Antigo Sistema Colonial e o chamado imperialismo.<sup>90</sup> Tal fato é primordial para o entendimento não só da dinâmica do movimento independentista cubano como também da peculiar construção do seu nacionalismo, claramente embasado na luta pela independência da Espanha e da resistência ao incipiente imperialismo dos Estados Unidos. É sobre este aspecto que passaremos a discutir a partir de agora.

### **3.2- Imperialismo e anti-imperialismo: uma breve análise.**

Nos concentraremos aqui em uma sucinta apresentação do fenômeno do imperialismo no mundo de maneira geral e na América Latina, especificamente Cuba, em particular, como a forma mais coerente de contextulizar nosso principal objetivo aqui, a saber, o particular e fecundo modelo de construção de uma identidade nacional que pode nos fornecer elementos imprescindíveis para o entendimento do fenômeno do nacionalismo no mundo e na América. Os motivos para nos atermos a esta perspectiva, razoável do ponto de vista teórico, repousa na mais legítima convicção de ser o mote para a especificidade da construção do nacionalismo cubano ao longo, principalmente, da segunda metade do século XIX, com a eclosão dos principais movimentos de independência que redundarão do rompimento dos vínculos com a Espanha e do início de um longo processo de encarceramento político vinculado às suas relações com os Estados Unidos após a independência e o estabelecimento da república tutelada pelo “Irmão do Norte”.

Ao longo da história, todo sistema de exploração foi alicerçado em mecanismos de controle e coerção, econômicos ou extra-econômicos, que sustentaram por longos períodos saques sistemáticos de algumas sociedades e/ou indivíduos em benefício de outros. O

---

<sup>90</sup>Os diversos termos utilizados para o colonialismo do século XIX, como neocolonialismo, imperialismo ou simplesmente colonialismo por vezes denotam juízos de valor que evitaremos aqui com o uso do termo imperialismo para denotar as conquistas territoriais e a expansão das potências capitalistas naquele período.

colonialismo e a expansão imperial, do ponto de vista histórico, existiram em diversos momentos desde a antiguidade. Nabertura de seu livro, Marc Ferro destaca:

Antes da colonização européia, houve a colonização dos gregos e dos romanos, é claro, mas também a dos árabes e dos turcos, que conquistaram as margens do Mediterrâneo, parte da África negra e da Ásia Ocidental, e até a Índia, a qual por sua vez, no início de nossa era colonizara o Ceilão, parte da península indochinesa e o arquipélago de Sonda. Sem mencionar os chineses, que exploraram as costas orientais da África, no século XV, e colonizaram o Tibet; e até os japoneses, que conquistaram e colonizaram Yeso pouco antes que os russos chegassem a Sacalina e os franceses ao Canadá.<sup>91</sup>

Assim, a conquista e exploração de territórios e o colonialismo não são exclusividade dos tempos modernos, tampouco do continente europeu. Contudo, para os fins a que este trabalho se dedica nos importa mais, em menor escala, o colonialismo europeu da Era Moderna (Séculos XV-XVII), entendido como resultado da Expansão Marítima Européia e do modelo mercantilista de acumulação e, principalmente, o fenômeno do colonialismo dos séculos XVIII em diante também chamado de expansão imperialista, esta tributária das mudanças que o capitalismo industrial sofreu após sua efetiva consolidação.

No capítulo 1 nos dedicamos suficientemente à análise do colonialismo moderno e suas diversas implicações para o continente americano e para Cuba em particular. Voltemos agora nossos esforços para tentar inserir o entendimento do imperialismo em uma particular perspectiva de construção de sua resistência já no século XIX, a qual se fortalecerá ao longo da centúria seguinte quando os grandes movimentos anti-imperialistas vão varrer através de revoltas e revoluções o domínio europeu na África, na Ásia e no que restou no continente americano. Contudo, para entendermos a natureza do imperialismo oriundo do modo de produção capitalista é necessário algumas considerações que não pretendem um aprofundamento ou debate teórico, mas apenas elucidar alguns fatores importantes.

O estudo sobre o imperialismo é vasto e, ultrapassaria o escopo deste trabalho tentar, por mínimo que fosse, um debate teórico ou historiográfico aprofundado. Por isso faremos algumas escolhas que não necessariamente atendem toda a demanda sobre o assunto e nem esgotam a relevância do tema. Entendemos como uma das mais eficazes ferramentas teóricas para entender o fenômeno do imperialismo o clássico estudo de Lênin sobre o assunto. De

---

<sup>91</sup> FERRO, Marc *História das Colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. Tradução Rosa Freire d' Aguiar- São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Nesta obra o autor analisa as grandes colonizações, sob a ótica de um diálogo entre o colonizador e o colonizado lançando as bases para uma visão daqueles que por séculos foram explorados pelas potências européias.

maneira geral, sem considerar os detalhes de sua compreensão, caracterizava o movimento imperialista como necessário ao desenvolvimento e expansão da exploração capitalista a níveis globais. A transferência do *mais valor*, extraído em princípios de trabalhadores nacionais, para alhures, a imprescindível formação de grandes conglomerados industriais, vinculados à associação do capital financeiro ao capital industrial, e à exportação de capitais são os fundamentos que deram ao capitalismo monopolista a possibilidade de solucionar o grande obstáculo à fatídica e inevitável queda nas taxas de lucro provocada pelas grandes mudanças, principalmente no mundo do trabalho, ocorridas na Europa no final do século XIX. Em dos trechos de seu texto ele afirma:

O capitalismo é a produção de mercadorias no grau superior do seu desenvolvimento, quando até a força de trabalho se transforma em mercadoria. O desenvolvimento da troca, tanto no interior como, em especial, no campo internacional, é um traço distintivo e característico do capitalismo. O desenvolvimento desigual, por saltos, das diferentes empresas e ramos da indústria e dos diferentes países é inevitável sob o capitalismo. A Inglaterra é a primeira que se transforma em país capitalista, e em meados do século XIX, ao implantar o livre câmbio, pretendeu ser a oficina de todo o mundo, o fornecedor de artigos manufaturados para todos os países, os quais deviam fornecer-lhe matérias-primas. Mas este monopólio da Inglaterra enfraqueceu no último quarto do século XIX, pois alguns outros países defendendo-se por meio de direitos alfandegários protecionistas, tinham se transformado em Estados capitalistas independentes. No limiar do século XX assistimos à formação de monopólios de outro gênero: primeiro, uniões monopolistas de capitalistas em todos os países de capitalismo desenvolvido; segundo, a situação monopolista de uns poucos países riquíssimos, nos quais a acumulação do capital tinha alcançado proporções gigantescas. Constituiu-se um enorme excedente de capital nos países desenvolvidos. (...) Enquanto o capitalismo for capitalismo o excedente de capital não é consagrado à elevação do nível de vida das massas do país, pois significaria a diminuição dos lucros dos capitalistas, mas ao aumento destes lucros através da exportação de capitais para o exterior, para os países atrasados. Nestes países atrasados o lucro é em geral elevado, pois os capitais são escassos, o preço da terra e dos salários relativamente baixos, e as matérias-primas baratas.<sup>92</sup>

Optamos por manter esta longa citação para que, mesmo não conseguindo de forma ampla elucidar todos os pontos necessários para um profundo entendimento do conceito, tenhamos os elementos fundamentais para nos dedicar aos desdobramentos do fenômeno do imperialismo em Cuba para que possamos alcançar nossos legítimos fins.

---

<sup>92</sup>LÊNIN, V.I. *O imperialismo*; fase superior do capitalismo; tradução Leila Prado. 3ª Ed. – São Paulo: Centauro. Em que pese a contribuição de outros grandes teóricos do imperialismo que também são por nós considerados como excelentes ferramentas teóricas para o entendimento do fenômeno como Rudolf Hilferding, K. Ksutsky e J. A. Robson, consideramos que Lênin conseguiu sintetizar de forma efetiva as contribuições destes autores, enriquecendo de maneira crítica com suas conclusões a compreensão do tema.

Claro que o imperialismo oriundo do capitalismo monopolista não se limitou às tradicionais potências europeias. Também é um fenômeno importante deste período o surgimento de novas potências industriais que vão se agregar à constelação dos países centrais dominantes. As recém unificadas Alemanha e, em menor medida, Itália junto ao Japão da Era Meiji e os Estados Unidos da segunda metade do século XIX, após sua fatídica Guerra de Secessão, que deu ao Norte a hegemonia econômica e política necessárias ao grande salto industrial que se sucedeu, configuraram o cenário daqueles que por longo tempo serão protagonistas econômicos mundial.

Neste sentido, e para não nos alongarmos em análises que não tenham um efetivo papel para os fins deste trabalho nos dedicaremos agora a uma reflexão sobre o particular modelo de expansão imperialista sob a égide dos Estados Unidos na América Central e Caribe no século XIX. Claro que os tentáculos do imperialismo norteamericano alcançaram territórios e regiões estratégicas no cenário mundial que também são fundamentais para o entendimento do processo como um todo. Já havia ambições e conquistas no Pacífico relacionadas ao comércio com o extremo Oriente, principalmente China e Japão, contudo focalizaremos neste momento o papel da potência do Norte em suas ambições naquela região que muito cedo foi considerada como seu “quintal”, a América Central e o Caribe.

Após seu paradigmático processo de independência na segunda metade do século XVIII e a consolidação de sua autonomia perante a Inglaterra, que viera a se consolidar somente em princípios do século XIX, quando a monarquia britânica enfim reconheceu sua independência ainda no contexto dos desdobramentos das guerras napoleônicas, os Estados Unidos iniciaram um complexo processo de expansão territorial que se iniciou em direção ao Oeste daquele que foi seu território original. Vários foram os fatores que contribuíram para tal. A necessidade de terras e o alargamento das fronteiras comerciais fizeram com que os Estados Unidos empreendessem um magnífico sistema de expansão territorial ancorado em bases políticas, econômicas e ideológicas. O incentivo à imigração contou com diversos conflitos que maracaram a Europa neste período fazendo com que a opção de abandonar o Velho Mundo e “fazer a América”, como forma de prosperidade imediata, fosse a ponta de lança para que os Estados Unidos obtivessem o material humano necessário para ocupar as terras a Oeste expandindo suas fronteiras.

Aliado a isso um ímpeto de caráter ideológico de base calvinista celebrou a “Marcha para o Oeste” como a vontade divina de sucesso de um povo “predestinado”, escolhido por Deus.

Neste sentido a expansão territorial dos Estados Unidos no Oeste americano inicia um processo visto com indispensável ao desenvolvimento da antiga colônia britânica na América do Norte. Depois do extermínio indígena provocado pela invasão de suas terras e a concentração da população que restou em redutos chamados de reservas indígenas, restaram ainda diversos territórios ocupados por colonos de outras potências europeias. Assim foi o caso da anexação de alguns territórios pela negociação, pela compra e pela força. Flórida, obtida da Espanha, Lousiana, da França e o Alaska, da Rússia são exemplos claros das primeiras formas, de caráter pacífico, na obtenção e conseqüente alargamento do território norte americano. Em obra de grande fôlego o historiador marxista V.G Kiernan aponta:

Sobre tudo isso, poucas dúvidas foram sentidas, mas havia um certo alarme relativo à velocidade com que o processo de apropriação chegava a conclusão. Foi parcialmente um mal-estar psicológico, o sentido de uma Marcha para o Oeste que havia consumido séculos chegando ao fim tão rapidamente sem nenhuma outra alternativa à vista. “A fronteira acabou”, escreveu Jackson Turner em 1893, “e com isso encerrou o primeiro período da história americana”. Mas a vida americana tinha ficado imbuída de um “caráter expansivo” que não podia ser descartado: “o intelecto americano demandará continuamente um campo sempre mais amplo para se exercitar”. Esse intelecto ativo havia levado o país nos últimos tempos a uma devoção frenética para atravessar uma fronteira mais espectral: o espiritualismo, como George Eliot aprendeu com sua amiga Sra. Harriet Beecher Stowe, havia feito demandas “muito mais compulsórias sobre atenção séria” na América do que na Inglaterra. Ainda assim, havia outras demandas mais Imperativas – as de Wall Street.<sup>93</sup>

A chamada Doutrina Monroe, tão aclamada como um ímpeto de uma suposta inclinação dos Estados Unidos de defender a soberania e autonomia dos países recém independentes da região, logo se traduziu em uma clara demonstração dos interesses imperialistas do Estados Unidos na América Latina. Oriunda da mensagem do presidente James Monroe ao Congresso dos Estados Unidos em dezembro de 1823, é considerada como a inauguração da política externa norteamericana após consolidada sua independência. Este documento orienta diversas ações expansionistas dos Estados Unidos na região, inclusive a anexação do Texas e a posterior Guerra contra o pobre México, que perdeu quase metade de seu território e ganhou uma vulnerabilidade em suas fronteiras, até hoje são discutidas. A política do “Big Stick” no final do século XIX e início do século XX consolidará a política externa americana dando uma roupagem

<sup>93</sup>KIERNAN, V.G. *Estados Unidos: o novo imperialismo*. (tradução Ricardo Doninelli-Mendes). – Rio de Janeiro: Record, 2009. pp.137. Nesta obra o autor faz uma excelente análise desde os primórdios do expansionismo territorial dos colonos ingleses na ocupação do litoral atlântico da América do Norte ainda no início do século XVII, até o agressivo imperialismo que se consolida ao logo do século XIX. Faz imersões no caráter psicológico e ideológico desta expansão nos dando com riqueza de detalhes um cenário de grande complexidade.

mais pragmática as suas ambições imperialistas, recorrendo sempre que necessário à força de seus *marines* na obtenção de seus interesses.

No caso de Cuba esta política foi ainda mais expressiva dada a proximidade geográfica da ilha aos Estados Unidos e seus estreitos vínculos comerciais que foram se fortalecendo ao longo do século XIX. Estima-se que o fatídico Império Espanhol neste período já não tinha condições de manter suas relações ainda de caráter mercantilista com aquilo que restou de seu grandioso domínio na América. O agonizante Antigo Sistema Colonial era palco de uma relação que se desdobrava de forma ineficiente e deteriorante. A Espanha não conseguia sequer cumprir sua função nas relações entre colônia e metrópole, ou seja, não conseguia absorver o excedente produtivo da Ilha, neste período o promissor comércio de açúcar, obrigando a Coroa a assinar uma série de acordos de livre comércio com os Estados Unidos, que se aproveitava deste contexto, tanto absorvendo quase toda a produção de açúcar neste período, quanto se tornando o principal abastecedor de produtos manufaturados à ilha, pois a Espanha carecia de um parque manufatureiro suficientemente capaz de abastecer até mesmo seu território na Península Ibérica. Neste sentido, ao longo do século XIX as relações entre Cuba e Estados Unidos foram incrementadas como resultado natural do colapso do Antigo Sistema Colonial que se apresenta como indelével marca na transição do capitalismo comercial característico do período moderno ao capitalismo industrial dos finais do XVIII e ao longo do XIX. Manuel Moreno Friginals nos dá uma ampla visão deste contexto quando escreve:

Já assinalamos que havia un profundo divórcio entre Cuba e aEspanha. Naturalmente, a perda por parte da Espanha da função econômica implicava a ruptura de seu papel dirigente, insustentável sem uma estrutura integral. Mas uma série de fatores tais como o caráter escravista da produção colonial, sua organização social e o equilíbrio das forças internacionais no Caribe, propiciaram que a Espanha mantivesse sua hegemonia política sobre Cuba enquanto lentamente a ilha ia passando a ser dependente dos Estados Unidos no sentido econômico. Há que se levar em conta que durante o século 19 Cuba sempre foi o segundo mercado fornecedor e o terceiro consumidor dos Estados Unidos. Sem aptidões para estabelecer uma exploração colonial ao modo capitalista, a Espanha optou por desenvolver uma política de força que era essencialmente anticapitalista, pois a possibilidade de sua aplicação residia em explorar as contradições escravistas como recurso de sobrevivência.<sup>94</sup>

---

94

FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba-Espanha: uma história comum*; tradução Ilka Stern Cohen- Bauru, SP: Edusc, 2005. pp.250.

O promissor desenvolvimento dos negócios com a ilha aguçou os apetites dos imperialistas dos Estados Unidos de forma expressiva. Os desdobramentos desta realidade, aliado ao anacrônico domínio colonial da Espanha em Cuba foram fatores importantes não só no desenvolvimento de uma clara política de anexação de Cuba nos escalões da alta política norte americana, mas também na formação das diversas correntes políticas em Cuba que se desenham ao longo do século XIX quando o fim da dominação espanhola se converte em questão de tempo. As diversas políticas e medidas reformistas na ilha não foram capazes de apaziguar os ânimos separatistas alinhando projetos que iam desde a independência total e incondicional de Cuba, defendida pelos independentistas, e o desejo de anexação aos Estados Unidos como única possibilidade plausível diante daquele controverso cenário.

Assim, as maquinações nos Estados Unidos para a anexação territorial da ilha foram desde o início do século XIX pauta insistente nos governos que se sucediam na potência do norte. Os ímpetus anexionistas variavam segundo o contexto dos novecentos. Ora a compra, a ocupação militar e até mesmo uma consequência natural, como a “teoria da fruta madura”, onde o secretário de Estado John Quincy Adams em carta datada de 23 de abril de 1823 a Hugh Nelson, o representante norte-americano em Madri manifesta as ambições dos Estados Unidos por Cuba, e também Porto Rico, quando do contexto em que as colônias espanholas na América vão rompendo seus vínculos com a metrópole. Para Adams a constelação de interesses comerciais e políticos na região tornava mister a criação de estratégias diversas para a obtenção de tais objetivos. Sua tese era que, inevitavelmente, se o domínio espanhol chegasse ao fim, Cuba naturalmente seria um satélite de gravitação dos Estados Unidos.

Neste sentido, Cuba ao longo do século XIX vai ocupando um papel central nos interesses dos Estados Unidos na região, configurando o agressivo expansionismo norte-americano que já se manifestava há algum tempo. Claro está que fatores que marcaram a crise do Antigo Sistema Colonial, como a inevitável abolição da escravidão influenciaram em larga medida os interesses dos grandes proprietários de terras do sul dos Estados Unidos que, preocupados com os riscos à manutenção deste tipo de mão de obra viam na anexação de Cuba a possibilidade de expansão das fronteiras do escravismo, já que em Cuba ainda era mantida a mão de obra escrava nestes idos. Logo após o desenlace da Guerra Civil e os desdobramentos da vitória do Norte as pretensões escravistas foram arrefecendo dando lugar a ambições de caráter comercial e imperialista, estes específicos interesses dos novos tempos.

É importante salientar que o variado e complexo processo de independências das colônias na América foi em larga medida sintoma da crise do colonialismo moderno. Neste contexto de transição entre formações sociais tão distintas, a percepção de fatores ideológicos que atravessaram este movimento são imprescindíveis para uma melhor compreensão do tema. A pujança das ideias iluministas e liberais nos movimentos independentistas da América Latina nos primórdios do século XIX são manifestações claras do que acima foi exposto. Assim percebemos que, em que pese as legítimas adaptações, na luta pela independência das colônias espanholas, e também nas demais, o pensamento liberal foi, enquanto teoria, a base das ações que redundaram na formação e consolidação dos novos Estados nacionais na América.

No caso cubano, que mais nos interessa aqui, há uma particularidade significativa que faz do longo processo independentista da ilha algo ímpar na história da América. Já abordamos aqui em outra ocasião as razões para que Cuba não fosse contemplada pelo processo independentista liderado por Bolívar e outros tantos líderes criollos na primeira metade do século XIX. Por mais que na ilha já houvesse movimentos de insatisfação com o jugo colonial espanhol que se manifestava de diversas maneiras e que, inclusive, efetivos e organizados movimentos políticos que apoiavam as lutas de independência no continente foram expressivos também neste período, a seção cubana do movimento de Bolívar, liderada por José Francisco Lemus, outrora oficial do exército de Bolívar na Colômbia, chamada Soles y Rayos de Bolívar, entre outras atribuições estaria a organização da luta também em Cuba. O movimento rapidamente interceptado pela Coroa espanhola naufragou antes mesmo de uma efetiva atuação. Não havia também por parte das lideranças da luta no continente incluir a pequena Cuba em suas ambições independentistas.

Assim, por mais que o pensamento liberal e as ideias iluministas tivessem forte apelo em Cuba neste período, o particular interesse de uma metrópole em decadência não permitiu que aquele último bastião do domínio espanhol acompanhasse o continente e formasse na ilha mais uma das várias repúblicas que se firmaram no antigo território de domínio espanhol. Há uma íntima relação entre os movimentos de contestação à ordem absolutista na Europa e o desmonte do Antigo Sistema Colonial do qual fez parte. Os desdobramentos do conjunto de mudanças políticas, sociais e, principalmente, econômicas consolidaram nas colônias europeias na América um anti-colonialismo que marcou profundamente os processos de independência ocorridos no Novo Mundo.

Por mais que possamos afirmar que o caso cubano seja a confirmação da crise do Antigo Sistema Colonial e o desmoronamento do modelo mercantilista de acumulação, alguns fatores também nos levam a perceber algumas vicissitudes que nos obrigam a uma análise mais cuidadosa. Sabemos que já no final do século XVIII e início do XIX, vem se configurando na ilha toda uma movimentação que expressa um significativo descontentamento com o jugo colonial espanhol. Somado a isso há também o prenúncio dos ainda incipientes interesses dos Estados Unidos na região, e principalmente em Cuba, que influenciam de forma categórica os diversos movimentos e correntes políticas em gestão na maior ilha das Antilhas. Com isso podemos afirmar que ainda na primeira metade do século XIX, no auge dos movimentos de independência do continente, em Cuba se anuncia algo de mais intrincado que irá se desdobrar em um peculiar caso no emaranhado contexto histórico dos noventa no Novo Mundo.

Antes mesmo de estourar a Guerra dos Dez Anos, que ficou conhecida como o primeiro grande movimento de emancipação da ilha, diversos complexos fatores se emaranhavam ao desejo de grande parte das elites da ilha de romper com a Espanha. Aos interesses dos anexionistas, tanto na ilha quanto nos Estados Unidos, soma-se os ainda efetivos transtornos do inevitável fim da escravidão. Boa parte daqueles que nos Estados Unidos defendiam a anexação da ilha à federação, o faziam pois queriam evitar o fim do trabalho compulsório, de forma que se nos Estados Unidos fosse inevitável tal tarefa, Cuba seria a válvula de escape na manutenção deste tipo de mão de obra. Moniz Bandeira em obra aqui já citada afirma:

*Os hacendados, continuavam, naturalmente, a temer que a Espanha, cedendo às pressões cada vez mais fortes da Grã-Bretanha, extinguisse a escravatura na ilha. E o desejo de remover as restrições comerciais, bem como de incrementar as relações econômicas com os EUA, concorreu para neles alimentar e robustecer a idéia de tornar Cuba independente e pedir sua anexação àquele país, que já era o principal mercado tanto para as exportações de açúcar e outros produtos quanto para as exportações dos bens essenciais de que necessitavam. A independência de Cuba significava, por conseguinte, separá-la da Espanha para anexá-la aos EUA. Entretanto, na medida em que a Espanha se recusava, peremptoriamente, a vender a ilha, a cedê-la pacificamente, o respaldo ao movimento anexionista, entre os *hacendados*, começou a diminuir. Alertados por José Maria Saco, eles pouco a pouco perceberam que, se o principal objetivo de anexação de Cuba aos EUA consistia em salvar a escravatura, uma guerra pela independência poderia precipitar-lhe o fim.<sup>95</sup>*

---

<sup>95</sup>BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a revolução cubana e América Latina*- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p.17.

Assim, questões de caráter social, como o fim da escravidão, já configuravam-se como importantes fatores nos conflitos que se estenderão ao longo de toda a segunda metade doséculo XIX e que redundarão na independência da ilha e no estabelecimento de um república “tutelada” pelos Estados Unidos. Quando o Grito de Yara dá início a Guerra dos Dez Anos, o líder incontestável do movimento, Carlos Manuel de Céspedes, surpreendendo grande parte das elites ainda receosas sobre os rumos da contenda, liberta os escravos de suas propriedades dando ao movimento contornos que já o faziam divergir de seus congêneres do início do século no continente.

Não podemos aqui, por questões de espaço, nos dedicar a uma profícua análise da influência do colapso da escravidão e do forte movimento abolicionista em Cuba e no mundo, assim como a insistente resistência a ele, nos desdobramentos das guerras independentistas em Cuba. Outrossim nossos objetivos nesta empreitada também configuram algo de suma importância tanto no desenrolar da independência da ilha do jugo espanhol, quanto nos complexos processos que se desenrolarão a partir de então. Compreendemos que o caso cubano é palco ao mesmo tempo dos últimos conflitos que marcaram a crise do Antigo Sistema Colonial e da ordem absolutista de maneira geral, mas também inaugura o movimento de resistência ao imperialismo que já demonstra força no mundo e que no Novo Mundo se torna latente com as ambições territoriais dos Estados Unidos na região. Portanto, junto ao já tradicional anticolonialismo presente nos movimentos de independência dos países de “Nuestra América”, em Cuba se ensaia um anti-imperialismo, oriundo da ameaça de anexação da ilha aos Estados Unidos. No desenrolar do longo processo de emancipação da ilha, a percepção da ameaça a soberania de uma Cuba independente fez com que surgisse entre os envolvidos na contenda uma forte reação aos intuitos dos Estados Unidos que, muito mais que fortalecer os ímpetus independentistas, também denunciou com relativo sucesso as premissas exploratórias do imperialismo ao mundo. Não por acaso, insuflados por discursos e análises que floresceram no processo independentista cubano, diversos analistas de diversos países também se dedicaram a denúncia das funestas formas de expansionismo dos Estados Unidos na América de maneira geral e a América Central e Caribe em particular.

No contexto da Guerra dos Dez Anos, a percepção dos interesses dos Estados Unidos, foi camuflada pela oportuna neutralidade dos Estados Unidos em relação ao conflito em Cuba. Mesmo porque, estavam ainda envolvidos nas medidas de reconstrução do país após a guerra

civil que tanto custou a nação. Contudo, após a fatídica tentativa de reação ao Pacto de Zanjó, em que capitularam as forças rebeldes em Cuba ante a uma falaciosa promessa de reforma feita pela Espanha, chamada “Guerra Chiquita”, na organização iniciada sob a liderança de José Martí nos Estados Unidos de uma nova etapa do processo independentista, um fecundo e alicerçado anti-imperialismo começa a ser forjado junto a um nacionalismo peculiar que funde em suas bases princípios até então pouco instrumentalizados como a percepção de uma cubanidade abrangente e uma possibilidade de um republicanismo democrático mais coerente com as reais necessidades de nosso continente e, por fim, de uma excepcional percepção de uma América Latina completamente diferente da América anglo saxônica. É sobre esta perspectiva que nos dedicaremos daqui pra frente.

### **3.3- A “Nuestra América”: As ideias de Martí na forja de uma necessária identidade cubana e latino-americana.**

Já nos debruçamos aqui em outra ocasião a uma pequena, resumida e despretensiosa biografia de José Julián Martí Pérez, um dos grandes artífices da segunda guerra de independência em Cuba iniciada em 1895. O que nos propomos agora é analisar com ganas de originalidade seu importante papel na gesta independentista. Sabemos que sua participação neste processo se inicia quando ainda adolescente participa de grupos de apoio aos insurgentes nas províncias de Oriente engendrados na capital Havana. Preso junto a seu inseparável companheiro Fermín Valdés Domínguez, foi acusado por uma suposta carta endereçada a um amigo desertor do movimento independentista onde fazia severas críticas. Antes do cárcere que abrirá caminho para seu eterno exílio, Martí ainda jovem publica seu soneto “O Dez de Outubro” e ajuda a editar os semanários democráticos cosmopolitas “El diablo cojuelo” e “La Pátria Libre”, neste último divulga seu poema “Abdala” que manifesta no frescor de seus dezesseis anos os ímpetus de uma identidade que dará forma e conteúdo ao longo de sua vida e Obra. Em trecho do longo poema Martí declara:

Que hay algo más sublime que la patria?  
 ¿Y aunque sublime fuera, acaso debes, por ella abandonarme?  
 A la batalla? Así correr veloz?  
 Así olvidarte De la que el ser te dio?  
 ¿Y eso lo manda La patria?  
 Di! ¿Tampoco te conmueven La sangre ni la muerte que te aguardan?

Quien a su patria defender ansía  
 Ni en sangre ni en obstáculos repara!  
 Del tirano desprecia la soberbia;  
 En su pecho se estrella la amenaza;  
 Y si el cielo bastara a su deseo  
 Al mismo cielo con valor llegara!¿No te quedas por fin? ¿Y me abandonas?

Em que pese a fecunda e determinada verve revolucionária já no alvorecer de sua vida, sua efetiva participação nos eventos que marcarão de forma indelével a história de Cuba se dará apenas após o “Batismo de Sangue”, que se desenrola após seu exílio na Espanha e sua formação acadêmica na Península. Logo após seu período acadêmico onde se forma bacharel em Direito, Filosofia e Letras seu percurso de exilado e intelectual se cruza na formação de seu caráter e de sua extensa obra. É neste sentido que buscaremos entender o papel de Martí na formação de uma identidade em Cuba que reverberará em toda ilha junto a luta independentista o conceito de cubanidade.

Antes de nos atermos à análise deste fenômeno, a identidade nacional em Cuba, sob a ótica da obra martiana, se faz necessário esboçarmos nosso referencial teórico sobre o papel do intelectual em processos de construções ideológicas que têm como objetivo embasar determinados movimentos, neste caso o papel do nacionalismo no processo de independência de Cuba. O conceito de ideologia foi ao longo do tempo objeto de debates polêmicos e acalorados. Terry Eagleton em livro que busca apresentar a complexidade do termo enumera diversos significados dele. Mescla desde os mais tradicionais críticos do conceito, como a tradicional concepção marxiana do termo, até visões que buscam ampliar o conceito no objetivo de entendê-lo e adaptá-lo às demandas históricas, políticas e sócio-culturais. Contudo enfatiza que tanto a visão mais restrita do termo quanto a mais ampla devem devidamente ser condicionadas à clareza de sua utilidade.<sup>96</sup>

Desde seus mais pujantes discursos juvenis como o emblemático “El presidio político en Cuba”, de 1871, logo após seu desembarque na Espanha e onde denuncia as atrocidades cometidas pelas autoridades espanholas àqueles que se lançam a busca da liberdade, há em suas

---

<sup>96</sup>EAGLETON, Terry. *Ideologia: Uma introdução*. Tradução: Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997. Esta obra nos pareceu a mais apropriada para nossos fins. Em que pese a complexidade da discussão teórica sobre o tema da ideologia receávamos aprofundar por demais a teoria em detrimento da análise de sua prática na obra martiana. Com isso, as elucubrações do autor nos colocaram em contato não apenas com os conceitos propriamente ditos de Marx a Lênin, de Gramsci a Foucault, entre outros, mas com a oportunidade de a partir de suas reflexões adequar estes preciosos conceitos à formação de Martí enquanto intelectual e político revolucionário, assim como a instrumentalização de suas idéias na formação do incisivo nacionalismo em Cuba.

letras uma expressiva vontade e um enigmático desejo de integrar a busca pela liberdade com uma incipiente e necessária cubanidade. Neste texto Martí destaca:

El pueblo es ignorante, y está dormido. “El que llega primero a su puerta, canta hermosos versos y lo enardece. “Y el pueblo enardecido clama. “Cantemos, pues. “Nuestros brazos se cansan, nuestras fuerzas se extinguen. Allá ha!- brazos nuevos, allá hay fuerzas nuevas. Vamos, vamos allá.<sup>97</sup>

Assim será marcada a trajetória intelectual de Martí de sua primeira etapa de um exílio forçado junto a necessária formação acadêmica até seu longo trabalho, também no exílio, na organização, mobilização e liderança do movimento independentista a partir de 1880. Cabe ressaltar que boa parte desta extensa obra, agora reunida em mais de duas dezenas de volumes foi publicada em revistas e periódicos que se expandiram na América na carona do *boom* do capitalismo editorial. Textos seminais no que tange as suas ideias sobre as particularidades de “Nuestra América” e o caráter da identidade do povo cubano foram amplamente divulgados em prestigiosos meios de comunicação da época como revistas literárias, periódicos científicos e jornais de grande circulação na Argentina, na Venezuela e nos Estados Unidos.

Podemos também aludir a fecunda e esclarecedora relação entre intelectuais, ideologia e modernidade em nossa análise sobre o papel do pensamento de Martí na forja de uma identidade latinoamericana e de uma cubanidade que se estabelecem como amálgama em uma sociedade tão diversamente construída como a da América Latina. Entre os diversos impactos da modernidade nas colônias espanholas na América está o estabelecimento das cidades como epicentros de poder político e de efervescência cultural. Diferentemente da colônia portuguesa na América, onde os centros urbanos foram em boa parte da colonização secundados pela grande concentração política e econômica no interior, nas colônias espanholas era comum a criação e o fortalecimento das cidades como instrumentalização da própria administração colonial. Universidades foram criadas na América espanhola logo após a conquista como a Universidade de Lima no Vice Reinado do Perú ainda no século XVI. Esta característica foi fundamental para a expansão, no século XIX, da rodução cultural e intelectual. Ángel Rama, em sua obra *A cidade das Letras*, nos leva a uma prazerosa reflexão sobre esta característica tão acentuada das cidades, no

---

97

El Presídio Político en Cuba. IN: MARTÍ, José. Obras completas. Vol. 01:. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. p.47

Velho e no Novo Mundo no século XIX. Intelectuais de calibre inquestionável desenvolvem sua erudição em espaços criados para reflexão política, científica e, por que não, ideológica, no intuito de reforçarem o aparato administrativo dos governos ali estabelecidos. E neste ambiente de fecunda formação surge, para usar a concepção de Gramsci, o “intelectual tradicional”, mas também se lançam as bases do “intelectual orgânico”, que melhor caracteriza José Martí. Contrariando a concepção de intelectual de um marxismo vulgar, como todo pensador a serviço da ordem estabelecida, Martí se aproxima da concepção de Gramsci e ao refletir e problematizar sobre o serviço que deve prestar a intelectualidade ao Estado, o faz como severa crítica a esta mesma ordem. A “Cidade das Letras” que se opõe, que se manifesta e que se rebela.

Adquirida consciência crítica do período lhe impôs uma tarefa de justificação bem árdua. Não bastava servir ao poder com sua coroa letrada, já que a consciência crítica havia engendrado o pensamento opositor, e portanto, sob o risco de desaparecerem como intelectuais, deviam proporcionar o discurso fundamentado de sua intervenção mais do que para os poderosos que os rodeavam, para os opositores que os atacavam.<sup>98</sup>

Em os *Os Intelectuais e o poder*, Bobbio, ao falar sobre a autonomia relativa da cultura, estabelece que uma das tarefas do intelectual é “agitar idéias, levantar problemas, elaborar programas” e a tarefa do político é tomar decisões<sup>99</sup>. Podemos dizer que boa parte de seu trabalho na formação de uma identidade latinoamericana e uma cubanidade que deu fôlego à luta tanto anticolonialista contra a Espanha, quanto à denúncia do imperialismo norteamericano foi justamente a capacidade de fundir o homem de idéias ao homem de ação. Assim, Martí com toda a formação acadêmica e erudita adquirida junto à vivência, desde muito cedo, das contradições da exploração colonial espanhola e sagaz percepção de um horizonte desolador para os povos de “Nossa América” com o incipiente imperialismo da “Outra América”, edifica ao longo de sua trajetória política e intelectual, de exilado e, ao mesmo tempo, liderança revolucionária, toda uma base ideológica, não no sentido epistemológico mas no sentido político, para a forja de uma identidade tão abrangente para o continente como a idéia de “Nuestra América”, quanto para a forja da identidade cubana no processo independentista.

<sup>98</sup>RAMA, Ángel. *A Cidade das Letras*. Tradução Emir Sader. – 1ª Ed. – São Paulo: Boitempo, 2015. P.102.

<sup>99</sup>

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*: dúvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira – São Paulo :Editora da Universidade Estadual Paulista,1997. p.82..

Poderíamos elencar aqui diversos momentos em que sua pena se dedica a tal construção. As centenas de textos, cartas, poesias e manifestos que compunham este arsenal teórico de “nuestra identidad”, a dos povos de latinoamérica, dava, inclusive, continuidade a obra de Bolívar, que por seu caráter excludente, malogrou. Contudo, na impossibilidade de tão vasto inventário nos concentraremos nos mais conhecidos e expressivos textos.

Em texto escrito em 1881, intitulado: “O caráter da Revista Venezuelana” Martí nos dá uma pequena demonstração de sua retórica pujante e veemente acerca da necessidade de se construir as bases de um nacionalismo e de um continentalismo integrados e imbricados nos mesmos sofrimentos e nos mesmos desafios.

Quien dice Venezuela, dice América: que los mismos males sufren, y de los mismos frutos se abastecen, y los mismos propósitos alientan el que en las márgenes del Bravo codea en tierra de México al Apache indómito, y el que en tierras del Plata vivifica sus fecundas simientes con el agua agitada del Arauco. Como balcón por donde asome a mundo feraz el mundo antiguo, y porque es elemento útil de vida, estará el movimiento universal representado por el extracto sucinto y provechoso de los grandes libros que en toda parte del mundo se publiquen. Y como dan medida justa de este sano pueblo el sentimiento ingenuo, el dolor casto y la pasión caballeresca de sus poetas, con rimas cuyas irán siempre esmaltadas estas páginas humildes, soberbias sólo en el vigor con que han de defender la obra que intentan. Más vale estar en ocio que emplearse en lo mezquino. Y callar, que no hablar verdad. Pero enfrente a la faena, es deber el trabajo, prueba la injusticia y el silencio culpa. Determinado así nuestro propósito, excusado es decir lo que está fuera de él, o cabe en él.<sup>100</sup>

Ao longo de sua trajetória, principalmente a partir do final da década de 1870, no contexto da tentativa de uma nova guerra contra a Espanha liderada por facções insatisfeitas com o vergonhoso Pacto de Zanjón, as quais Martí ensaia um velado apoio, mergulha de corpo e alma em sua missão de organizar e fomentar uma efetiva luta contra a Espanha. Neste contexto são escritos seus textos, a partir do exílio em diversos países da América Latina nos quais a vivência e a experiência assim como a aguçada percepção de observador político forneceram o combustível necessário para sua incansável labuta ideológica de construir mecanismos e ferramentas de percepção da realidade social por aqueles que viviam em Cuba e na América, numa situação de calamitosa subordinação.

---

<sup>100</sup>EL CARACTER DE LA REVISTA VENEZOLANA. In: MARTÍ, José. Obras completas. Vol. 07:.. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. pp.210-211.

Os desafios para a união e integração de povos, classes e frções de classe com interesses tão divergentes foram fundamentais para que em Cuba surgisse a possibilidade de uma verdadeira e eficiente luta independentista, que pudesse inclusive corrigir os letais erros do passado, e na América a de plantar talvez as sementes de um continentalismo que fortalecesse a resistência ao imperialismo norteamericano, que segundo Martí era a segunda fase da emancipação de Cuba e da verdadeira independência de “Nuestra América”.

Martí tinha plena consciência da variada formação social na ilha. Às elites agrárias e comerciais somava-se uma grande quantidade de homens brancos pobres, negros livres e escravos que davam à Cuba uma tonalidade diversa. Sabia do impacto ideológico do haitianismo na ilha e do pavor das elites proprietárias da dominação negra na ilha. Seus esforços na construção de uma identidade muitas vezes se deparava ao mesmo tempo com a tarefa de construir mecanismos de unidade e integração entre interesses classistas tão diferentes e desconstruir, já naquela época e contexto tão marcado pelo darwinismo social, a falácia comprometedora do racismo. Sabia da necessidade do reconhecimento do negro na sociedade cubana e também de um acerto de contas que só poderia solucionar-se com a abolição da escravatura e da construção de pontes para uma unidade social tão fraturada por séculos de escravidão. Em texto intitulado “Mi raza”, expõe a confusão inerente ao termoem um momento onde não estava superada cientificamente esta questão. Mesmo assim, com maestria e determinação, em um esboço de convictas considerações, desmonta o argumento de raça como obstáculo à necessária coesão social entre cubanos. Faz inclusive referência à Constituição de Guáimaro formulada na Guerra de Céspedes para enfatizar que :

En Cuba no hay temor alguno a la guerra de razas. Hombre es más que blanco, más que mulato, más que negro. Cubano es más que blanco, más que mulato, más que negro. En los campos de batalla, muriendo por Cuba, han subido juntas por los aires las almas de los blancos y de los negros. En la vida diaria de defensa, de lealtad, de hermandad, de astucia, al lado de cada blanco, hubo siempre un negro. Los negros, como los blancos, se dividen por sus caracteres, tímidos o valerosos, abnegados o egoístas, en los partidos diversos en que se agrupan los hombres. Los partidos políticos son agregados de preocupaciones, de aspiraciones, de intereses y de caracteres. Lo semejante esencial se busca y halla, por sobre las diferencias de detalle; y lo fundamental de los caracteres análogos se funde en los partidos, aunque en lo incidental, o en lo postergable al móvil común, difieran. Pero en suma, la semejanza de los caracteres, superior como factor de unión a las relaciones internas de un color de hombres graduado, y en sus grados a veces opuesto, decide e impera en la formación de los partidos. La afinidad de los caracteres es más poderosa entre los hombres que la afinidad del color. Los negros, distribuidos en las especialidades diversas u hostiles del espíritu humano, jamás se podrán ligar, ni desearán ligarse, contra el blanco, distribuido en las mismas especialidades. Los negros están

demasiado cansados de la esclavitud para entrar voluntariamente en la esclavitud del color. Los hombres de pompa e interés se irán de un lado, blancos o negros; y los hombres generosos y desinteresados, se irán de otro. Los hombres verdaderos, negros o blancos, se tratarán con lealtad y ternura, por el gusto del mérito, y el orgullo de todo lo que honre la tierra en que nacimos, negro o blanco. La palabra racista caerá de los labios de los negros que la usan hoy de buena fe, cuando entiendan que ella es el único argumento de apariencia válida, y de validez en hombres sinceros y asustadizos, para negar al negro la plenitud de sus derechos de hombre. De racistas serian igualmente culpables: el racista blanco y el racista negro. Muchos blancos se han olvidado ya de su color; y muchos negros. Juntos trabajan. blancos y negros, por el cultivo de la mente? por la propagación de la virtud, por el triunfo del trabajo creador y de la caridad sublime. En Cuba no habrá nunca guerras de razas. La República no se puede volver atrás; y la República, desde el día único de redención del negro en Cuba, desde la primera constitución de la independencia el 10 de abril en Guaimaro, no habló nunca de blancos ni de negros. Los derechos publicos, concedidos ya de pura astucia por el gobierno español e iniciados en las costumbres antes de la independencia de la isla, no podrán ya ser negados, ni por el español que los mantendrá mientras aliente en Cuba, para seguir dividiendo al cubano negro del cubano blanco, ni por la independencia, que no podría negar en la libertad los derechos que el español reconoció en la servidumbre. Y en lo demás, cada cual será libre en lo sagrado de la casa. El mérito, la prueba patente y continua de cultura, y el comercio inexorable recabarán de unir a los hombres. En Cuba hay mucha grandeza, en negros y blancos<sup>101</sup>.

Foi necessário a longa citação pois a inteireza da ideia e a efetiva compreensão e relação com o que acima foi apresentado só poderia ser captado por esta longa parte do texto. Os trabalhos de Martí, no que concerne à imperiosa necessidade de desnaturalizar os muros que separavam a sociedade cubana foram marcantes nesta etapa de lançamento das bases do programa revolucionário que formalizará quando da formação do Partido Revolucionário Cubano (PRC), arcabouço político do movimento.

Em texto escrito para o pronunciamento de um discurso no sarau artístico e literário da Sociedad Literaria-Hispanoamericana, em 19 de dezembro de 1889, em tom ricamente literário Martí faz um inventário de grandes personagens e eventos históricos que marcaram a América Latina e a Anglo-Saxônica. Como Ariel de Rodó, busca numa apresentação tão poética quanto provocativa a sempre desconfiada da relação entre o norte e o sul do Rio Bravo, enfatiza as qualidades do povo do norte, mas sempre denunciando uma suposta rudeza e arrogância no trato com seus “irmãos” do sul. Faremos mais adiante uma análise mais detalhada desta visão de Martí nas relações entre a América Anglo-Saxônica e a América Latina. O que agora queremos enfatizar é que neste mesmo texto Martí enfatiza o passado glorioso de uma América indígena

---

<sup>101</sup>: MARTÍ, José. *Obras completas*. Vol. 07: Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. pp.210-211.

que legou a seus conquistadores uma cultura e uma civilização invejáveis. Destaca a bravura do crioulo em sua colonização ao longo do território americano e a importância da percepção da diversidade como fator intransigente de nossa unidade. Povos mesclados e condicionados por fatores geográficos e climáticos na longa extensão do continente, têm no seu expressivo hibridismo a pérola de sua originalidade. Como se nascêssemos de um mesmo ventre, mas fecundados por diversos varões. O espanhol, o português, o arborígene e o africano configurando a mais bela e promissora civilização. Cita diversos personagens políticos e religiosos que ajudaram a fundar na América Latina e os heróis de sua independência desenhada numa constelação literariamente engendrada. Texto poético, “Mãe América” nos dá a imensa dimensão da capacidade criadora de Martí. Com esmero de um artista, esboça a magnitude de uma história ainda a ser escrita, de uma sociedade ainda em vias de formação e de uma civilização ímpar que corroborará a fantástica imersão no diverso e na “dialética do espelho”, de Hegel, o entendimento de sua formação face a sua antítese, o “metálico e vil Norte”.

Alude com maestria e sem culpa a contribuição daqueles que desejaram que fôssemos eternos servos, mas com sangue de senhores. A incomensurável contribuição arquitetônica, que também destruiu todos os templos e majestosos palácios de nossos ancestrais, sem resignação e como um legítimo liberal tributário do progresso, resigna-se com o brio daqueles que nas letras desejam fazer entender o fabuloso. Neste texto, Martí nos oferece uma obra prima da narrativa, com todos os elementos necessários ao também imprescindível discurso catalisador no qual se coloca como porta voz. Instrumentaliza como poucos a história em concepções quase filosóficas, psicológicas talvez para alguns. Novamente como Rodó, associa nossas glórias aos gloriosos mitos da antiguidade clássica fornecendo o húmus necessário à forja de uma legítima e original identidade, a da Latinoamérica.<sup>102</sup>

Sabemos que o escopo deste trabalho não conseguirá contemplar talvez uma pequena parte da contribuição da obra martiana na formação de uma identidade latinoamericana em geral e da identidade cubana em particular. Contudo, podemos a partir de nossas conclusões fomentar ainda mais estudos sobre tão importante intelectual do século XIX. O trabalho de Martí enquanto intelectual, jornalista, escritor e liderança política se confunde com sua breve e polêmica vida.

---

<sup>102</sup>“Madre América” MARTÍ, José. *Obras completas*. Vol. 06:. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. pp.136-140.

Sua trajetória desde a infância em Cuba é um verdadeiro esboço da própria História de Cuba no século XIX. Todas as clássicas concepções de intelectual talvez não deem conta da importância de seu legado para a história. Suas ideias demandam a necessidade de reformular conceitos como o de ideologia, de nacionalismo e até mesmo de liberalismo. Formado na mais legítima tradição liberal, seus textos denunciam arestas desta forma de pensamento que podem ser refutadas ou confirmadas, mas não negligenciadas. Sua vivência em alguns países na América Latina, como a Venezuela, o México e a Guatemala nos mostram a validade de suas observações e críticas aos modelos liberais ali consolidados nos governos pós independência tutelados por caudilhos que ferozmente atropelavam princípios liberais e republicanos, o que Martí denunciou e pagou um alto preço por estas posições. Críticas que também contribuíram para consolidar suas posições ante os desafios domésticos em que se encontraria com a possível independência de Cuba.

Em carta a Manuel Mercado expressa a preocupação com o por vezes perdido e indefeso povo da Guatemala. Percebemos nesta carta o anseio e o receio que o exílio lhe provocava. Muitas vezes percebia que o apoio que parecia receber nestes países eram frágeis mediante ao que chamaríamos hoje de política real. Fazia questão de relativizar suas críticas para não parecer ao povo soberbo nem aos governos presunçoso em suas críticas.

Aquí, como en México, todo el mundo tiene talento; se habla bien el castellano; se vive honradamente, a lo que ayuda la vigilancia mutua, estorbo y ventaja de los pequeños pueblos; se ama al fin lo nuevo, y onde entre los hombres jóvenes el salvador espíritu de examen. No es que Guatemala sea pequeña, ni escasas sus gentes: es que es un pueblo que se ha movido poco, y como sus elementos han sido permanentes, aún le duran y con facilidad son conocidos. Sin círculo literario, sin hábito de altas cosas,-aunque con aliento y anhelo para todas,-sin prensa, sin grandes motivos naturales,-mis soberbias tienen que ser muy prudentes para no parecer aquí presunciones. A más, que muy de veras creo que muchos hombres, en todas partes, valen lo que yo. De manera que mi fuego íntimo es contenido por mis urbanidades y por mis temores. Estas precauciones no han bastado para evitar que mi nombre ande ya en boca de las gentes, a quienes en modo alguno me he exhibido, loado por algunos, y hasta loado vivamente, repetido con curiosidad por los más, y-no quisiera yo mismo saberlo-tal vez tenido como obstáculo por unos pocos.<sup>103</sup>

Podemos afirmar que os desdobramentos da construção de uma identidade latinoamericana a partir da obra martiana pode ser percebida em toda a extensão da América

<sup>103</sup> Carta a Manuel Mercado. Guatemala, 19 de abril de 1877. IN: MARTÍ, José. *Obras completas*. Vol. 20:.. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. pp.27-28.

Latina, incluindo o Brasil, por diversos intelectuais que se debruçaram em tão emblemático tema. Martí influenciou uma gama de pensadores, poetas e escritores que também colaboraram para o desenvolvimento de um pensamento original que pudesse ao menos nos fornecer instrumental teórico necessário para entender o desenrolar da história dos países latinoamericanos nas relações com os Estados Unidos e também com a Europa no contexto imperialista. Sem sombra de dúvidas sua estadia em diversos países como exilado fez com que convivesse com importantes personagens que o ajudaram a formular suas idéias acerca de uma identidade continental. Suas experiências como correspondente, representante comercial e corporativo, assim como seu papel como cônsul de alguns países latinoamericanos nos Estados Unidos lhe deram a matéria prima para suas especulações acerca da realidade política em que estes países viviam e também aquilo que em uma Cuba independente deveria evitar ou reproduzir. No México enfrentou o conservadorismo do governo de Porfírio Díaz, na Guatemala e na Venezuela, também por conta de incompatibilidades políticas, teve que se retirar tornando seu exílio ainda mais exaustivo e complexo. A insistente instabilidade provocada por sua desenvoltura crítica lhe custou uma necessária calma para robustecer suas reflexões. Contudo sua verve rebelde lhe impedia de se resignar, mesmo quando as circunstâncias exigiam.

Pedro Pablo Rodríguez, em seu livro sobre as concepções de Martí sobre as “Duas Américas”, faz uma cuidadosa análise, misturando biografia e Ciência Política, da trajetória de Martí. Desde seu nascimento até seus últimos dias de vida, o autor esboça e dissecar os principais conceitos na obra martiana em suas reflexões. No que tange ao que até aqui expomos, a forja de uma identidade latinoamericana, misturada à construção de uma cubanidade inerente ao processos de construção de Cuba, o autor nos remete a algumas importantes considerações. A partir de um texto chamado “Códigos Novos”, Rodríguez nos apresenta o conceito de autoctonia continental que sedimentaria a obra martiana como um todo. Segundo ele:

A definição martiana de autoctonia continental ganhou fundamentação sociológica, histórica e cultural em um de seus textos da Guatemala. Na nação centro-americana publicou, em 1877, um artigo intitulado “Os Códigos Novos”, onde deixou plenamente esclarecido um conceito de identidade verdadeiramente revolucionário para seu tempo. (...) A importância dessa análise ultrapassa em muito seu tempo; haveria que esperar até que o século XX estivesse bem adiantado para que se tornasse natural essa noção de que nossos povos são resultado da fusão – antagônica e por isso contraditória – de duas civilizações: uma conquistadora e dominante, outra conquistada e dominada.<sup>104</sup>

<sup>104</sup>RODRÍGUEZ, Pedro Paulo. *Martí e as duas Américas*; tradução de Ana Corbisier- 1ª- São Paulo:Expressão Popular, 2006. p. 41. Neste livro o autor nos dá cronologicamente informações e reflexões importantes da trajetória

Esta percepção de um autoctonismo continental alicerça toda a gama de edificações conceituais presentes em seus textos e que manifestam suas principais idéias. Discordo do autor apenas na afirmação de que suas idéias nos levam inevitavelmente à equação civilização conquistadora versus civilização conquistada. Acreditamos que suas inferências sobre a histórica relação da Europa com a América são por demais dialéticas para se resumir em uma simples dicotomia, ou antagonismo. Até mesmo a pujante diferença na correlação de forças à época da conquista, ocupação e exploração coloniais forjou também mecanismos que no futuro se traduziram em expressivas formas de resistência. A própria escravidão inserida na exploração colonial é expressiva neste sentido. Assim como o impacto dos caminhos e descaminhos percorridos pelas potências européias na transitória era Moderna nas relações entre colônia e metrópole e entre as elites coloniais e metropolitanas que também vão configurando o rompimento das relações coloniais, a crise do Sistema Colonial e a independência dos países na América Latina.

Destarte a extensa obra de Martí se apresenta como imprescindível na análise de quaisquer identidades forjadas em “Nuestra América”. A robustez de suas idéias, em que pese os limites do contexto onde foram criadas ultrapassaram o seu tempo e hoje contribuem ou deveriam contribuir para o alargamento do conceito de nacionalismo no Novo Mundo. Contudo, um outro importante elemento cimentado em seu pensamento carece de uma específica apreciação, a saber, a análise de Martí sobre a “Outra América”, a do Norte do Rio Bravo que, segundo o próprio Martí é a antítese do que deveríamos ser enquanto civilização. É sobre este tema que nos dedicaremos agora.

### **3.4- “Um povo metalizado”: a “Outra América” e as advertências de Martí acerca do perigo do “Vizinho do Norte”.**

Uma das mais importantes características que deram ao processo de construção do nacionalismo em Cuba e que imprimiram a este movimento algo singular em relação ao

---

de Martí que facilitam o emaranhado de vivências provocado pelo constante exílio. Nos esclarece também vários episódios que em suas biografias, dada a natureza do gênero, não ficaram bem colocadas.

desenvolvimento do fenômeno nos casos europeus foi sem dúvida um também peculiar tipo de anti-imperialismo forjado ao longo do complexo e extenso movimento independentista da ilha. Já aludimos aqui, em outras ocasiões, que a despeito dos movimentos de independência da América Espanhola no continente e da Portuguesa no Brasil, o processo cubano sedá em uma espécie de encruzilhada, no auge de um processo de transição a nível global que traz em si toda uma nova conjuntura sem mesmo superar a antiga na qual estava inserida Cuba como colônia de uma metrópole do Antigo Regime. Sistemas e formas de governo arcaicas sendo substituídas por novas formas de caráter liberal, sejam repúblicas ou monarquias constitucionais são a marca mais expressiva do ponto de vista político deste contexto.

Além deste importante fator político, Cuba, ainda colônia, também se encontrava entre dois modelos de exploração colonial que dialeticamente se contrapunham, a saber, o colonialismo moderno expressado na sua condição de colônia da Espanha e o imperialismo que no horizonte se alinhava à espreita da consolidação da crise do Antigo Sistema Colonial. Os “ensaios” apresentados na primeira metade do século XIX, incipientes e tímidos movimentos políticos de contestação da antiga ordem colonial, rebeliões escravas e até mesmo tentativas de anexação do território cubano deram forma às correntes políticas organizadas e diversificadas que disputavam o destino da ilha na iminência de um definitivo e inevitável rompimento com a Espanha. Reformistas, anexionistas e independentistas amalgamaram as forças políticas de Cuba, expressando por vezes de forma confusa e complexa interesses deveras divergentes.

Na segunda metade do século XIX, quando a Guerra dos Dez anos inaugura o cenário de conflitos armados que serão uma constante no resto deste centúria, desnuda de vez e de forma efetiva a natural contradição de um processo de transição como este, que foi o palco cronológico das lutas independentistas em Cuba. De um lado, a anacrônica luta de independência ante a um também anacrônico sistema colonial espanhol, e de outro lado a percepção dos interesses imperialistas de uma nova potência sedenta por territórios e áreas de dominação, a recém consolidada potência capitalista, os Estados Unidos da América.

Este longo processo que durou especificamente de 1868, data que marcou o início da Guerra dos Dez Anos, até 1898, quando Cuba, tutelada pelos Estados Unidos torna-se independente do jugo espanhol, teve três fases distintas. Uma primeira fase, a da Guerra dos Dez Anos marcada ainda pela falta de clareza nos objetivos daqueles que se envolveram no conflito, uma confusão entre parte da elite crioula, que apoiou o movimento. Elite esta concentrada na

região oriental da ilha e que agregava médios e pequenos proprietários de terra, em sua maioria, e que não gozavam dos mesmos privilégios dos grandes proprietários e comerciantes da região ocidental da ilha e dos principais centros urbanos. Neste sentido, o oportunismo pendeu tanto para um hipotético reformismo que daria caráter mais autônomo à ilha ante a metrópole espanhola, quanto para um incipiente e também hipotético anexionismo, ainda sem força, dado o contexto histórico que os Estados Unidos vivenciavam naquele momento, a saber, o fim da Guerra Civil que tanto custou a nação norteamericana como um todo. Assim, apesar da coragem, audácia e determinação dos mambises<sup>105</sup>, o Pacto de Zanjón selou o fim do conflito perante promessas de reformismo que não foram cumpridas pela Espanha. Neste contexto, o anexionismo, corrente que defendia a anexação de Cuba aos Estados Unidos como a mais eficiente forma de lograr a independência, não teve grande influência a não ser como forma de pressionar alguns poucos reformistas que rechaçavam esta opção a fortalecer o coro daqueles que desejavam o fim do conflito e de alguns independentistas que, ante o alto preço da manutenção de suas convicções separatistas, optaram também pelo fatídico acordo selado pelo Pacto de Zanjón, armistício que mantinha Cuba como colônia espanhola ainda por um tempo.

Após este período e a percepção da sociedade cubana da falácia das promessas reformistas da metrópole, a década de 1880 foi ligeiramente marcada pelo esboço de um novo conflito armado liderado por aqueles líderes militares da guerra anterior que não compactuaram com o Pacto de Zanjón. Máximo Gómez, Antonio Maceo e outros oficiais do exército rebelde resolveram empunhar armas novamente contra a metrópole. Sem a devida organização logística e mobilização, o movimento foi curto e praticamente natimorto. Este pequeno período foi chamado de “Guerra Chiquita” ou, Guerra Pequena.

É neste momento que entra em cena substancialmente José Martí. Preso, julgado e condenado à prisão e depois ao exílio ainda adolescente pelo envolvimento indireto na Guerra dos Dez Anos, Martí passa quase todo o resto de sua vida migrando de país a país como exilado e ao mesmo tempo amadurecendo suas convicções acerca da independência de Cuba e também de uma nova e, desta vez, eficiente guerra de libertação da ilha do domínio espanhol. Já abordamos aqui, em capítulo anterior, toda a trajetória deste intelectual que foi o grande mentor da Guerra de 1895, conhecida como a Guerra Independentista de Cuba. Após seus primeiros anos no exílio na

---

<sup>105</sup> Assim eram chamados os soldados do exército rebelde liderado por Carlos Manuel de Céspedes e que, embora originado como um termo pejorativo, acabou tornando-se adjetivo que outorgava a bravura daqueles que lutaram pela independência em Cuba ao longo da segunda metade do século.

Espanha, onde obteve sua formação acadêmica, Martí torna-se um andarilho das Américas, se estabelecendo e vivenciando nestes recém independentes países sua formação enquanto Estados nacionais e formulando suas idéias que seriam o alimento e combustível do conflito que se iniciaria em 1895, pacientemente planejado e, com dedicação que valeu uma vida, organizado bem antes de sua eclosão.

Toda esta longa exposição tem como objetivo contextualizar a construção de uma das mais importantes contribuições de Martí ao movimento independentista em Cuba, um anti-imperialismo arraigado que se orina da percepção de Martí acerca do perigo representado pelas manifestas ambições norteamericanas na região. Emílio Roig de Leuchsenring em obra intitulada; *Martí, antimperialista* afirma categoricamente o significado desta construção quando diz:

Cuba necesitaba forzosamente independizarse de España. Pero, también, para poder ser realmente libre, democrática, culta, próspera y feliz, le era imprescindible libertarse de los Estados Unidos, de la dominación económica, y por consecuencia política, que sobre la futura República amenazaban establecer los intereses yanquis, pues sabía perfectamente Martí que al desatar la continuación de la guerra independentista iniciada en La Demajagua el 10 de octubre de 1868, solo podría arrancar a la vieja e decadente metrópoli española lo que restaba de su poder sobre Cuba – la dominación política- , ya que, después de la tregua del Zanjón, se había ido produciendo un hecho de tan extraordinaria significación y trascendencia cual era el desplazamiento de España por los Estados Unidos como metrópoli comercial de Cuba, debido non sólo a las circunstancias fatales de nuestra vecinidad al territorio de la Unión y la riqueza de nuestro pueblo, así como al expansionismo económico de norte-américa, ya en marcha en aquellos tiempos, y a los propósitos de poseer la isla, manifestados desde 1805 por lo Estado norteamericano, a través de todos sus gobiernos, sino, también, a los errores y torpezas de los gobernantes españoles. Por estas diversas causas señaladas, el mercado de España había ido poco a poco desapareciendo para Cuba, de igual modo que los de otras naciones europeas, sustituidos, casi totalmente, por el de los Estados Unidos, que había quedado como el único de la isla.<sup>106</sup>

A preocupação de Martí era criar mecanismos que condicionassem a luta pela independência do domínio espanhol. Estes mecanismos consistiam em uma efetiva análise dos erros cometidos na contenda anterior, dos conflitos entre as lideranças políticas e militares que comprometeram a eficácia da luta armada e da necessidade da união entre os diversos grupos sociais que compunham a sociedade cubana, e foram acompanhadas de uma profícua crítica ao imperialismo norteamericano que, segundo ele, impediria uma total independência da ilha. Nesse viés as idéias anti-imperialistas de Martí e que deram embasamento às suas conclusões acerca do

---

<sup>106</sup> LEUCHSENRING. Emilio Roig. *Martí, antimperialista*. Segunda Edición (notablemente aumentada). Ministerio de Relaciones Exteriores. Año de La Educación; La Habana, 1961. pp.09-10.de Relaciones Exteriores. Año de La Educación; La Habana, 1961. pp.09-10.

“perigo ao norte do rio Bravo” foram lentamente construídas ao longo de sua formação enquanto intelectual engajado politicamente na sua luta contra o domínio espanhol e na sua condição de exilado nos diversos países da América Latina nos quais se estabeleceu e em seu longo exílio nos Estados Unidos.

Esta afirmação é oriunda de nossa reflexão acerca dos mais variados textos produzidos por Martí ao longo de seu exílio que tinha como alvo severas críticas de diversos matizes ao desenvolvimento da própria sociedade americana. Suas conclusões acerca dos equívocos na formação do caráter do vizinho do norte ultrapassaram o escopo do político. Análises de cunho econômico, cultural e ideológico também compunham o arsenal crítico direcionado à potência imperialista por Martí. Seu indubitável liberalismo não o impediu também de fazer severas críticas à adaptação deste modelo nas recentes repúblicas fundadas em “Nossa América”. Como foram as severas críticas ao governo ditatorial no México, na Guatemala e na Venezuela que lhe renderam desconfortáveis consequências, e na maioria das vezes o obrigaram a sair destes países e a abandonar as atividades profissionais e intelectuais que neles desenvolvia. Diversas foram os momentos em que interagir com outros tantos intelectuais nas diversas cidades em que viveu o ajudaram a compor sua crítica ao ideário liberal que embasava suas elucubrações. Também em outros momentos enfatizamos esta trajetória eivada por suas experiências em outros países. Nos dedicaremos aqui à influência de sua vivência nos Estados Unidos como exilado na forja de seu peculiar anti-imperialismo, que incidirá sobre os acontecimentos na ilha e na própria organização do movimento independentista em sua gestão.

Após idas e vindas em diversos países na América Latina e na Europa, em 1880, Martí se estabelece definitivamente em Nova York, iniciando efetivamente seus trabalhos na organização do movimento que irá retomar a luta armada em Cuba tendo em vista sua independência da Espanha. Em 1892 funda o Partido Revolucionário Cubano a fim de institucionalizar o movimento e organizar mecanismos para recolher recursos para financiar a luta independentista em Cuba. Em suas obras reunidas em 26 volumes, cinco deles, do 09 ao 13, intitulados escenas norteamericanas, são dedicados a reunir variados textos escritos nos e sobre os Estados Unidos. Esta rica obra, reunida nesta coletânea, é de uma importância documental talvez ainda não percebida como realmente merece. Sua experiência e vivência em terras imperialistas lhe fizeram viver na carne as contradições na construção de uma sociedade que, sem perceber segundo Martí, se afastava dos valores e dos princípios que tanto defendia. Talvez a

orientação liberal de Martí tenha sido fortemente abalada ao longo desta vivência. Os movimentos sociais no mundo do trabalho foram por diversas vezes tema para sua aguçada pena. Fazia severas críticas às exploradoras relações de produção nas indústrias norteamericanas e sobre como as autoridades governamentais resolviam os problemas provocados por estas contradições. Em artigo como correspondente do *La Nación* critica o assassinato de operários italianos absolvidos da acusação de homicídio de policiais em Nova Orleães em uma greve arquitetada pelos trabalhadores. Critica a reação da população e das autoridades como criminalização dos movimentos operários que reivindicavam melhores salários e condições de vida.<sup>107</sup> Em outro artigo para o *La Nación* em novembro de 1887, condenando os excessos da polícia de Chicago contra os movimentos operários faz uma crítica à incapacidade da república em lidar com as suas próprias contradições. Neste texto afirma:

Amedrentada la república por el poder creciente de la casta llana, por el acuerdo súbito de las masas obreras, contenido sólo ante las rivalidades de sus jefes, por el deslinde próximo de la población nacional en las dos clases de privilegiados y descontentos que agitan las sociedades europeas, determinó valerse por un convenio tácito semejante a la complicidad, de un crimen nacido de sus propios delitos tanto como del fanatismo de los criminales, para aterrar con el ejemplo de ellos, no a la chusma adolorida que jamás podrá triunfar en un país de razón, sino a las tremendas capas nacientes. El horror natural del hombre libre al crimen, junto con el acerbo encono del irlandés despótico que mira a este país como suyo y al alemán y eslavo como su invasor, pusieron de parte de los privilegios, en este proceso que ha sido una batalla. Una batalla mal ganada e hipócrita, las simpatías y casi inhumana ayuda de los que padecen de los mismos males, el mismo desamparo, el mismo bestial trabajo, la misma desgarradora miseria cuyo, espectáculo constante encendió en los anarquistas de Chicago tal ansia de remediarlos que les embotó el juicio.<sup>108</sup>

Estes episódios marcam também suas reflexões acerca de sua percepção dos vícios daquela sociedade, que se quer virtuosa, e contribuem para uma aversão à influência e interferência dos Estados Unidos na formação de uma Cuba independente. Esta vivência entre os círculos operários nos Estados Unidos se dá também pela sua circulação nestes meios para

---

<sup>107</sup>

O assassinato dos italianos. IN: MARTÍ, José. *Obras completas*. Vol. 12.: Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. pp.439-499.

<sup>108</sup>A GUERRA SOCIAL EM CHICAGO. IN: MARTÍ, José. *Obras completas*. Vol. 11.: Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. p.334.

arrecadar fundos para a luta independentista em Cuba. Operários cubanos exilados nos Estados Unidos foram os mais dedicados e fiéis colaboradores e financiadores do movimento organizado por Martí. Seus poucos recursos não os impediam de contribuir para a grande causa cubana. Esta proximidade porém das agruras dos trabalhadores urbanos nos Estados Unidos e de sua organização política que lhe conferiu alguns artigos sobre o tema não fez de Martí um severo crítico social do capitalismo. Embora reconhecesse a importância do Socialismo Científico dos pensadores alemães Marx e Engels, não se enredou aos atrativos teóricos destes pensadores. Se aproximava dos valores éticos do pensamento marxiano, mas não compactuava com o viés violento da via revolucionária. Chega a escrever um artigo em homenagem a luta política de Marx na ocasião de sua morte. Como bem salientou Pedro Pablo Rodríguez:

Depois de expor estas considerações, e antes de descrever o ato de homenagem a Marx, em Nova York, expõe suas conhecidas opiniões sobre o líder da Primeira Internacional. Não é o caso agora de discutir até onde o cubano acertou na avaliação do pensador socialista; trata-se de entender como se articula sua apreciação do líder à sua perspectiva naquele momento sobre o problema social. Sua opinião sobre a pessoa é iminentemente ética: “como se pôs do lado dos fracos, merece honra”. A opinião sobre o dirigente revolucionário desqualifica seu método de luta que, para ele, incita à violência: o bem não consiste em indicar o dano e querer remediá-lo, mas indicar “remédio brando para o mal”.<sup>109</sup>

Contudo, talvez o que mais teria influenciado o antiimperialismo de Martí tenha sido sua extrema sensibilidade aos valores republicanos. Suas reservas e críticas a um liberalismo desconexo dos princípios democráticos e republicanos ampliou sua percepção deste modelo naquele país. Suas reflexões e críticas ao desrespeito as liberdades dos indivíduos e dos povos se reproduziram em diversos textos e artigos para jornais que reverberaram sua verve condenatória as más práticas de uma equivocada e falaciosa república. Em publicação para o *The Evening Post*, de Nova York, em março de 1889 escreveu;

No la necesitan. Admiran esta nación, la más grande de cuantas erigió jamás la libertad; pero desconfían de los elementos funestos que, como gusanos en la sangre, han comenzado en esta República portentosa su obra de destrucción. Han hecho de los héroes de este país sus propios héroes, y anhelan el éxito definitivo de la Unión Norteamericana, como la gloria mayor de la humanidad; pero no pueden creer honradamente

---

<sup>109</sup>RODRÍGUEZ, Pedro Paulo. Martí e as duas Américas; tradução de Ana Corbisier- 1ª- São Paulo:Expressão Popular, 2006. pp.285-286.

que el individualismo excesivo, la adoración de la riqueza, y el júbilo prolongado de una victoria terrible, estén preparando a los Estados Unidos para ser la nación típica de la libertad, donde no ha de haber opinión basada en el apetito inmoderado de poder, ni adquisición o triunfos contrarios a la bondad y a la justicia. Amamos a la patria de Lincoln, tanto como tememos a la patria de Cuttíng.<sup>110</sup>

Esta desconfianza aliada a uma condenação moral à postura dos Estados Unidos em relação a anexação de Cuba para atender as ambições imperialistas dos Estados Unidos se tornaram regra em seus escritos naquele país. Por diversas vezes denunciou as desmedidas ambições econômicas da nação do norte que, segundo ele, traía tudo aquilo que algum dia poderia representar os Estados Unidos para a defesa da autonomia e soberania dos povos da América. Acentuou por diversas vezes a incompletude da nação norteamericana no que tange ao completo estabelecimento dos princípios liberais e dos valores da moral republicana, tanto geograficamente, pois nem todas as regiões do país segundo ele gozavam de tão preciosos objetivos, quanto socialmente, pois sabia que existia um abismo classista nos Estados Unidos que manchava a pretensa igualdade da República. A partir destas ideias começa a realçar as diferenças entre a “Nuestra América” e a “Otra América”, com o fim de demonstrar aos povos da América Latina em geral, e ao povo cubano em particular, a necessidade de discernimento na luta pela construção da autonomia e soberania destes povos. Afirmava que conhecia bem os interesses dos Estados Unidos em Cuba e nos resto da latinoamérica. Em sua última carta a seu companheiro de luta Manuém Mercado recapitula suas impressões sobre os Estados Unidos tendo em vista o perigo iminente quando diz:

Mi hermano queridísimo: Ya puedo escribir, ya puedo decirle con qué ternura y agradecimiento y respeto lo quiero, y a esa casa que es mía y mi orgullo y obligación; ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país y por mi deber puesto que lo entiendo y tengo ánimos con que realizarlo-de impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más, sobre nuestras tierras de América. Cuanto hice hasta hoy, y haré, es a para eso. En silencio ha tenido que ser y como indirectamente porque hay cosas que para lograrlas han que andar ocultas y de proclamarse en lo que son, levantarían dificultades demasiado recias para alcanzar sobre ellas el fin. Las mismas obligaciones menores y públicas de los pueblos-como ése de Vd. y mio ,más vitalmente interesados en impedir que en Cuba se abra, por la anexión de los imperialistas de allá y los españoles, el camino que se ha de agar, y con nuestra sangre estamos cegando, de la anexión de los pueblos de nuestra América, al Norte revuelto y brutal que los desprecia , -les habrían impedido la adhesión ostensible y ayuda patente a este sacrificio, que se hace en bien

<sup>110</sup> “VINDICACIÓN DE CUBA” IN: MARTÍ, José. *Obras completas*. Vol. 01: Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. P.237.

inmediato y de ellos. Viví en el monstruo, y le conozco las entrañas y mi honda es la de David. Ahora mismo, pues días hace, al pie de la victoria con que los cubanos saludaron nuestra salida libre de las sierras en que anduvimos los seis hombres de la expedición catorce días, el corresponsal del Herald, que me sacó de la hamaca en mi rancho, me habla de la actividad anexionista, menos temible por la poca realidad de los aspirantes, de la especie curial, sin cintura ni creación, que por disfraz cómodo de su complacencia o sumisión a España, le pide sin fe la autonomía de Cuba, contenta solo de que haya un amo, yanqui o español, que les mantenga, o les cree, en premio de oficios de celestinos, la posición de prohombres, desdeñosos de la masa pujante, -la masa mestiza, hábil y conmovedora, del país,-la masa inteligente y creadora de blancos y de negros.<sup>111</sup>

Este manifesto repúdio nas suas impressões sobre os Estados Unidos acabaram contribuindo em grande escala para a diminuição da influência de anexionistas ainda não declarados em Cuba que lutaram ao lado dos independentistas. Em todo o seu labor em torno da organização do movimento em Cuba e nos Estados Unidos, Martí não poupou em nenhum momento o papel dos Estados Unidos, inclusive na sabotagem ao movimento em terras norte-americanas. Por diversas vezes mobilizações com o fim de arrecadar recursos para o movimento foram obstaculizadas pelo governo norte-americano a partir de denúncias de autoridades espanholas em Cuba e nos Estados Unidos. A vigilância norte-americana ao movimento nunca foi velada, embora o desenvolvimento desta organização dentro dos limites institucionais do país fosse respeitada ou tolerada. O fato é que Martí ao longo deste laborioso esforço tendo em vista a consolidação das condições necessárias para iniciar a guerra em Cuba foi também, muito mais que as primeiras impressões daquele país, moldando sua verve anti-imperialista com efetivo talento.

Ao longo do tempo foi formulando de forma lapidar suas críticas dando a elas objetividade, clareza e imensa retórica. A racionalidade de suas observações, contudo, impedia qualquer vislumbre de falsas considerações ou inferências que pudessem comprometer tanto as suas convicções quanto as daqueles que no calor daqueles idos o liam e o compreendiam. Talvez o texto que melhor fundamente o conceito de “autoctonia continental”, como já aqui salientado seja o influente e popular texto intitulado “Nuestra América”, título que se converterá em primoroso conceito para aqueles que herdaram sua idéias e continuam a desenvolvê-las no intuito de melhor entender as vicissitudes de nosso continente latino. A originalidade deste texto junto a sua importância teórica lança as bases históricas do pensamento martiano sobre Nossa América,

---

<sup>111</sup> CARTA A MANUEL MERCADO. IN: MARTÍ, José. Obras completas. Vol. 04.: Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. pp. 167-168.

convertendo o anti-imperialismo em elemento de uma identidade continental e a base angular do nacionalismo cubano em meio as lutas independentistas. Poucas vezes Martí alude a necessária cubanidade de seu povo com o termo de nação, o que, por motivos óbvios, não o impediu de classificar como nacionalismo o que estava se construindo em Cuba. Contudo, as advertências ao iminente perigo que se alinhava no horizonte de possibilidades após a vitoriosa conquista da independência, segundo o próprio Martí, ampliavam a importãciado componente particularmente anti-Estados Unidos na construção desta necessária identidade. Este peculiar anti-imperialismo destoava naquele momento de qualquer movimento de resitência ao imperialismo europeu que pudesse se desenvolver em outra regiões dominadas.

As qualidades literárias do seminal texto “Nuestra ‘América” são indubitáveis. Martí constrói com a beleza literária característica de escritores de seu tempo um quadro das vicissitudes e características emblemáticas de nosso continente que corroboraram análises sociológicas já evidentes naquele período, assim como serviriam como material para pesquisas posteriores que se debruçaram sobre o tema. Em que pese seu valor sociológico, o impacto psicológico deste texto na formação do nacionalismo cubano foi fundamental para a amálgama das lutas em Cuba. O forte teor antropológico em suas descrições de povos antigos da América funciona como uma espécie de conclave ao resgate de marcas que deveriam ser indeléveis e, por conta da violência dos conquistadores, foram irracionalmente apagadas da história. Isto é um inventário histórico-antropológico de nossas raízes para uma original fundação de “Nuestra América”. O trecho abaixo ratifica nossas observações:

Con los pies en el rosario, la cabeza blanca y el cuerpo pinto de indio y criollo, vinimos, denodados, al mundo de las naciones. Con el estandarte de la Virgen salimos a la conquista de la libertad. Un cura, unos cuantos tenientes y una mujer alzan en México la república, en hombros de los indios. Un canónigo español, a la sombra de su, capa, instruye en la libertad francesa a unos cuantos bachilleres magníficos, que ponen de jefe de Centro América contra España al general de España. Con los hábitos monárquicos, y el Sol por pecho, se echaron a levantar pueblos los venezolanos por el Norte y los argentinos por el Sur. Cuando los dos héroes chocaron, y el continente iba a temblar, uno, que no fue el menos grande, volvió riendas. Y como el heroísmo en la paz es más escaso, porque es menos glorioso que el de la guerra; como al hombre le es más fácil morir con honra que pensar con orden; como gobernar con los sentimientos exaltados y unánimes es más hacadero que dirigir, después de la pelea, los pensamientos diversos, arrogantes, exóticos o ambiciosos; como los poderes arrollados en la arremetida épica zapaban, con la cautela felina de la especie y el peso de lo real, el edificio que había izado, en las comarcas burdas y singulares de nuestra América mestiza, en los pueblos de pierna desnuda y casaca de París, la bandera de los pueblos nutridos de savia gobernante en la práctica continua de la razón y de la libertad ; como la constitución jerárquica de las colonias resistía la organización democrática de la República, o las

capitales de corbatín dejaban en el zaguán al campo de bota de potro, o los re dentares bibliógenos no entendieron que la revolución que triunfó con el alma de la tierra, desatada -a la voz del salvador, con el alma de la tierra había de gobernar, y no contra ella ni sin ella, entró a padecer América, y padece, de la fatiga de acomodación entre los elementos discordantes y hostilea que heredó de un colonizador despótico y avieso, p las ideas y formas importadas que han venido retardando, por su falta de realidad local, el gobierno lógico. El continente descoyuntado durante tres siglos por un mando que negaba el derecho del hombre al ejercicio de su razón, entra, desatendiendo o desoyendo a los ignorantes que lo habían ayudado a redimirse, en un gobierno que tenía por base la razón; la razón de todos en las cosas de todos, y no la razón universitaria de unos sobre la razón campestre de otros. El problema de la independencia: no era el cambio de formas, sino el cambio de espíritu. Con los oprimidos había que hacer causa común, para afianzar el sistema opuesto a los intereses y hábitos de mando de los opresores. El tigre, espantado del fogonazo, vuelve de noche al lugar de la presa. Muere echando llamas por los ojos y con las zarpas al aire. No se le oye venir, sino que viene con zarpas de terciopelo. Cuando la presa despierta, tiene al tigre encima. La colonia continuó viviendo en la república; y nuestra América se está salvando de sus grandes yerros- de la soberbia de las ciudades capitales, del triunfo ciego de los cam- pesinos desdenados, de la importación excesiva de las ideas y fórmulas ajenas, del desdén inicuo e impolítico de la raza aborígen,-por la virtud superior, abonada con sangre necesaria, de la república que lucha contra la colonia. El tigre espera, detrás de cada árbol, acurrucado en cada esquina. Morirá; con las zarpas al aire, echando llamas por los ojos.<sup>112</sup>

As marcas deste texto na conjuntura da independência de Cuba, na forja de seu nacionalismo independentista amparado pela fecunda idéia de cubanidade e de uma originalidade transcendente nos permite concluir que o arcabouço teórico e conceitual que Martí construiu com este e muitos outros de seus textos o coloca como não apenas o grande mentor de um expressivo e compromissado anti-imperialismo que alargou a percepção do perigo da dominação estadunidense que se consolidará na ilha após o fim da guerra com a Epanha, mas também fortaleceu o peculiar nacionalismo cubano que logrará ao longo do conflito contra ametrópole espanhola a unidade necessária à luta independentista que se dispersava em variadas correntes políticas que poderiam colocar em xeque todo o processo. Contudo, este tão necessário nacionalismo, contribui em certa medida para o trágico destino da ilha após a independência com o estabelecimento de uma “República Intervenida” que serviu de modelo para o famigerado imperialismo yanqui. Sobre este assunto nos dedicaremos agora.

### **3.5- O impacto das ideias de Martí na formação do nacionalismo cubano e o desfecho do processo de independência de Cuba.**

---

<sup>112</sup> NUESTRA AMÉRICA. MARTÍ, José. *Obras completas*. Vol. 06:. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. pp. 18-19.

Já consideramos em várias ocasiões aqui o peculiar processo de construção do nacionalismo em Cuba e o também peculiar contexto histórico em que foi formado. As guerras de independência em Cuba deram a este fenômeno na América características que o tornaram ímpar. À luta anticolonialista foi agregado um anti-imperialismo fecundo e original pois direcionava-se a um particular caso, o imperialismo do Estados Unidos. Assim a luta pela independência de Cuba do jugo espanho envolveu também os interesses contra uma metrópole decadente do Antigo Sistema Colonial anacrônico, que era um claro obstáculo ao desenvolvimento de novas formas de exploração colonial e de expansionismo territorial característicos do capitalismo industrial que moldava o mundo a partir do final do século XVIII em diante.

A experiência de Martí, ainda muito jovem, na primeira guerra contra a Espanha lhe deu as coordenadas e o mote para o desenvolvimento de suas ideias, que se tornaram o arcabouço ideológico do movimento organizado por ele na definitiva guerra que se iniciaria em 1895. Em meio a este complexo espaço de tempo, Martí vai percebendo que um dos maiores obstáculos ao sucesso da luta independentista da ilha é a fragilidade provocada por uma fragmentada sociedade que a Cuba colonial expressava. Roberto Fernandez Retamar nos dá uma clara ideia das percepções de Martí desta realidade quando afirma:

As classes cubanas revolucionárias já não são, em 1895, equivalentes às que deslancharam e sustentaram a guerra contra a Espanha na América do Sul. Seus pares guerrearam em Cuba, sem conseguir a independência, entre 1868 e 1878. Sucessivamente a burguesia agrícola cubana se retrai e sonha, inclusive com uma trégua com a Espanha; ou, chegado o momento, com os Estados Unidos. São a pequena burguesia, os pequenos proprietários, os profissionais; os tabaqueiros, a incipiente classe operária em geral; os camponeses pobres, os escravos recém libertados, que levarão o peso dessa guerra popular preparada por Martí e mais parecida, por isso, às revoluções que a China e o México tentarão no começo do século XX. Além do mais, Martí espera deter, com a independência de Cuba, o avanço do imperialismo norte-americano sobre o continente e, logo, sobre o mundo. “Cuba e Porto Rico”, escreve, “entrarão na liberdade com uma *composição* muito diferente, em *época* muito diversa, e com *responsabilidades* muito maiores que os demais povos hispano-americanos”.<sup>113</sup>

As diversas correntes política formadas na ilha neste período e que retratavam muito bem os conflitos e contradições de variados grupos sociais transcendiam os conflitos que caracterizavam

<sup>113</sup> FERNANDEZ RETAMAR, Roberto. “Introdução a José Martí”. In. MARTÍ, José. *Nossa América*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1984. pp.35.

as outras colônias em seus processos de independência. A simples dicotomia criollos *versus* peninsulares não dava conta de uma diversidade de interesses muito maior entre grupos sociais, frações de classe, interesses regionais, como a sistemática diferença entre as características econômicas e sociais das províncias de Oriente e as ricas e prósperas províncias de Ocidente, os dois departamentos que dividiam as províncias coloniais em Cuba. Esta gama diversa de interesses foram alimento para o surgimento de correntes políticas que vão disputar o futuro da ilha no cenário das lutas independentistas. Mesmo porquê, estas disputas eram também influenciadas pelas manifestas ambições dos Estados Unidos no Caribe e na América Central a partir da Doutrina Monroe. Tais fatores fizeram da disputa política na ilha o alicerce da formação de ideologias que legitimariam as variadas formas de luta e estratégias.

Martí ao longo de seu exílio foi percebendo a necessidade de uma amálgama para dirimir diferenças entre estas correntes e apontar para uma unidade política que teria como fim a independência de Cuba em relação a Espanha. Martí via na fragilidade do Reformismo, corrente que defendia a manutenção de Cuba como colônia da Espanha mas com efetiva autonomia, uma possibilidade de agregá-la ao movimento independentista na medida em que a Metrópole não cumprisse suas reformas no intuito de atender as aspirações deste grupo. Os anexionistas, que defendiam a anexação de Cuba aos Estados Unidos como forma efetiva de livrar a ilha do jugo espanhol, eram mais complexos, pois para Martí, Cuba mudaria apenas de Senhor. Contudo, a força deste grupo era inegável. Muitos exilados com recursos que poderiam financiar o movimento e até mesmo trabalhadores cubanos nos Estados Unidos viam na anexação uma excelente oportunidade política, pois livraria a ilha de uma Espanha falida, e econômica, pois poderia expandir o comércio cubano ao promissor mercado estadunidense.

Neste sentido, Martí direcionou seu trabalho político no sentido de criar mecanismos de integração destas variadas correntes sem abandonar a crítica como ferramenta de desconstrução daquilo que percebia com equívocos fatais na construção de uma república liberal democrática, autônoma e soberana. Como intelectual Martí se valeu de uma particularidade da época que se tornou o principal vetor de suas idéias. O século XIX foi marcado por um “*boom editorial*”, que na América Latina se traduziu na reprodução de jornais, periódico voltados a áreas específicas e revistas de caráter científico, literário e artístico. Boa parte das obras de Martí foi publicadas por estes meios em grandes centros urbanos da América espanhola e nos Estados Unidos, alcançando um grande público e também notoriedade, resultado de uma escrita suntuosa e determinada e,

segundo até mesmo seus críticos, encantadora. Tais mecanismos giravam em torno de dois eixos identitários: a autoctonia continental, marcada pela necessidade de reconhecermos as particularidades de uma América diversa daquela do norte, com características forjadas em uma mestiçagem que era a marca de nossa formação, o que ele chama de Nuestra América; por outro lado, era mister, para alcançar os nobres objetivos de liberdade em Cuba, uma identidade nacional, uma cubanidade, como gostava de chamar, alicerçada nesta identidade maior que seria a Nuestra América.

Estas ideias conseguiram em larga medida aglutinar esforços de forças variadas para a luta independentista mas não conseguiram anular por completo estas diferenças. Eram manifestos, por exemplo, desde a Guerra dos Dez Anos os embates entre as lideranças militares e as lideranças políticas do movimento. Martí, no contexto da retomada da luta independentista por Máximo Gómez na década de 1880, rompe com o General e retira seu inconvicto apoio ao que chamava de intemperança e precipitação, por conta de suas desavenças com o veterano de guerra acerca da hegemonia dos militares na época. Em carta dirigida a Gómez, explica:

Señor General Máximo Gómez

New York

Distinguido General y amigo:

Salí en la mañana del sábado de la casa de Vd. con una impresión tan penosa, que he querido dejarla reposar dos días, para que la resolución que ella, unida a otras anteriores, me inspirase, no fuera resultado de una ofuscación pasajera, o excesivo celo en la defensa de cosas que no quisiera ver yo jamás atacadas,--sino obra de meditación madura. .-¿qué pena me da tener que decir estas cosas a un hombre a quien creo sincero y bueno, y en quien existen cualidades notables para llegar a ser verdaderamente grande!- Pero hay algo que está popo' encima de toda la simpatía personal que Vd. pueda inspirarme, y hasta de toda razón de oportunidad aparente: y es mi determinación de no contribuir en un ápice, por amor ciego a una idea en que me está yendo la vida, a traer a mi tierra a un régimen de despotismo personal, que sería más vergonzoso y funesto que el despotismo político que ahora soporta, y más grave y difícil de desarraigar, porque vendría excusado por algunas virtudes, establecido por la idea encarnada en él, y legitimado por el triunfo. Un pueblo no se funda, General, como se manda un campamento; y cuando en los trabajos preparativos de una revolución más delicada y compleja que otra alguna, no se muestra el deseo sincero de conocer y conciliar todas las labores, voluntades y elementos que han de hacer posible la lucha armada, mera forma del espíritu de independencia, sino la intención, bruscamente expresada a cada paso, o mal disimulada, de hacer servir todos los recursos de fe y de guerra que levante el espíritu a los propósitos cautelosos y personales de los jefes justamente afamados que se presentan a capitanear la guerra, ¿qué garantías puede haber de que las libertades públicas, único objeto digno de lanzar un país a la lucha, sean mejor respetadas mañana? ¿Qué somos, General?, ¿los servidores heroicos y modestos de una idea que nos calienta el corazón, los amigos leales de un pueblo en desventura, o los caudillos valientes y afortunados que con el látigo en la mano y la espuela en el tacón se disponen a llevar la guerra a un pueblo, para enseñorearse después de él? ¿La fama que ganaron Vds. en una empresa, la fama de valor, lealtad y prudencia, van a perderla en otra?-Si la guerra

es posible, y los nobles y legítimos prestigios que vienen de ella, es porque antes existe, trabajado con mucho dolor, el espíritu que la reclama y hace necesaria: y a ese espíritu hay que atender, y a ese espíritu hay que mostrar, en todo acto público y privado, el más profundo respeto-porque tal como es admirable el que da su vida por servir a una gran idea, es abominable el que se vale de una gran idea para servir a sus capes lanzas personales de gloria o de poder, aunque por ellas exponga la vida.-El dar la vida sólo constituye un derecho cuando se la da desinteresadamente.<sup>114</sup>

A intransigente mas convicta posição da Martí acerca dos vícios e erros do movimento, das vaidades veladas e dos interesses escusos ampararam-se na clareza de suas ideias e de suas posições. Os grupos de forte inclinação anexionista, como aquele liderado por Tomás Estrada Palma, professor exilado nos Estados Unidos e manifesto anexionista, mas de grande importância na organização dos Clubes que faziam parte da organização de Partido Revolucionário Cubano e de fundamental necessidade para o levantamento de recursos, não só nos Estados Unidos mas também em outros países onde exilados cubanos partidários da independência viviam, eram a força mobilizadora do movimento. Quando Martí parte para Cuba para a luta armada em 1895, Palma assume o posto de Delegado do Partido Revolucionário Cubano e passa a ter forte influência no destino da luta e da organização política do movimento. Ele se tornará o primeiro presidente da República de Cuba após a fatídica Emenda Platt, que consolidou o domínio dos Estados Unidos na ilha após sua independência e a legitimação de Cuba enquanto exemplo do colonialismo no século XX.

O forte componente nacionalista e anti-imperialista no seio da guerra, ou seja, nas forças sociais diretamente envolvidas nos anos de guerra na ilha, era atenuado entre aqueles que dos Estados Unidos tinham forte influência na mobilização de esforços materiais para a manutenção da guerra e mais vulneráveis às investidas de anexionistas cubanos e norte-americanos interessados no desfecho satisfatório do conflito. Este mesmo nacionalismo forjado pelas ideias martianas, que foi capaz de agregar forças em princípio inconciliáveis e deu corpo e força ao movimento independentista também foi responsável, na balança do equilíbrio entre as forças sociais envolvidas, por fortalecer posições políticas estratégicas no movimento, nacionalistas na forma, mas oportunistas em conteúdo. Ou seja, as forças mais radicais do movimento no sentido de não aceitar como desfecho nada menos que a autonomia completa e a

---

<sup>114</sup>AL GENERAL MAXIMO GOMEZ. MARTÍ, José. Obras completas. Vol. 01:. Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. pp. 18177-178.

soberania nacional foram enfraquecendo principalmente após a morte de Martí, logo no início da luta armada, e na medida que os Estados Unidos demonstravam mais incisivamente suas ambições anexionistas, o que fortaleceu entre alguns cubanos essa inclinação. Há evidências, ratificadas no desfecho do processo, que tornam razoável esta afirmação. A de que o mesmo nacionalismo que fortaleceu o independentismo também contribuiu para as ambições imperialistas, na medida que facilitou a entrada dos Estados Unidos no conflito com a Espanha, concluindo a independência mas consolidando sua dominação na ilha até meados do século XX. Em diversas ocasiões, principalmente às vésperas de seu fatídico fim e quando abandona a liderança política para se dedicar como desejava à ação militar, Martí manifestava profundos receios acerca do andamento da política de organização do movimento. Em carta a E. H. Gato escreve:

Sr. E. H. Gato

Mi amigo muy querido:

Vacilo al escribirle. Necesitado de todo, al emprender veloz un nuevo rumbo, no quiero que el saludo que le hago con el alma pueda ser tenido por Ud.,-por muy apremiante y solemne que sea nuestra situación hoy,-como modo disimulado de pesar más sobre un hombre cuya nobleza y fe en mi, quedan ya para siempre en mis entrañas. Pero Gonzalo de Quesada va al Cayo,-por mi va,- a que los cubanos lo rodeen y enseñen a Cuba, en ocasión de él, su corazón actual,-y a hacer porque--en la campaña suprema a que me pongo hoy en camino,-no me falte la pequeñez porque suelen fallar las obras más seguras. Otras, las hace fallar la cobardía o la infamia: y se convierte en triunfo la derrota. Este amigo de Ud. sólo acaba a los pies de Cuba. Entiéndame, pues. Lo amo, y quiero que Gonzalo lo conozca. No quiero abusar de Ud. Y quiero, sí, que Ud. también vea y estime de cerca a un joven que es como hijo íntimo mío, más que el mío propio, porque más me acompaña y ayuda, en mi afán porque Cuba sea al fin tierra de honor,-a este noble Gonzalo de Quesada, que como, Ud., a la hora de servir con su fortuna, sólo cuenta las necesidades de la patria. Muéstremele cariño, que él no es tortuoso ni hipócrita, y sabe bien por mi qué clase de alma es Ud.<sup>115</sup>

Os receios de Martí ante ao influente anexionismo no interior do movimento independentista não foram, manifestadamente expressados, mas há razões para acreditarmos que seus últimos textos, principalmente aqueles epistolares, apontam para uma clara preocupação com o desenrolar da guerra em Cuba a partir da movimentação das lideranças políticas, principalmente aquelas estabelecidas nos Estados Unidos e, por isso, mais vulneráveis a influência de interesses que poderiam destoar dos legítimos objetivos emancipacionistas.

<sup>115</sup> CARTA A E. H. GATO. MARTÍ, José. Obras completas. Vol. 04: Editorial de Ciencias Sociales, LA Habana, 1991. P.51.

Destarte é razoável a afirmação do que expomos ao longo desta empreitada de que o fecundo e característico nacionalismo fundado a partir das ideias de Martí, em certa medida, também contribuiu para o desenlace das lutas de independência em Cuba que culminaram com a indesejável intervenção norteamericana traduzindo seus verdadeiros interesses imperialistas na região e inaugurando a partir daí sua política externa para a América Latina que norteará suas ações ao longo do século XX.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo apresentar as particularidades da construção da identidade nacional em Cuba a partir da contribuição das ideias do intelectual e político cubano José Martí. Mentor intelectual, organizador do movimento e mobilizador incontestado dos vários interesses incorporados no processo independentista cubano no século XIX, Martí forjou um rico arcabouço teórico que serviu tanto de base ideológica para a luta independentista de Cuba quanto para o necessário movimento de resistência ao agressivo imperialismo insurgente dos Estados Unidos.

Buscamos destacar as imbricadas relações entre o particular processo de colonização de Cuba e as conseqüentes contradições no processo de transição ao capitalismo industrial marcado pela Crise do Antigo Sistema Colonial. Neste sentido os conflitos oriundos de uma exploração acentuada e, no século XIX, anacrônica contribuiu para uma insatisfação generalizada que culminará na organização de grupos e correntes políticas que disputarão a liderança de movimentos que se empenharão em transformar a situação colonial em Cuba. O também conturbado século XIX condicionou de forma expressiva a dinâmica política da ilha. De um reformismo paliativo, passando pela solução anexionista e por fim, mais radical, um separatismo incondicional permearam as lutas de independência na ilha que tomaram forma mais acentuada a partir da segunda metade do século XIX.

É neste turbilhão de visões da realidade cubana tão diversas que emerge o pensamento político de Martí que dará forma e, principalmente, coesão ao movimento que selará o destino de Cuba no final do século XIX. Sua preocupação em não cometer os mesmos desatinos de movimentos anteriores, particularmente a Guerra dos Dez anos (1868-1878), fez com que desenvolvesse uma lenta e gradual organização articulada com sua vasta experiência como

exilado, onde vivenciou a realidade política, econômica e social dos recém independentes países da América Latina, sua imprescindível trajetória nos Estados Unidos, onde pode perceber de forma apurada as características de uma realidade social que o ajudou a perceber o abismo que separava “Aquela América” de ‘Nuestra América’. Institucionalizou o movimento ao fundar o Partido revolucionário Cubano (PRC) que deu orientação política ao movimento racionalizando, dentro de um perspectiva Liberal, o movimento. Espalhou células do partido, os chamados Clubes, no intuito de organizar o levantamento de recursos materiais de que o movimento precisava. Neste ínterim sua pena, através de cartas, artigos, manifestos, discursos, poesias, enfim, uma imensa gama de gêneros em que problematizava luta pela independência do jugo espanhol e, ao mesmo tempo, a intransigente ameaça imperialista que apontava no turvo horizonte ao norte.

Todo este material, monumental por sinal, organizado em obra que reuniu em 26 volumes quase todos os seus textos, foi a base de nossas análises que buscava apresentar a particularidade do nacionalismo cubano no processo independentista da ilha e sua forte relação com um anti-imperialismo fecundo que norteará diversos movimentos neste sentido ao longo do século XX. Buscamos a partir da análise de algumas destas preciosas fontes o embasamento para nossas conclusões a partir de nossas hipóteses. Ao longo da pesquisa, percebemos a grande complexidade do tema e o imenso material que poderíamos explorar para respostas mais contundentes. Percebemos com isso que este trabalho se insere em um tímido e inicial trabalho que poderá se desdobrar e continuar com mais abrangência em futuras investidas. Concluimos que diversas questões foram abertas, algumas satisfatoriamente respondidas e muitas outras abriram-se lacunas para outras investigações.

Com isto este trabalho pretende muito mais incentivar o aprofundamento nos estudos sobre este tema do quedar respostas definitivas. Muitas indagações surgiram ao longo da pesquisa que precisam ser respondidas de modo que atenda a magnitude deste tema. A construção do nacionalismo na América não pode ser plenamente entendido como se fosse uma extensão do fenômeno na Europa. Há aqui indícios de particularidades que enriquecem não só o estudo do conceito como o estudo da América como um todo. O eurocentrismo que ainda marca de forma profunda a historiografia americana deve ser combatido ou ao menos atenuados com esforços neste sentido. Esperamos que nosso trabalho tenha contribuído para tal.

## **FONTES.**

CASTRO, José Fernandes de. Medio siglo de Historia colonial de Cuba: cartas a José Antonio Saco ordenadas y comentadas (De 1823 a 1879). Ricardo Veloso, Editor. Avenida de Itália, 62.- Habana- 1923.

MARTÍ, José. Obras completas. Havana: editora Nacional de Cuba, 1963. 26 vols.

PENDAS, Horacio Díaz (Comp.). Historia de Cuba: Documentos e Valoraciones. Editorial pueblo y educación. Playa, ciudad de la Habana- 2007.

## **BIBLIOGRAFIA GERAL**

AYERBE, Luis Fernando. A Revolução Cubana. Coleções Revoluções do século XX – Direção emília Viotti da Costa – Editora Unesp. São Paulo, 2004.

ALTMANN, Werner. México e Cuba: revolução, nacionalismo e política externa. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

BAMBIRRA, Vânia. A revolução Cubana: uma reinterpretação. Coimbra: Centelha, 1975.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. De Martí a Fidel: A Revolução cubana e América Latina- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRUIT, Hector H. Revoluções na América Latina. 4.ed. São Paulo: Atual Editora, 1991.

COGGIOLA, Osvaldo L. A.(org.). Revolução Cubana: Histórias e problemas atuais. São Paulo: Xamã, 2001.

CARDOSO. Ciro Flamarion. Um historiador fala de teoria e metodologia: Ensaio. Bauru, SP: Edusc, 2005

EAGLETON, Terry. *Ideologia*: Uma introdução. Tradução: Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FAR, Dirccion Politica de Las.História de Cuba.Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1985

FERNANDES, Florestan. Da guerrilha ao socialismo: a revolução Cubana. São Paulo: TAQ, 1979.

FERNANDEZ RETAMAR, Roberto. Introdução a José Martí. In. MARTÍ, José. Nossa América. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

FONER, Philip S. La guerra hispano-cubano-americana y el nacimiento del imperialismo norteamericano. 1895-1902. Vol. I: 1895-1898. Traducción: Encina Bodelón Velasco. Manifiesto Historia Akal Editor – Madrid, 1975.

\_\_\_\_\_. La guerra hispano-cubano-americana y el nacimiento del imperialismo norteamericano. 1895-1902. Vol. II: 1898-1902. Traducción: Lucila Benítez. Manifiesto Historia Akal Editor – Madrid, 1975.

GOTT, Richard, Cuba: uma nova história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.

HARNECKER, Marta. Fidel: a estratégia política da vitória. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

\_\_\_\_\_. La revolución social: Lênin y America Latina. Santo domingo: alfaômega, 1985.

\_\_\_\_\_. Cuba: democracia ou ditadura? São Paulo, Global, s/d.

HUBERMAN, Leo e SWEEZY, Paul. Cuba: anatomia de uma revolução. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

JÚNIOR, José Roberto Mao. A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963). Núcleo de Estudos D' O Capital- 1ª ed- Editora do Autor; São Paulo: 2007.

KIERNAN, V.G. *Estados Unidos: o novo imperialismo*. (tradução Ricardo Doninelli-Mendes). – Rio de Janeiro: Record, 2009.

LE RIVEREND, Julio. História economia de Cuba. Havana: editorial de Ciências Sociais, 1985.

LEUCHSENDRING, Emilio Roig de. Martí, Antiimperialista. Segunda Edición – notablemente aumentada. Ministerio de relaciones Exteriores, La Habana- Año de La Educacion, 1961.

MAÑACH, Jorge. Martí, El Apóstol. Editorial de ciencias sociales. Colección Biografía, La Habana, 1963.

MALO DE MOLINA, Gustavo. A Revolução Cubana e a questão Nacional(1868-1963). Editorial pueblo y educación. Playa, ciudad de la Habana- 2007

MORENO FRAGINALS, Manuel. O engenho. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1988.

\_\_\_\_\_. Cuba-Espanha: uma história comum; tradução Ilka Stern Cohen-Bauru, SP: Edusc, 2005

NAVARRO, José Cantón. Historia de Cuba: El desafío del yugo y a estrella. Biografía de un pueblo- Editorial SI-MAR S.A; La habana, Cuba: 2003

PADRÓN, Pedro Luis. Qué república era aquella! Havana: editorial de Ciências Sociais, 1986.

POZO, Jossé del. História da América Latina e do Caribe: dos processos de Independência aos dias atuais. Tradução de Ricardo Rosenbusch – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FERNANDEZ RETAMAR, Roberto. Introdução a José Martí. In. MARTÍ, José. Nossa América. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Cuba em El tránsito AL socialismo: 1959-1963. Havana Editora política, 1979.

\_\_\_\_\_ A revolução cubana. São Paulo: Brasil Urgente, 1992.

RODRÍGUEZ, Pedro Paulo. Martí e as duas Américas; tradução de Ana Corbisier- 1ª- São Paulo: Expressão Popular, 2006

SARTRE, Jean-Paul. Furação sobre Cuba. Rio de Janeiro: editora do autor, 1960.

SANDE, Luis Toledo. Cesto de Llamas: Biografia de Joaé Martí. Editorial de Ciencias sociales, La Habana, 1996.

PALENQUE, Amado. La Campaña de Invasión: 1895-1896. Historia de Cuba- Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1998.

TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América: a questão do outro. Tradução: Beatriz Perrone Moisés.- 4ª ed.- São Paulo; Editora WMF Martins Fontes, 2010.- (Biblioteca do pensamento moderno).

TORRES-CUEVA, Eduardo. VEGA, Oscar Loyola. Historia de Cuba (1492-1898): Formación e Liberación de la Nación. Editorial pueblo y educación. Playa, ciudad de la Habana- 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso. A Espanha e a América no final do século XV: o descobrimento e a conquista. In: WASSERMAN, Claudia (coord). História da América Latina: cinco séculos: temas e problemas – 3ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

### **BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA:**

ANDERSON, Benedict R. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo; tradução Denise Bottman – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AYERBE, Luis Fernando. Estados Unidos e a América Latina: A construção da Hegemonia.- São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). Um mapa da Questão Nacional. Introdução Benedict Anderson; tradução Vera Ribeiro.- Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

- BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira – São Paulo :Editora da Universidade Estadual Paulista,1997.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. 2.ed. In. BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história.
- BURKE, Peter. A escola dos Annales( 1929-1989): a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.
- CARDOSO. Ciro Flamarion. Um historiador fala de teoria e metodologia: Ensaio. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- CASTAÑEDA, J.G. utopia desarmada. São Paulo: companhia das letras, 1994.
- DAVIS, Horace B. para uma teoria marxista do nacionalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DEBRAY, Régis. O marxismo e a questão nacional. In.:SADER, Emir(org). Vozes do século: entrevista da New Left Review. São Paulo: Paz e terra, 1987.
- DOSSE, François. A história em migalhas: dos annales á nova história. São Paulo: ensaio, 1994.
- FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1968.
- FERRO, Marc. A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- \_\_\_\_\_ História das Colonizações: Das conquistas Às independências, séculos XIII a XX. Tradução Rosa Freire d' Aguiar- São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GALEANO, Eduardo. Las venas abiertas de América Latina. Buenos Aires: siglo Veinteuno, 1975.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 2 / ; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HOBBSBAWN, Eric. Era dos extremos. São Paulo: companhia das letras, 1996.
- \_\_\_\_\_nações e nacionalismo desde 1780. rio de Janeiro: paz e Terra, 1990.
- IANI, Octavio. Imperialismo na América Latina. Coleção Documentos da História Contemporânea vol.58. Editora Civilização Brasileira – Rio de Janeiro,1974.
- LAILER, Christiane Vieira. A Segunda Conferência de Paz de Haya – 1907: O Brasil e o sistema internacional no início do século XX. – Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

- LÊNIN, Vladimir Illich. O imperialismo: fase superior do capitalismo. Lisboa: edições Avante, 1975.
- LÖWY, Michael(org.). o marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais; tradutores: Claudia Schilling, Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PAMPLONA, Marco A. & DOYLE, Don H. (orgs.). nacionalismo no Novo Mundo: A formação de Estados Nação no séc. XIX, Tradução: Waldéia Barcellos. Rio poode Janeiro: Record, 2008.
- PAMPLONA, Marco A. MÄDER, Maria Elisa (Org.) Revoluções de Independências e nacionalismos nas Américas: Nova Granada, Venezuela e Cuba. Coleção Margens América Latina; v.3- São Paulo: Paz e Terra, 2009
- PINSKY, Jaime(org.). questão nacional e Marxismo. São Paulo: brasiliense, 1980.
- RAMA, Ángel. A Cidade das Letras. Tradução Emir Sader. – 1ª Ed. – São Paulo: Boitempo, 2015
- RÉMOND, René. O século XX.são Paulo: cultrix, 1993.
- SADER, Emir(org.). Gramsci: sobre poder, política e partido. São Paulo: brasiliense, 1992
- SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. Tradução: Denise Bottmann. Companhia de Bolso, São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Marilene Corrêa da. A questão nacional e o marxismo. São Paulo: Cortez, 1989.
- SIRINELLI, Jean –François. Os intelectuais. In: REMOND, Rene (Org.). Por uma História Política. Tradução Dora Rocha – 2ª Ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003
- SMITH, Anthony D. A Identidade Nacional. Tradução: Claudia Brito. Revisão de texto: Eulália Paula Pyrrait- Gradiva, Lisboa, 1997.
- TUCK, Richard. História do Pensamento Político. IN: BURKE, Peter (org.). A Escrita da história: novas perspectivas; tradução de Magda Lopes.- São Paulo: Editora da UNESP 1992.
- TULCHIN, Joseph S. América Latina x Estados Unidos: uma relação turbulenta. Traduzido por Lavínia Silves. – São Paulo: Editora Contexto, 2016.

